

Roberto Souza Ribeiro

**GEOGRAFIA E IMAGEM: A FOTO-SEQUÊNCIA
COMO METODOLOGIA PARTICIPATIVA NO 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE GEOGRAFIA**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós Graduação em Geografia da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Geografia. Orientadora:
Prof. Dra: Rosemy da Silva
Nascimento.

Florianópolis,
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribeiro, Roberto Souza

GEOGRAFIA E IMAGEM: A FOTO-SEQUÊNCIA COMO
METODOLOGIA PARTICIPATIVA NO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE GEOGRAFIA

/ Roberto Souza Ribeiro; orientadora, Rosemy da
Silva Nascimento - Florianópolis, SC, 2013.

129 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia
e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação
em Geografia. Inclui referências

1. Geografia. 2. Ensino de Geografia. 3.
Geografia e Imagens. 4. Fotografia e Ensino. 5.
Foto-sequência e Geografia. I. Nascimento,
Rosemy da Silva. II.
Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-graduação em Geografia. III.
Título.

Roberto Souza Ribeiro

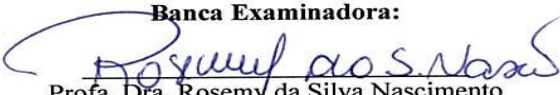
**Geografia e imagem: a foto-sequência como
metodologia participativa no 9º ano do
Ensino Fundamental de Geografia**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção
do Título de “Mestre em Geografia”, e aprovada em sua
forma final pelo Programa de Pós-graduação em Geografia.

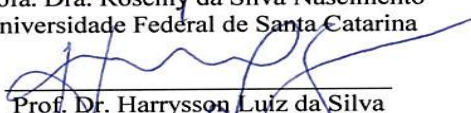
Florianópolis, 14 de agosto de 2013.

Prof. Dr. Márcio Rogério Silveira
Coordenador do PPGG/UFSC

Banca Examinadora:



Prof. Dra. Rosemy da Silva Nascimento
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Harrysson Luiz da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dra. Ana Maria Hoepers Preve
Universidade do Estado de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado a minha mãe e pai Terezinha Souza Ribeiro, por propiciar a transformação de um sonho em realidade, ao meu falecido pai Isaac Ribeiro e aos meus irmãos Juliano, Matuska e Raphael pelo amor e apoio em todos os momentos de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo à Terezinha, minha mãe, pelos primeiros ensinamentos. Aos meus irmãos Juliano, Matuska e Raphael por todas as memórias presentes, e aos meus sobrinhos Pedro, Artur, Catarina e Carolina por me fornecerem grandes alegrias.

A Priscila Mesquita, que com muito amor me acompanhou por todo esse processo árduo e satisfatório de estudo, formação pessoal e profissional, presença fundamental para a contemplação desse sonho.

Agradeço com muito carinho à minha Orientadora Rosemy da Silva Nascimento pela confiança, paciência e contribuições durante todo o processo de trabalho, que como docente compartilha e transforma todo seu conhecimento geográfico e de vida perante todos a sua volta.

Agradeço aos professores da banca examinadora, Harrysson Luiz da Silva, Aloysio Marthins de Araújo Junior e em especial à Ana Maria Houpers Prevê pela colaboração e contribuições para que esse trabalho fosse realizado.

Agradeço imensamente a Universidade Federal de Santa Catarina, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, a todos os professores, funcionários, alunos, amigos, a CAPES, todas as partes que proporcionaram a viabilidade deste estudo.

Agradeço aos autores e compositores que tanto me inspirei ao longo deste processo.

A Deus por sempre estar comigo.

*“Educai as crianças, para que não seja
necessário punir os adultos”.*

(Pitágoras)

RESUMO

O desenvolvimento deste estudo está pautado em três distintos eixos, sendo o primeiro pertencente ao Ensino de Geografia, o segundo a Metodologia Participativa e o terceiro as Imagens no Ensino de Geografia. Tivemos como objetivo principal dialogar sobre o uso das fotografias seqüenciais como disparador e problematizador de conceitos no ensino de geografia. As fotografias seqüenciais captadas pelos próprios alunos, aqui chamadas de foto-sequencia foram desenvolvidas em duas escolas públicas do ensino fundamental II, equivalentes ao 9º ano. Esse trabalho descreve um pouco sobre o processo de estudo da análise da imagem em um viés geográfico e demonstra como se sucedeu a aplicação prática no ensino de Geografia.

Palavras-chave: O uso da Foto-sequência¹, Ensino de Geografia 2; metodologia participativa em Geografia 3;

ABSTRACT

The development of this study is guided by three distinct axes, the first belonging to the School of Geography, the second and third Participatory Methodology Images in Teaching Geography. We had as main objective to talk about the use of photographs as sequential trigger problematizations concepts in geography teaching. The sequential pictures captured by the students themselves, here called photo-sequence were developed in two public schools elementary school II, equivalent to 9th grade. This work describes a little about the process of studying image analysis in a geographical bias, and shows how it succeeded practical application in teaching Geography.

Keywords: Use of Photo-sequence 1, Teaching Geography 2; participatory methodology in Geography 3;

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Pecuária em Bagé, RS. Fonte: (CASTELAR; MAESTRO, 2006. p.193).	44
Figura 2-: Criação de ovelhas, Bagé, RS. Fonte: (PIRES, BELLUCCI, 2009, p.120).	45
Figura 3 - Pelotas, RS. Fonte: (ARARIBÁ, 2007, p.164).	45
Figura 4 -: Fonte: Grupo de pesquisa da UFRJ, metodologias visuais em geografia, 2011.....	56
Figura 5 - Pato ou coelho. http://sinalizando.blogspot.com/2009/05 >.Acesso em: 29/08/2012.....	59
Figura 6 -RenneMagritte; http://anyblogiwant.blogspot.com/2010/08 . Acessoem: 29/08/2012.	61
Figura 7 - Ilusão ótica da escada: acesso 06/07/2012.....	62
Figura 8 http://www.imprensaregional.com.pt/obaluarde/pagina/edicao/2/20/noticia/6205 ;acesso 6/04/2112	64
Figura 9— 9: Mimetismo das Borboletas http://www.imprensaregional.com.pt/obaluarde/pagina/edicao/2/20/noticia/6205 : acesso 06/04/2112	65
Figura 10- Mimetismo do Lagarto http://www.imprensaregional.com.pt/obaluarde/pagina/edicao/2/20/noticia/6205 : acesso 06/04/2112	66
Figura 11-Grafite e ilusão http://vigisantissima.blogspot.com.br/2011_12_18_archive.html	67
Figura 12— Lula e Dilma.	69
Figura 13— Humboldt Bonpland Chimborazo - acesso 15/06/2013	72
Figura 14-Mapas - http://formulageo.blogspot.com.br/2013/02/os-ventos-nos-estados-unidos-mapa-que.html acesso em 12/14/2012.....	76
Figura 15-: Pecuária em Bagé, RS. Fonte: (CASTELAR; MAESTRO, 2006. p.193).	80
Figura 16-Criação de ovelhas, Bagé, RS. Fonte: (PIRES, BELLUCCI, 2009, p.120).	80
Figura 17-Pelotas, RS. Fonte: (ARARIBÁ, 2007, p.164).	81
Figura 18-Praia de Jurerê e Ponte em Florianópolis.Acesso em 15/03/2012.....	83
Figura 19-Indo ao Trabalho. Autoria Vinícius Restinguer.....	95
Figura 20— Indo ao Trabalho II. Autoria Vinícius Restinguer.	95
Figura 21— A turista. Autoria Juliana.....	97
Figura 22— A turista II. Autoria Juliana.	98

Figura 23-A turista III. Autoria Juliana.....	98
Figura 24-Morro do Torquato, autor Gabriel.....	101
Figura 25-Trapiche da Lagoa da Conceição. Autora: Poliana	105
Figura 26-Preconceito com o pobre. Autoria Nicole.	108
Figura 27-Preconceito com o pobre. Autoria Nicole.	108
Figura 28-: Transporte e Exclusão: Autor Sara.....	110
Figura 29-Transporte e Exclusão: Autor Sara.....	110
Figura 30-Transporte e Exclusão: Autor Sara.....	110
Figura 31-Transporte e Exclusão: Autor Sara.....	111

SUMÁRIO

1 – CAPÍTULO: INTRODUÇÃO.....	19
2- CAPÍTULO: IMAGEM E GEOGRAFIA.....	23
2.1. IMAGEM, IMAGO, IMAGINARE E A GEOGRAFIA. ...	23
2.2 - A ANÁLISE DA IMAGEM: UM OLHAR GEOGRÁFICO ...	28
2.3 - FOTOGRAFIAS, REPRESENTAÇÕES DE UMA GEOGRAFIA	34
2.4 - O ESTEREÓTIPO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA: UM VIÉS GEOGRÁFICO.....	37
2.5 - O ESTEREOTIPO DA FOTOGRAFIA GEOGRÁFICA PODE GERAR UMA ILUSÃO ESPACIAL?	39
2.6 - ALGUNS TIPOS DE ESTEREÓTIPOS ENCONTRADOS NA IMAGEM FOTOGRÁFICA GEOGRÁFICA.	42
2.7 - ANÁLISE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS EM UM VIÉS METODOLÓGICO: DESMISTIFICANDO CARACTERÍSTICAS ESTEREOTIPADAS RELATIVAS AO ESPAÇO GEOGRÁFICO.	46
3- CAPÍTULO – METODOLOGIA PARTICIPATIVA DA PESQUISA - AÇÃO EM GEOGRAFIA: UTILIZANDO A FOTO-SEQUÊNCIA..	51
3.1 - A FOTO-SEQUÊNCIA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR...	55
3.2 - O MÉTODO DA FOTO-SEQUÊNCIA: O PLANEJAMENTO:	57
3.3 - APRESENTANDO A FOTO-SEQUÊNCIA E SUAS GEOGRAFIAS.	58
3.4 - 1º AULA; ANALISANDO AS IMAGENS.	59
3.5 - ANALISANDO O PRODUTO E PRODUTOR DA FOTOGRAFIA.	69

3.6 - 2º DIA DE AULA: EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA E AS IMAGENS	71
3.7 - AS IMAGENS “REAIS” DA GEOGRAFIA.	76
3.8 - TRABALHANDO OS ESTEREÓTIPOS DAS IMAGENS GEOGRÁFICAS, NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DE GEOGRAFIA.	78
3.9 - AS FOTOGRAFIAS E SEUS INTERESSES ECONÔMICOS.	83
4- CAPÍTULO: APLICAÇÃO DA FOTO-SEQUÊNCIA.....	85
4.1. - O PERCURSO DA CONSTRUÇÃO: ENFIM A FOTO-SEQUÊNCIA.....	85
4.2. - PRIMEIRA ETAPA DAS ATIVIDADES BASEADAS NA ELABORAÇÃO DA FOTO-SEQUÊNCIA.	86
4.3. - PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES E PROCEDIMENTOS BÁSICOS.	86
4.4 - A APRESENTAÇÃO DAS FOTO-SEQUÊNCIAS.	93
4.5 - AS FOTOS-SEQUÊNCIA DA ACÁCIO GARIBALDE SÃO THIAGO, BARRA DA LAGOA, 8 SÉRIE.....	94
4.6 - AS FOTO-SEQUÊNCIAS DO COLÉGIO HENRIQUE VERAS, LAGOA DA CONCEIÇÃO, 8º SÉRIE, PERÍODO MATUTINO.....	103
5- CAPÍTULO- ANÁLISES DOS RESULTADOS	115
5.1 – IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS	115
5.2 - A METODOLOGIA PARTICIPATIVA DO USO DA FOTO-SEQUÊNCIA.....	118
5.3 - AS POTENCIALIDADES DAS IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO EM GEOGRAFIA.	120
6- CAPÍTULO – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123

1 – CAPÍTULO: INTRODUÇÃO

Um dos desafios da educação na atualidade é buscar na criatividade um processo de aprendizagem onde o ensino não se torne um monólogo entre o professor e o conhecimento. Outro desafio é saber utilizar neste processo educacional as variedades de recursos tecnológicos dispostos em imagens de forma interativa, sem tornar um processo cognitivo único, aleijando as potencialidades de aprendizagem. Sendo assim, esta pesquisa pretende mostrar um viés na metodologia educacional, com base na participação dos estudantes na coletânea de imagens permitindo uma construção de foto-sequências (imagem sequencial) permitindo a construção de conceitos e processos da Geografia escolar. Esta metodologia participativa demonstra a potencialidade de diálogo da imagem sequencial no ensino de geografia escolar, instigando o debate sobre algumas questões pertinentes à imagem quando trabalhada com a informação geográfica.

Sendo assim, esta pesquisa tem como **objetivo geral** apresentar uma metodologia participativa para educação em Geografia no 9º ano do ensino fundamental na construção e análise de fotos-sequências produzidas pelos alunos. Como **objetivos específicos** trazer a luz desta pesquisa reflexões teóricas sobre a linguagem da foto-sequência como meio para a construção do conhecimento, no processo de ensino-aprendizagem da Geografia; analisar as imagens fotográficas nos livros didáticos de Geografia, Castelar & Maestro (2006), Araribá (2007), Pires (2009); analisar o uso da foto-sequência, em sala de aula como metodologia participativa; aplicar a metodologia relativa à Foto-sequência junto aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. E avaliar as potencialidades das imagens para com o ensino e aprendizagem em Geografia.

Caminhando pela temática da educação Geográfica e as imagens, acredita-se que com esta pesquisa pode-se dialogar junto às potencialidades da imagem sequencial no ensino de geografia escolar, debater sobre alguns entraves coerentes à imagem quando trabalhada geograficamente, e cognitivamente, relacionando sua contribuição perceptiva junto aos atores que demandam de uma metodologia diferenciada no ensinar Geografia.

Ressaltando o pensamento inicial dos parágrafos anteriores, a sociedade vive numa época em que há uma disponibilidade de imagens que interagem e que podem mudar os comportamentos, fazendo querer, pensar, cobiçar, detestar, uma gama de sensações ocasionadas pela percepção visual. Não há como fugirmos das imagens, sua utilização

atualmente está generalizada, acabamos sendo levados a utilizá-las, compreendê-las e decifrá-las. O anseio desta pesquisa tende a decifrar de maneira simplificada como estamos intrinsecamente e culturalmente inseridos em contextos imagéticos, e então, conhecendo algumas nuances desse conhecimento difuso, poderíamos estar mais aptos à condição de análise e compreensão de suas potencialidades. Uma análise sobre as imagens utilizadas pela geografia no âmbito escolar pode nos auxiliar na compreensão das diversas linguagens que já trabalhamos geograficamente, a escrita, por exemplo, de um texto, ao não ter relação com a imagem proposta no mesmo texto, pode ser minimizada, perder seu valor interpretativo e de assimilação espacial. Esta proposta de estudo – logo mais descrita em sua aplicação - deve ser efetivada através deste trabalho contínuo.

Com este propósito, a pesquisa se desenvolveu com base na **metodologia pesquisa-ação**, onde vinculamos o pensamento de Thiollent (2005) para melhor explicitar nossa etapa de intervenção e participação na confecção das foto-sequências dos alunos. A pesquisa-ação caracteriza-se por sua razão social - trabalhado na escola municipal - com um viés empírico associado a uma ação de algum modo cooperativo ou participativo, tendo como norte o esclarecimento dos problemas de uma sociedade local e na produção de conhecimento pelos pesquisadores. Na pertinência aos problemas de uma sociedade local nosso trabalho foi totalmente voltado para o foco dos alunos onde eles mesmos buscaram visualizar e problematizar suas visões pela fotografia do local e por uma produção final de um conhecimento participativo.

O processo metodológico que também auxiliou o desenvolvimento desta pesquisa correspondente à oficina a qual tivemos oportunidade de cursar, realizada pelo grupo de pesquisa da UFRJ, orientado pelo professor Paulo César da Costa Gomes, coerente à temática: *metodologias visuais em Geografia*, no ano de 2011, mais especificamente sobre o uso das imagens em um viés Geográfico. Embasado nestes estudos, que desenvolvem pesquisas relativas às metodologias visuais aplicadas à geografia, entende a temática da fotografia como um campo específico da imagem em seu sentido amplo e, portanto, nele incluso. Assim sendo, a fotografia foi descrita como um processo metodológico. Por esse foco a contribuição deste trabalho será a de apresentar a geografia como campo intimamente vinculado à produção de imagens do mundo, dialogando sobre os principais elementos envolvidos na interpretação e produção de imagens com base numa abordagem geográfica. Ainda buscou-se discutir sobre como a imagem atual pode servir de método de estudo no âmbito da geografia

escolar, mas para efetivarmos nossa proposta de utilização da foto-sequência em sala de aula pela perspectiva da inclusão social. Para a consecução dos objetivos a que nos propomos, necessitou-se de antemão de um embasamento teórico relativo ao conceito de imagem e de sua análise, porém, antes da descrição teórico-metodológica faz-se necessário focalizar o termo em seus aspectos etimológicos. Em seguida, houve diálogos sobre os métodos de análise de imagens pela Geografia, buscando formas de análises e compreensões das questões Geográficas junto às imagens, lembrando que a metodologia visual a ser trabalhada é representada pela fotografia, mais especificamente pelo uso da Foto-sequência. É importante ressaltar que há necessidade de conhecimento prévio sobre a análise das fotografias para que assim haja um maior potencial para desenvolver uma análise Geográfica.

Quanto ao aporte teórico foram abordadas três áreas de conhecimento distintas, mas intrínsecas ao desenvolvimento de pesquisa, como as imagens na educação e as imagens na educação geográfica. No estudo sobre a análise das imagens utilizaremos como base teórica autores, como; Martine Joly (1996), Jacques Aumont (1993), Susan Sontag (1993), Gilles Deleuze (2007) Phillippe Dubois (1993), entre outros, que nos fornecerão um embasamento sobre os diferentes dispositivos existentes quando se ousa usar uma imagem. Na questão das imagens inclusas em um viés didático, utilizou-se pensadores, como; Mônica Fantin (2000) e (2006), Marcos Napolitano (2010) Lana Cavalcanti (2012), sendo alguns dos pilares que irão fornecer subsídios para nossa proposta metodológica seja efetiva no âmbito do ensino. E na abordagem sobre a Geografia e as imagens tem-se como embasamento os pensadores, Wenceslao de Oliveira Jr (2009), Dorren Massey (2009), Paulo César da Costa Gomes (2011), Milton Santos (1987) e (2009).

Ponderando sobre essa vasta história entre, imagem junto à geografia e suas diferentes contribuições perante distintos estudos, pretende dialogar sobre como atualmente às imagens podem servir de método participativo de estudo no âmbito da geografia escolar, onde compreender o mundo ao qual pertencemos é buscar definições e explicações geográficas sobre nossas maneiras de relacionarmos com o espaço. Esta demanda de teorias, estudos e conceitos são quase que infinitas pela geografia, sendo que toda forma de organização social em todo o mundo, estão sempre se modificando, ao longo do tempo e espaço. Por sermos uma sociedade em constante transformação e adaptação pelos mais diversos ramos de organização, o espaço geográfico também o é, assim, recorrer à análise da imagem para termos

uma compreensão da demanda geográfica em um determinado espaço, faz-se necessário para alcançarmos a compreensão sobre como estamos nos modificando enquanto sociedade.

Na parte prática desta pesquisa, foi escolhida as turmas relativas ao 9ºano matutino e vespertino do ensino fundamental das escolas Acácio Garibaldi São Thiago e Henrique Veras, respectivamente das localidades, Barra da Lagoa e Lagoa da Conceição, onde se buscou descrever como procuramos levar essa compreensão de forma metodológica no ensinar Geografia, como trabalhamos com nossos alunos do Ensino Fundamental a relação de imagem e signos, tentando sempre gerar uma análise sistemática, operacional, deixando fluir a imaginação.

2-CAPÍTULO: IMAGEM E GEOGRAFIA

2.1. IMAGEM, IMAGO, IMAGINÃRE E A GEOGRAFIA.

Interessar-se pela imagem é também buscar conhecimento sobre nossas diferentes relações com o espaço, é compreender como evoluímos no tempo e espaço, como planejamos o passado e futuro. “Ler uma imagem” é ter capacidade de interpretar o espaço geográfico, pelos nossos diversos tipos de representações e signos visuais que nos acompanham ao longo de nossa história como humanidade. Dialogando sobre o ponto em comum encontrado em uma análise da imagem e a Geografia, podemos destacar as diferentes significações que relevamos ao analisar um espaço ou uma imagem. Ao vermos uma imagem e estruturarmos em conceitos geográficos, estamos praticando uma analogia de espaço real e perceptivo, como descrito por Martine Joly “Material ou imaterial, visual ou não, natural ou fabricada, uma “imagem” é antes de qualquer coisa algo que se assemelha a outra coisa” (1996, p.38).

Assemelhar e representar são analogias que nos geógrafos somos intrinsecamente dependentes, ao pensarmos o mundo, ao fazermos a “*Geo – Grafia*” do mundo está espacialmente representando diferentes dispositivos de assimilações e explicações visuais de um mundo geográfico. Como citado “A imagem convém ainda insistir, é também e em primeiro lugar um objeto do mundo, dotado como os outros de características físicas que tornam perceptíveis. Entre essas características, uma é espacialmente importante em termos de dispositivo” (AUMONT, 1993, p.143).

Na busca conceitual relativa à palavra imagem, deparamos com um campo quase que inacessível de abordagens, algumas semelhantes, outras nem tanto, dentro do campo da etimologia a palavra imagem sofre novamente distintas denominações entre diferentes civilizações, e pelo fator tempo histórico. Para um maior esclarecimento, embasamos no conceito descrito pelo dicionário etimológico da língua portuguesa, onde encontramos a definição;

Imagem *sf.* ‘Representação de um objeto pelo desenho, pintura, escultura etc.’ ‘Reprodução mental de uma sensação na ausência da causa que a produziu’ ‘reflexo de um objeto no espelho ou na água’ ‘figura, comparação, semelhança’ | XIII, *ymagen*, XIII, *omagen* XIII, *imagêe* XIVetc. | Do

lat. *Imago-ginis* || *imaginação* XIV. Do lat. *Imaginato-ōnis* || *imaginante* 1881 || *imaginar* | *emaginar* XIV, *enmaginar* XIV etc. Do lat. *Imagināre* || *imaginário* XVI. Do lat. *Imaginārius* || *imaginativa* sf. ‘arte de fazer imagens’ XVI. Do lat. *Imaginōsus* || *imagismo* XX. Do ing. *Magism*, de *image* ‘imagem’ deriv, do fr. *Image* e, este, do lat. *Imago- ginis* || *imagista* XX. Do ing. *Imagisit* || *imago* XX. (CUNHA, 2007, p. 425).

Como vemos, o termo imagem possui sua gênese no Latim (*imago-ginis*). Observemos que o termo expressa a capacidade de formar uma imagem mental de algo, já pela derivação de *Imago* “imagem representação” da mesma raiz de *imitari*, “copiar, fazer semelhante”. Essa capacidade de formar uma imagem mental de algo ou de copiar, fazer semelhante, contempla um ideal peculiar à Geografia. Voltando-nos à epistemologia da Geografia, a imagem sempre esteve presente nos métodos de análise geográfica. Na geografia moderna de Karl Ritter e Humboldt dentre tantos outros, por exemplo, pensar geografia como ciência se deu pelo estudo do sistema natural das relações espaciais como objeto da geografia a imagem vista ou grafada passou a integrar um processo empírico de corroboração de seus métodos de análise.

Ponderando sobre essa vasta história entre, imagem junto à geografia e suas diferentes contribuições perante distintos estudos, pretendemos dialogar sobre como a imagem atualmente pode servir de método de estudo no âmbito da geografia escolar. Mas antes de a está descrição de proposta metodológica faz-se necessário içar o termo imagem em aspectos atualmente “debatidos” pela Geografia. Assim, pensando a imagem por um viés geográfico, recorreremos à menção abaixo para termos um maior entendimento relativo aos conceitos e significados que nos são pertinentes, suas diversidades e significação representadas, quando se ousa analisar.

O termo imagem é tão utilizado, com tantos tipos de significação sem vínculo aparente, que parece bem difícil dar uma definição simples dele, que recubra todos seus empregos. De fato, o que há de comum, em primeiro lugar, entre um desenho infantil, um filme, uma pintura mural ou impressionista, grafites, cartazes, uma imagem mental, um logo tipo, “falar por imagens” etc.? O

mais impressionante é que, apesar da diversidade de significações da palavra, consigamos compreendê-las. Compreendemos que indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece. (JOLY, 1996, p. 13).

Como “reconhecemos” as imagens trabalhadas pela geografia? Os mapas, cartas, paisagens e vídeos, seja qual for a imagem em análise, sua função é dar suporte ao entendimento do espaço geográfico, mas nem sempre a imagem que ampara a análise do espaço é pertinente ao estudo em questão. Então, quais são os procedimentos de análise de uma imagem pela Geografia escolar? Por estas questões, podemos refletir que ao se questionar uns espaços geográficos já estão amparando-se em algum tipo de imagem, real ou não, tecnológico ou artístico. Deste modo, tentando suprir a busca do sentido da imagem que pretendemos geografizar, embasamos na descrição abaixo, para termos um maior entendimento relativo à interpretação das imagens, mas lembre-se, sempre pensando no âmbito Geográfico;

Se a imagem contém sentido, este deve ser lido por seu destinatário, por seu espectador: é todo o problema da interpretação da imagem. Todos sabem, por experiência direta, que as imagens, visíveis de modo aparentemente imediato e inato, nem por isso são compreendidas com facilidade, sobretudo se foram produzidas em um contexto afastado do nosso (no espaço ou no tempo, as imagens do passado costumam exigir mais interpretação). (AUMONT, 1993, p. 262).

As imagens em sua essência são consideradas como um instrumento, difusor de mensagens, um meio comunicador entre pessoas, as imagens por si só também funcionam como um aparelho de intercessão entre o homem e o próprio mundo. Podemos ressaltar que as imagens agem como uma produção humana que visa estabelecer uma relação com o mundo, relação está permeada por características geográficas, como espaço, tempo e percepção, que são compreendidas através da linguagem visual, amparada sobre nossas experiências

diretas, tanto no âmbito científico quanto no de nossa vivência cotidiana. Enfatizamos que, ao levarmos em conta um determinado espaço geográfico, estamos nos amparando em algum tipo de imagem, real ou não, tecnológico ou artístico.

De antemão a busca pelo sentido da imagem junto à geografia, faz-se necessário pensar nas imagens como um método pedagógico, utilizado em sala de aula. Analisando as referências a respeito das potencialidades das imagens, e suas especialidades, tanto cognitivas quanto aplicativas, tivemos um embasamento que nos forneceu suporte para compreender quão vasto é o ramo do conhecimento sobre as imagens, e quanto estes estudos são permeados pela geografia. No âmbito da geografia os estudos focalizados na contribuição das imagens em geral já não são tão vastos assim, ou melhor, atualmente estão ganhando maior visibilidade. Buscando embasamento sobre as diferentes utilizações da imagem junto aos métodos geográficos, recorremos à citação explicitada por Wenceslao Machado de Oliveira Jr, onde encontramos uma abordagem relativa às imagens e a geografia de forma bem esclarecedora, ao relatar;

Vertentes mais recentes, como a Geografia Cultural e a Geografia Humanística, passaram a tomar para si as imagens com fenômeno de interesse geográfico, partindo do princípio de que elas atuam fortemente na atual partilha do sensível, realizada também nas narrativas em imagens acerca do mundo no qual vivemos. (2009, p. 18).

Compreender o mundo ao qual pertencemos é buscar definições e explicações geográficas sobre nossas maneiras de relacionarmos com o espaço. Esta demanda de teorias, estudos e conceitos são demandas quase que infinitas pela geografia, sendo que toda forma de organização social em todo o mundo, estão sempre se modificando, ao longo do tempo e espaço. Por sermos uma sociedade em constante transformação e adaptação pelos diversos ramos de organização, o espaço geográfico também o é, assim, recorrer à análise da imagem para termos uma compreensão da demanda geográfica em um determinado espaço, faz-se necessário para alcançarmos a compreensão sobre em que estamos nos modificando enquanto sociedade

As transformações espaciais ocorrem constantemente - neste momento de sua leitura é bem provável que esteja ocorrendo algo em

algum espaço mundial, transformando alguma estrutura social – e é importante sabermos como podemos estruturar tais conceitos geográficos, estáticos ou não, em um contexto histórico atual. Recorrer às imagens pode ser um auxílio, as representações em formas de imagens podem nos fornecer um embasamento prévio de diferentes realidades as quais não estamos em afinidade, ou até mesmo, as quais ainda não têm conhecimento. Nós geógrafos somos espectadores desta grande peça teatral que é o mundo – seja ela natural ou social - e buscar respostas por nossas vivências não é nenhuma novidade no campo da geografia. Para um maior entendimento dessas questões faz-se pertinente o comentário aqui explicitado por Maria Helena B. V. da Costa: “Isto é, o espaço de representação tem o potencial de estruturar geograficamente a paisagem e a experiência dos personagens e, por extensão, a vivência do espectador” (2009, p. 113).

Ao dialogarmos com a temática imagem, relativamente também estamos abordando a questão da representação, pois enquanto espectador de uma imagem, cada qual interpreta pela sua vivência. Estamos inseridos em uma representação espacial, por tanto, faz-se necessário compreendermos melhor o que significa “representar”, sendo que, o conceito de representação possui uma essência difusa, e recebe diferentes denominações em diferentes áreas da ciência. Utilizaremos à palavra “representação” de acordo com a definição de Jacques Aumont, onde encontraremos uma grande relação com a representação necessária para uma análise geográfica;

De fato, a noção de “representação” e a própria palavra estão carregadas de tantos estratos de significação acumulados pela história, que é difícil atribuir-lhes um único sentido, universal e eterno. Entre uma representação teatral, os representantes dos povos na câmara, a representação fotográfica e pictórica, há enormes diferenças de status e de intenção. Mas de todos esses usos da palavra, pode-se reter um ponto comum: a representação é um processo pelo qual se institui um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar do que representa. (1993, p. 104).

Tomar o lugar do que se representa, não parece nenhuma novidade para geografia, mas obter essa aptidão junto às imagens trabalhadas no ensinar não é tão pretérito assim. Ao pensar a

representação por um viés mais geográfico, ou melhor, ao tomar o lugar da imagem como uma representação geográfica embasou na descrição feita por Wenceslao Oliveira Jr, onde se faz pensar em “estar” enquanto “sentido”;

Representar aqui está no sentido de *estar- no-lugar- de* e não de *ser- o -mesmo -que*. No entanto, notadamente no que se refere às fotografias, aos filmes e às obras televisivas, esta distinção é quase sempre apagada, um sentido tornando-se outro... (2009, p. 21).

Esta descrição do significado de representação aqui utilizada vai ser útil na medida em que iniciarmos nossa descrição prática de proposta de aplicação, relativa às metodologias visuais. Não teremos a ambição de aprofundar nosso dialogo sobre suas funções cognitivas e psicológicas pertinente ao tema, mas sim, sobre como uma análise representativa de uma imagem pode fornecer potenciais para um estudo geográfico espacial.

Poderíamos dialogar inteiramente nesta pesquisa, sobre definições de imagem, mas, tentamos descrever antemão ao uso das imagens – seja em pesquisas, em aulas, ou consultorias – faz-se necessário compreender alguns dispositivos de interpretação e aplicação de uma imagem, independente de sua metodologia ou função. Assim partiremos agora para uma breve descrição relativa à análise de uma imagem, mas, sempre direcionando no âmbito da geografia escolar, que corresponde ao nosso foco de estudo.

2.2 - A ANÁLISE DA IMAGEM: UM OLHAR GEOGRÁFICO

Mas, para além de a imagem ser uma realidade em si mesma, ela nos faz mirar o mundo da maneira como ela o apresenta. (WENCESLAO, 2009, p.19).

As imagens estão por aí, cabe a nós apreciá-las, questioná-las, compreender seus signos, compará-la com outras interpretações, buscar formas de analogia com nossos anseios de interpretações. Amparar-se nas imagens em um viés geográfico pode nos levar a uma busca por uma verificação do que vivenciamos espacialmente, no entanto, será que estamos preparados para essa análise? Quanto mais cedo tentar

decodificar os métodos de análise das imagens, mas preparados estaremos para compreender e aplicar suas habilidades em um âmbito geográfico.

A análise de uma imagem não é, e não será ocasionada por uma metodologia fixa, exata ou cartesiana, é necessário um processo de estudo em devir, dinâmico e maleável as características de nossos objetivos. Mas termos um norte para conseguirmos alcançar este processo de análise, pode nos fornecer um grande subsídio para futuros métodos de análise. Como descreve o autor ao dialogar sobre os diferentes métodos de análise de uma imagem: “A observação do uso da mensagem visual analisada, assim como seu papel sociocultural, pode mostrar-se muito preciosa a esse respeito” (JOLY, 1996, p.59).

Uma menção importante a se descrever é que as imagens não são os elementos que se representam, não possuem as ligações químicas nem tão pouco os fenômenos físicos aos quais estão presentes no *real elemento*. “De fato, nem sempre é inútil lembrar que as imagens não são as coisas que representam, elas se servem das coisas para falar de outra coisa” (JOLY, 1996, p.84). Mas de qualquer forma compreender a retórica da imagem em si e sua representação, é uma forma de interpretação, questionamento de anseio para o conhecimento, esse jogo visual entre “real” e “representado” é que nos dá a forma interpretativa dos sentidos. Por tanto, ao tentarmos analisar uma imagem geograficamente estamos expostos ao jogo perceptivo de recepção, então, como adquirir tal aptidão metodológica? Delineamos a menção aqui referenciada para buscarmos uma idéia mais concreta sobre esse ponto em questão;

Do ponto de vista metodológico, a conduta é interessante e passível de reprodução. Chamando a atenção para os diversos componentes da imagem, tem o mérito de colocar em evidência a heterogeneidade da imagem. Seus materiais são múltiplos e articulam suas significações específicas umas às outras para produzir a mensagem global (JOLY, 1996, p.74).

Por tanto, a abordagem analítica aqui proposta depende de certo número de escolhas, pensar sobre o eixo de significação e não, por exemplo, da emoção ou no valor estético da imagem, já é um objetivo a ser contemplado. Ao tentar analisar uma imagem, precisamos compreender quais são nossos objetivos – aqui trabalhados pela

Geografia escolar – alçar nossos ideais num âmbito de planejamento, questionar uma representação espacial por si só é fazer surgir uma Geografia. Nesta tentativa de ler uma imagem, devemos ter o conhecimento que estamos buscando referenciais em um foco dado por algum expectador, ou seja, em uma foto percebendo o foco do fotógrafo, em um desenho pelo criador, em um vídeo pelo cinegrafista, em um grafite pelo artista grafiteiro. Esses recortes de espaços e paisagens feitos pelos mais diversos reprodutores de imagem, são focos perceptivos, possuem algum ideal, pois, ao se focar alguma coisa ou elemento estamos excluindo, muitos outros. Em questão de análise é necessário pensar no além da imagem, no por traz e pela frente que não estamos contemplando visualmente, estes antes e depois são limites extremos que ainda não reconhecemos com tanta facilidade, pois não é por acaso que as grandes indústrias de marketing investem cada vez mais na propaganda visual. Como descrito de forma sucinta por Gilles Deleuze; “Não somente a imagem é inseparável de um antes e de um depois que lhe são próprios, que não se confundem com as imagens precedentes e subseqüentes, mas, por outro lado, ela própria cai num passado e num futuro, dos quais o presente não é mais que um limite extremo, nunca dado” (DELEUZE, 1990, p.52).

Tentamos explicitar que ao analisar uma imagem ou sua mensagem, devemos pensar que “foco” o que queremos “ver”, ou melhor, como estamos sendo receptadores desta mensagem. Dar um entendimento a função da imagem pode ser a investigação ou verificação de seu funcionamento pedagógico, “a imagem pode ser a *busca* ou a *verificação* das causas do bom ou do mau funcionamento de uma mensagem visual” (JOLY, 1996, p.48). Esta proposta de estudo – logo mais descrita em sua aplicação - deve ser efetivada através de um trabalho contínuo, para entendermos melhor está explanação buscamos os dizeres do autor citado para pensarmos melhor sobre a relação de análise e compreensão pelo olhar.

No entanto, é errado acreditar que o hábito da análise mata o prazer estético, bloqueia a “espontaneidade” da recepção da obra. Devemos nos lembrar que a análise continua sendo um trabalho que exige tempo e não pode ser feito espontaneamente. Em compensação, sua prática pode, a posteriori, aumentar o prazer estético e comunicativo das obras, pois aguça o sentido da observação e o olhar, aumenta os conhecimentos e, desse modo, permite captar mais informações

(no sentido amplo do termo) na recepção espontânea das obras. (JOLY, 1996, p.47).

É evidente que a interpretação aqui exposta deverá ser voltada a um contexto de emissão e recepção da mensagem visual, buscando verificações de interpretação através de suas intenções expostas, por tanto, pela Geografia. Pontuando nas imagens trabalhadas no âmbito geográfico, temos uma gama de imagens trabalhadas nas distintas correntes epistemológicas, com diferentes interpretações, relativa ao espaço e ao tempo. Assim, buscamos a reflexão do autor para refletirmos como as imagens somam a Geografia assim como a Geografia soma as imagens;

A crescente sofisticação das tecnologias de informação e comunicação sob a influência das epistemologias “pós” (pós-estruturalismo, pós-modernismo, pós-colonialismo, etc.) estimulou um forte interesse na cultura visual em geral e na leitura de imagens em particular. Portanto, a dimensão espacial dessas representações materiais, sejam elas fotos, gráficos, mapas, filmes ou pinturas, ainda é um aspecto pouco explorado nas pesquisas (SEEMANN, 2009, p. 46).

Para gerarmos uma análise, podemos dizer que necessitamos de alguns esforços, um pouco de imaginação, pois, para compreender melhor o que a mensagem visual nos apresenta concretamente, necessitamos nos esforçar para imaginar que outra coisa, poderíamos interpretar. Possibilidades de interpretações pessoais são tantas e tão variadas, um ramo extenso de percepções, em compensação, esses esforços podem nos fornecer outras visões, formas de ler, categorias de análise muito relevante aos estudos Geográficos.

Gerar novas interpretações por esforço de observação já é um ganho ao se trabalhar uma imagem no ensino de Geografia escolar, entender a função da imagem além do que está explícito deveria ser um exercício indispensável para sua análise. Junto a esses esforços podemos ressaltar as considerações que devemos preceder a uma análise da mensagem visual, sendo, por um lado, o estudo de sua função e, por outro, o contexto de surgimento. Sobre essa nossa fala relativa à observação em um viés mais treinado – de questionamentos – o autor relata formas de se analisar uma imagem no âmbito do consumo; “Há

observação um pouco atenta da imagem publicitária pode ser muito rica desse ponto de vista e permite detectar verdadeiras descobertas retóricas”. (JOLY, 1996, p.85).

Discorremos aqui sobre essas questões a fim de suprir uma demanda que a Geografia possui há tempos, a de utilizar-se de imagens estereotipadas para explicar relações espaciais bem mais complexas, analisar o contexto fornecedor da mensagem visual é também dialogar qual é sua função no contexto estudado, é entender em que conteúdo ela está sendo direcionada, isto é determinante para o aluno possuir uma compreensão do que a imagem quer lhe dizer. Como relatado;

A significação global de uma mensagem visual é construída pela interação de diferentes ferramentas, de tipos de signos diferentes: plásticos, icônicos, lingüísticos. E que a interpretação desses diferentes tipos de signos joga com o saber cultural e sociocultural de espectador, de cuja mente é solicitado um trabalho de associações (JOLY, 1996, p. 113).

Temos como demanda deste trabalho, descrever como tentamos buscar a compreensão de forma metodológica no ensinar Geografia, como trabalharemos com nossos alunos do ensino fundamental na relação de imagem e signos, tentando sempre gerar uma análise sistemática, operacional, mas com muita imaginação. Para entendermos melhor como os signos de uma mensagem visual pode nos fornecer um método de análise espacial;

As razões para essa opção são operacionais: “se a imagem contém signos, é certos que em publicidade esses signos são plenos, formados com vistas à melhor leitura: a imagem publicitária é *franca* ou pelo menos enfática” A imagem publicitária, “com toda certeza intencional”, portanto, essencialmente comunicativa e destinada a uma leitura pública, oferece-se como o campo privilegiado de observação dos mecanismos de produção de sentidos pela imagem. A própria função da imagem publicitária é ser rapidamente compreendida pelo maior número de pessoas. (JOLY, 1996, p.71).

A realidade em que vivenciamos está cercada por imagens, a dos alunos que estudam Geografia não é diferente, sejam por redes sociais, sites, filmes, vídeo clipes, games, televisão, cinema dentre tantos outros ramos da mídia o contato com as imagens é quase que “natural”. Por tanto, como instrumentalizar estas mensagens no âmbito Geográfico? Ao olhar uma imagem – dentre tantas expostas nas mídias – já estamos escolhendo, pesquisando e interpretando, essas ações são relativas ao apreender, ou seja, compreender a significação de uma imagem é buscar referências socioculturais para explicar as associações de elementos visíveis em um espaço em recorte. Como descrito fora do âmbito geográfico, mas com grande semelhança a ciência geográfica;

De fato, julgamos uma imagem “verdadeira” ou “mentirosa” não devido ao que se representa, mas devido ao que nos é dito ou escrito do que representa. Se admitirmos como verdadeira entre o comentário da imagem e a imagem, vamos julgá-la verdadeira; se não, vamos julgá-la mentirosa. (JOLY, 1996, p.117).

Neste capítulo da pesquisa tentamos dissertar como a imagem pode ser bem mais que parte de uma leitura ingênua e corriqueira, e sim, descrever sua capacidade de exploração bem mais além, em alguns contextos como sendo uma ferramenta metodológica participativa de ação ao questionar-se o espaço Geográfico. Para o aluno que busca sua formação geográfica básica, as imagens podem levar a uma interpretação sobre suas especificidades enquanto mensagem e também como cultura. No âmbito das mídias as imagens são de grande importância para a geografia, pois, com alguns meios de análise elas deixam o seu caráter de simples imagens. Determinar as funções das imagens, decifrar seus signos, imaginar, ler além do que ela mostra visualmente são critérios de referências a serem trabalhados pela Geografia escolar. Nesse sentido, propomos logo mais, métodos que podem se mostrar operatórios, que irão situar os diversos tipos de imagens no esquema da comunicação, comparar os usos da mensagem imagem com os das principais produções humanas designadas a situar à relação entre homem e o mundo, por um viés da comunicação, da historicidade de sua interpretação e de suas especificidades culturais.

O trabalho do analista é precisamente decifrar as significações que a “naturalidade” aparente das mensagens visuais implica. “Naturalidade” que,

paradoxalmente, é alvo espontâneo da suspeita daqueles que a acham evidente, quando temem ser “manipulados” pelas imagens (JOLY, 1996, p.43).

2.3 - FOTOGRAFIAS, REPRESENTAÇÕES DE UMA GEOGRAFIA

A imagem fotográfica, como traço do real, sucinta fenômenos de crença inéditos até o momento de sua invenção. Mas Barthes vai mais longe: não apenas acreditamos na foto, na realidade do que a foto representa, mas esta última produz uma verdadeira relação sobre o objeto representado. A “foto do fotógrafo” implica encenação significativa que tem de ser decodificada pelo espectador de modo cognitivo; mas a foto do espectador acrescenta a essa primeira relação uma relação plenamente subjetiva, em que cada espectador se investirá de forma singular ao apropriar-se de certos elementos da foto que serão, para eles, como pequeno pedaço destacados do real. (AUMONT, 1993, p. 130).

Discorrendo sobre a descrição acima, não pretendemos questionar se uma imagem fotográfica representa ou não a realidade – pois existem muitas controvérsias por distintos pensamentos – mas sim como a imagem fotográfica pode ser um elemento de intervenção nos estudos geográficos, como cada indivíduo apropria-se de elementos de seu cotidiano ao analisarem uma imagem fotográfica. Esse reconhecimento prévio de um espectador sobre uma imagem representa nosso objetivo de estudo, ao aplicar a foto-sequência em sala de aula, acreditamos que ao produzir uma imagem fotográfica sequencial, seja quem for, estará fazendo uma leitura de um espaço geográfico através de seus conhecimentos prévios, a propósito do espaço estudado. Relativo ao reconhecimento prévio entre espectador e imagem, temos uma gama de estudos pertinentes à temática, onde encontramos autores como Susan Sontag, Martine Joly, René Gardies, Gilles Deleuze, mas no campo geográfico as referências ainda não são tão vastas assim. Propondo uma visão geográfica da questão remetemos à citação de Wenceslao Oliveira Jr, onde o autor aborda a importância relativa ao modo de pensarmos a realidade, amparando-se nas imagens, dialogando a questão entre imagens e ações no espaço geográfico.

Na estreita destes pensamentos, a presença das imagens é de grande importância no modo como pensamos e agimos na realidade, no espaço geográfico. Essas imagens podem ser tomadas tanto como parte das práticas discursivas – signos de uma linguagem –, quanto como objetos do mundo – obras da/cultura. (2009, p. 18).

A fotografia como parte processual do entendimento de conceitos geográficos ainda não está sendo estudada em suma, às vezes utilizamos uma fotografia em sala de aula sem ao menos pensarmos em seu contexto de mensagem, ou seja, o que ela realmente quer nos dizer. O uso da fotografia pode constituir em uma grande experiência devolutiva, e não, mas um aspecto decorativo no ensinar.

Ao adentrarmos em uma sala de aula e perguntarmos para nossos alunos, como é o sertão nordestino? Recebemos quase sempre as mesmas respostas, *é seco, tem pobreza, não a água, não tem nada*. Como eles adquiriram esses conhecimentos? Podemos dizer que grande parte deste conhecimento adquirido por tais alunos vem de imagens fotográficas utilizadas pela geografia, onde as representações das paisagens e espaços se dão por cenários estereotipados. Sim no sertão pode haver falta de água, mas é só isso? Tentando inibir esse tipo de imagem fotográfica geográfica estereotipada, acreditamos que a utilização da foto-sequência pode servir como mais uma metodologia de ensino, em que o próprio aluno representa e apresenta o espaço geográfico por sua visão. Ao aluno saber que a fotografia é dar foco a algo, e excluir muitos outros elementos, já terá a noção de que nem tudo representado em uma imagem representa o todo daquilo fotografado.

Podemos concluir que o grau de credibilidade das imagens- bem como o conteúdo confiável de cada imagem- é resultado de um processo complexo, no qual perpassam a natureza da imagem obtida por procedimentos mecânicos ou eletrônicos; a característica de representação da atualidade das imagens: e o compromisso com a verdade, assumido pelo contexto de comunicação onde essas imagens aparecem, seja numa conversa entre amigos, um telejornal, um livro didático, um artigo científico. Mas a credibilidade não se ampara somente nesse tripé: penetra a própria linguagem com a qual as imagens são criadas ou

postas narrativamente. (OLIVEIRA Jr, 2009, p. 22).

Na citação acima podemos refletir acerca da verdade imposta pela imagem, pela proposta tendenciosa de quem a repassa. A credibilidade de uma imagem não está somente nos elementos ao quais fazem parte, mas também no contexto, no focar e excluir dos cenários. Justificando nossa proposta de aplicação da foto-sequência- logo mais descrita em seu processo metodológico – obtivemos este anseio por não concordarmos com grande parte das imagens fotográficas geográficas apresentadas nos livros didáticos, essas imagens em suma possuem uma credibilidade um tanto quanto questionável, os cenários focalizados nestas representações estão generalizando e excluindo grande parte das culturas locais brasileiras. A fotografia normalmente apresentada por um espaço geográfico é “real”, mas não contempla a realidade espacial como um todo, e isto é a peça chave deste estudo. Demonstrar como podemos representar aquilo que focamos, e até mais, em uma análise de uma imagem como podemos “visualizar” elementos não presentes na mesma imagem, buscamos reflexões sobre a construção destas memórias pelas imagens. O autor citado abaixo relata de forma bem esclarecedora como as crenças, realidades e memórias presentes nas imagens, nos servem de auxílio para com o estudo das imagens em um âmbito geográfico.

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como uma ferramenta de expressão e comunicação. Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitui uma *mensagem para o outro*, *mesmo* quando esse outro somos nós mesmos. Por isso, uma das precauções necessárias para compreender da melhor forma possível uma mensagem visual é buscar para quem ela foi produzida. (JOLY, 1996, p.55).

É complexo e cada vez mais difuso buscar o entendimento de realidade dentro de uma análise imagética, mas também, isso nos fornece diferentes eixos de interpretações e análise do espaço geográfico, fornecendo-nos novas formas de visão e conseqüentemente novas conclusões sobre diferentes demandas. Sobre essa relação entre

realidade e real, buscamos os dizeres da Valéria Cazetta para termos uma maior elucidação da questão abordada;

As imagens materializam e congelam momentos de nossa imaginação acerca do mundo. Elas nos dizem como podemos capturá-lo, ainda que parcialmente, por meio de aparelhos. Nos dias atuais, as possibilidades de obtenção de imagens sobre o real, sejam de que tipos forem, aumentaram sobre maneiras e, por conseguinte, também os dizeres sobre o real ou realidade. (2009, p.72).

O fato é que não estamos dando vez para as potencialidades das imagens, nem aos alunos produzirem suas imagens geográficas, no âmbito da fotografia é o mesmo. Quando um aluno vê repetidamente fotografias relativas à poluição ambiental, de rios sujos, ao tentar reproduzir tal imagem relativa à geografia seu foco será o mesmo rio sujo, mesmo sendo que, no lugar onde ele vivencie não possua rio algum. Neste caso, onde fica a pureza da percepção local? Onde os alunos representam seu cotidiano? Cadê o seu cenário? Portanto, podemos nos referenciar na descrição feita por Susan Sontag sobre a pureza, ou melhor, a credibilidade de uma fotografia, para refletirmos como as fotografias ainda ganham status de verdade; “O fato de uma fotografia ser louvada por sua pureza e honestidade indica que quase toda fotografia, certamente, não é pura”. (SONTAG, 1981, p 84).

2.4 - O ESTEREÓTIPO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA: UM VIÉS GEOGRÁFICO.

Dialogando junto aos usos das imagens fotográficas nos livros didáticos de Geografia, relatamos que grande parte destas imagens possui características semelhantes, onde demonstram aspectos intrínsecos ao espaço estudado. Isto nos levou a refletir que se a análise da imagem fotográfica pelos professores e alunos não for aprofundada, não houver um estudo sobre os dispositivos de interpretação, estas imagens Geográficas podem cair em um uso clichê, tais como ao analisarmos as imagens fotográficas utilizadas na geografia escolar, relatamos que partes destas imagens são representadas por mensagens visuais um tanto quanto estereotipadas, ou seja, demonstram realidades culturais e espaciais do autor da foto e na maioria das situações que não

condizem com a realidade espacial do todo em questão, ou pelo menos não contempla o todo de um espaço geográfico.

Este questionamento sobre as representações fotográficas utilizadas no ensino de Geografia faz-se necessário ao pensarmos que raramente os professores utilizam métodos de análise de imagens fotográficas junto aos alunos para contemplação de suas aulas, mesmo quando o foco de estudo é direcionado ao lugar ou cotidiano que o aluno está inserido. Tomando como embasamento a citação abaixo, podemos pensar um pouco mais na relação do nosso objetivo proposto aos olhos do observador, aqui representado pelas fotografias, como relatado por Martine Joly (1996, p.48).

Demonstrar de fato que a imagem é uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea, que, nessa qualidade, distingue-se do mundo real e que, por meio de signos particulares dele, propõem uma representação escolhida e necessariamente orientada, distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que a sua ausência ou presença significam relativizar sua própria interpretação, ao mesmo tempo em que se compreendem seus fundamentos: todas garantias de liberdade intelectual que a análise pedagógica da imagem pode proporcionar.

Olhando para as imagens Geográficas representadas nos diversos livros didáticos junto ao ensino fundamental, observamos que um elevado número destas representações fotográficas possui um caráter um tanto duvidoso, um viés estereotipado. Podemos dizer que são representações visuais que apresentam características semelhantes em uma abordagem cultural e espacial, onde se representa sempre os mesmos elementos naturais, transformados e culturais de um espaço Geográfico, por tanto, acabam excluindo muitos outros elementos, gerando assim, uma concepção de espaço equivocada e indutiva sobre a concepção Geográfica do meio em questão. Ousamos aqui refletir um pouco sobre o significado de “verdade” representado na maioria das fotografias Geográficas, pertencentes aos livros didáticos, no entanto, para termos um melhor esclarecimento deste fato recorreremos à citação de Wenceslao de Oliveira Jr (2009, p.21), onde em sua descrição podemos refletir sobre “*a aura de verdade irrefutável*” de uma imagem:

Fotografias e filmes têm, em nossa cultura, esta aura de verdade irrefutável que algumas imagens nos trazem... Tanto por manterem uma semelhança física - visual e auditiva - como o real que “representam” quanto por acreditarmos que essa correspondência entre os objetos fotografados ou filmados e a fotografia ou o filme desse objeto seja fruto de um processo inevitável, disparado no momento exato em que se aperta o botão da máquina em captura.

Tentando desmistificar esta verdade irrefutável inclusa nas fotografias utilizadas pela Geografia, discorreremos aqui o quão é importante sabermos o que a mensagem visual está nos mostrando, e mais ainda, sobre o que ela não está nos representando. Como descreve o Joly (1996, p. 58), ao questionar a “realidade” de uma imagem: “Uma foto de reportagem testemunha bem uma certa realidade, mas também revela a personalidade, as escolhas, a sensibilidade do fotógrafo que a assina”. Não estamos refutando as possibilidades de utilização de uma imagem fotográfica no ensino, e sim, dialogando o quão é necessário termos conhecimentos dos diferentes dispositivos de análise e produção de uma imagem fotográfica com fins didáticos, para que assim, haja uma maior exploração de seus dispositivos e conseqüentemente de seu potencial relativo às concepções Geográficas.

A busca pelo conhecimento básico para uma formação Geográfica por meio de representações imagéticas – aqui tratada pela fotografia - é feita em todos os níveis de ensino, por diferentes temas, conteúdos e problemáticas, no entanto, será que estamos contemplando ideologicamente a realidade espacial geográfica explicitada somente em uma imagem fotográfica? Será que o fotógrafo que capturou tal ato, em um espaço, sabia que sua reprodução seria utilizada para explicar um espaço múltiplo e complexo? Que sua fotografia seria utilizada em um livro didático para contemplar tal conteúdo Geográfico?

2.5 - O ESTEREOTIPO DA FOTOGRAFIA GEOGRÁFICA PODE GERAR UMA ILUSÃO ESPACIAL?

A semelhança cede lugar ao índice. Nesse caso, a opacidade proporciona à imagem a força da própria coisa e provoca o esquecimento de seu caráter representativo. E é esse esquecimento (bem mais do que uma semelhança excessiva) que

provoca uma maior confusão entre imagem e a coisa. (JOLY, 1996, p. 40).

A exposição de uma imagem fotográfica no ensino de geografia e posterior debate sobre sua representação espacial junto aos alunos é respectivamente direcionar os olhares para uma análise sobre os elementos perceptíveis na fotografia, como citado “O espaço ocasiona uma representação altamente simbólica” (AUMONT, 1993, p.240). Ao trabalharmos com imagens fotográficas que tende a formar expectativas sobre algum conteúdo escolar, precisamos preparar nossos alunos frente a uma análise de imagem mais aprofundada, para que assim, não se forme uma representação Geográfica referenciada por uma imagem clichê. Faz-se necessário um desenvolvimento metodológico de análise de uma fotografia em um âmbito espacial, temporal e principalmente no devir relativo à representação capturada pelo fotógrafo, ou seja, o que ele quis apresentar, ou melhor, qual é a principal mensagem visual ali apresentada. De forma bem esclarecedora Gilles Deleuze (2007, p.32), disserta sobre essa relação de verdade presente em uma imagem, sobre o clichê presente em grande parte das mensagens visuais:

Por um lado a imagem está sempre caindo na condição de clichê: porque se insere em encadeamentos sensório-motores, porque ela própria organiza ou induz seus encadeamentos, porque nunca percebemos tudo o que há na imagem, porque ela é feita para isto (para que não percebamos tudo, para que o clichê nos encubra a imagem...).

Propomos com esta explanação não a desvinculação das imagens dos livros didáticos de Geografia, mas sim, uma melhor metodologia funcional no ensinar geografia, pelo visual fotográfico. Levar nossos alunos a um pensamento mais analítico de uma imagem, buscar indagações perante as diversas mensagens visuais presentes em uma fotografia, pode ampliar o potencial científico imposto em uma fotografia sobre a Geografia escolar. A fotografia didática em suma, tende a ser um registro automático de um espaço cultural, assim, uma análise sem aprofundamento, pode funcionar como uma condição de armadilha ideológica, pois sugere ao espectador a aceitar a perspectiva legítima de representação e crer que a fotografia é mesmo um registro do real. Como descrito “Muitas dessas imagens-que-dizem-do-mundo querem ser vistas como o próprio real manifestando-se diante de nós.

Desejam ser tomadas como informações-em-imagens passíveis de serem localizadas no mundo além-imagens” (OLIVEIRA Jr, 2009, p.21).

A ilusão a qual tratamos é a de formação espacial de um lugar pela representação de uma fotografia Geográfica. “O espectador acredita até certo ponto na realidade do mundo imaginário representado na imagem” (AUMONT, 1993, p.113).

Infelizmente, os geógrafos, assim como outros profissionais da educação, não se preocupam, e por vezes menosprezam a contribuição que as imagens podem fornecer à compreensão dos conteúdos escolares. Interessar-se pela imagem é também buscar conhecimento sobre nossas diferentes relações com o espaço, é compreender como evoluímos no tempo e espaço, como planejamos o passado e futuro. “Ler uma imagem” é ter capacidade de interpretar o espaço geográfico, pelos nossos diversos tipos de representações e signos visuais que nos acompanham ao longo de nossa história como humanidade.

“Fotografar” ou “mapear” não são mais verbos restritos ao ato de usar a máquina fotográfica ou aos princípios da cartografia para produzir uma imagem. Dizem respeito à alta credibilidade das imagens que lhe são subjacentes – fotografias e mapas – e ao lugar que elas ocupam na produção do real. Para uma grande parte das pessoas, essas imagens não são obras humanas, mas a própria realidade impressa em papel ou visualizada na tela. Não é muito diferente o que ocorre com o uso do verbo “filmar” e com a relação em que se estabelece com os filmes, principalmente os que dizem se documentários. (OLIVEIRA Jr, 2009, p.25).

De fato não estamos pensando sobre a potencialidade das imagens, nem dando a chance aos alunos produzirem suas imagens geográficas. Conforme já dito, não pretendemos minimizar a importância das fotografias no ensinar Geografia, e sim, dar potencial metodológico em sua interpretação espacial, seja qual for o conteúdo estudado.

No campo da Educação, desde Comênio, as imagens aparecem como tendo potência educativa. Nos tempos atuais, elas não mais aparecem apenas como partícipes da criatividade e

da eficiência das ações didáticas, mas também, sobretudo tendo em si mesmas uma dimensão pedagógica, uma potência subjetivadora e de pensamento, como o afirmam autores tão díspares e tão próximos quanto Deleuze e Pasolini. (OLIVEIRA Jr, 2009, pág.18).

2.6 - ALGUNS TIPOS DE ESTEREÓTIPOS ENCONTRADOS NA IMAGEM FOTOGRÁFICA GEOGRÁFICA.

Quando nos propomos a analisar de maneira didática as imagens fotográficas pertencentes aos diversos livros, observamos que grande parte destas, propõe semelhanças representativas, gerando uma concepção de espaço geográfico induzida. Nesta parte de nosso diálogo almejamos destacar alguns tipos de estereótipos observados, onde constatamos que as mensagens visuais estão induzindo a uma interpretação espacial Geográfica de analogia de elementos com espaços fechados, onde não há uma relevância dos outros tantos elementos componentes do espaço em questão.

O uso das fotografias em um caráter analógico pode gerar concepções de espaços equivocadas, preconceitos e falsas interpretações espaciais. Jacques Aumont (1993, p.212), aborda de maneira sucinta a questão em que estamos debatendo, relatando:

As imagens analógicas, portanto, foram sempre construções que misturavam em proporções variáveis imitação da semelhança natural e produção de signos comunicáveis socialmente. Há graus de analogia, segundo a importância do primeiro termo – mas a analogia nunca está ausente da imagem representativa.

Podemos relatar que encontramos estereótipos de imagens Geográficas relativas a gêneros, divisões regionais, classificações econômicas, etnias, cultura, formações espaciais, espaços urbanos, em diversos âmbitos Geográficos. A utilização das imagens citadas acima tende a ter uma característica contraditória em sua representação, podemos pensar que isso também ocorre pela sua insuficiência informativa e pela sua linguagem direcionada a certos elementos de uma paisagem, e não sobre sua complexidade. Assim referenciamos nos dizeres do autor para termos um maior esclarecimento sobre nosso argumento exposto:

Reconhecer alguma coisa em uma imagem é identificar, pelo menos em parte, o que nela é visto com alguma coisa que se vê ou se pode ver no real. É, pois um processo, um trabalho, que emprega as propriedades do sistema visual. (AUMONT, 1993, p. 83).

Por tanto, ao analisarmos as imagens fotográficas que abordam as regiões Brasileiras, percebemos que grande parte destas, representa os mesmos elementos, elementos estes que realmente pertencem às regiões abordadas, no entanto, não contemplam os diversos outros que não estão inseridos na mensagem visual fotográfica. Como explica Sontag (1981, p.4), “A fotografia aparentemente não constitui depoimento sobre o mundo, mas fragmento desses, miniatura de uma realidade que todos podemos construir ou adquirir”.

Tomando como exemplo as mensagens visuais que representam este caráter estereotipado relativo às regiões do Brasil, verificamos que grande parte apresenta o Sul como povoamento europeu, gado, riqueza, o Sudeste sendo as indústrias, poder econômico e financeiro, trabalho e desenvolvimento, o Norte como florestas, índios, selva, o Nordeste como seca, miséria, atraso econômico, e o Oeste tendo pantanal e paisagens naturais. O caso é que essas regiões se caracterizam por múltiplos fatores que não são contemplados na maioria das fotografias e representam características tão importantes quantos às constantemente apresentadas.

Podemos exemplificar a abordagem fotográfica encontrada ao tratarmos da região Sul, onde grande parte das imagens fotográficas mostra a pecuária relacionada às tradições gaúchas de cultura, descrevem realidades de um espaço como sendo único presente no lugar. Sim, são elementos marcantes da região, mas se a imagem mostra estas paisagens, e os textos abordam sobre as mesmas, onde ficam os outros elementos paisagísticos do espaço geográfico em questão. Grande parte dos alunos será induzida a acreditar que o Sul não há aldeias Indígenas, que não encontramos grandes centros Urbanos. Se não pensarmos as imagens com nossos alunos e somente as expor, levaremos a uma concepção espacial de espaço clichê, como descreve o autor “Podemos dizer que as imagens são parte cada vez mais intensa da multiplicidade que compõem o espaço atual”. (OLIVEIRA Jr, 2009, p.18).

É preciso rever a posição de algumas fotografias que são apresentadas nos livros didáticos, pensarmos um pouco sobre o que

estamos representando no ensinar Geografia, questionarmos enquanto professores o que nossos alunos necessitam para obter uma maior compreensão dos espaços Geográficos. Conduzir a uma formação não equivocada, que fortaleça os valores democráticos e éticos junto aos conceitos centrais da Geografia.

Devemos ressaltar que nossa proposta tem um âmbito de diálogo sobre a relação de estereótipo e imagem, não pretendemos fazer uma análise detalhada das imagens pertencentes ao diversos livros didáticos. Questionando a utilização das imagens estereotipadas, expomos algumas imagens fotográficas abaixo, para podemos exemplificar visualmente as semelhanças presente entre as paisagens utilizadas na caracterização da região Sul do Brasil, perante o espaço Geográfico.

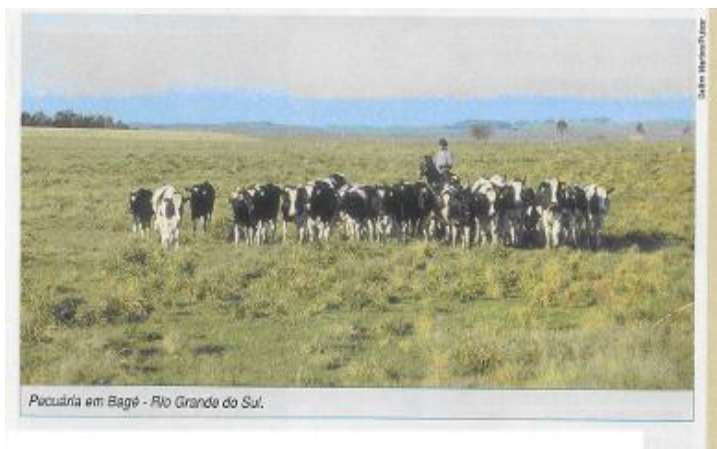


Figura 1- Pecuária em Bagé, RS. Fonte: (CASTELAR; MAESTRO, 2006. p.193).

É notória a semelhança entre o foco do fotógrafo e a representação das paisagens propostas, assim, pensamos onde está o cultivo de fumo, soja, as pequenas produções. Levar a uma generalização espacial, como dito antes, é excluir muitos outros elementos do espaço Geográfico.



Figura 2-: Criação de ovelhas, Bagé, RS. Fonte: (PIRES, BELLUCCI, 2009, p.120).

Essa analogia entre fotografia e espaço, nos fez refletir se essas generalizações espaciais não possuem algum propósito, se os estereótipos em escala regionais não são feitos para a submissão de lugares por interesses políticos, econômicos e culturais.



Figura 3 - Pelotas, RS. Fonte: (ARARIBÁ, 2007, p.164).

Talvez a questão de mensagem estereotipada tenha uma maior relação com os métodos de ensino do que com sua própria representação, mas como descrevermos sobre as geografias menores, ou sobre os espaços sufocados, quando encontramos nos livros didáticos

sempre a abordagem dos mesmos conteúdos, representados pela Geografia da vez.

Assim, a partir da exibição de um filme, da observação de uma imagem, deve iniciar-se uma pesquisa que se fundamente nas categorias de análise do espaço geográfico e nos fundamentos teóricos da geografia. O recurso visual assume, assim, o papel que lhe cabe: problematizador, estimulador para pesquisas sobre os assuntos abordados, a fim de desvelar preconceitos e leituras rasas, ideologias estereotipadas sobre lugares e povos (BRASILIA, 1998).

2.7 - ANÁLISE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS EM UM VIÉS METODOLÓGICO: DESMISTIFICANDO CARACTERÍSTICAS ESTEREOTIPADAS RELATIVAS AO ESPAÇO GEOGRÁFICO.

Uma das funções primordiais da análise é sua *função pedagógica*. Embora possa se exercer um contexto institucional como a escola e a universidade, a análise com objetivo pedagógico não se atém a ele. Pode ser feita nos locais de trabalho, na qualidade da extensão cultural, mas também na própria mídia que utiliza a imagem. O que pode ser uma boa maneira de o espectador escapar à impressão de manipulação, aliás, tão temida. (JOLY, 1996, p. 48).

O uso das fotografias perante o ensino de Geografia é essencial para o conhecimento social de qualquer indivíduo, porém, a analogia das fotografias com espaços Geográficos não deve ser entendida como um empecilho para a compreensão das relações espaciais seja em qualquer região. A fotografia clichê tem se expandido cada vez mais no âmbito do ensino, formando concepções espaciais preconceituosas, e de escalas não compatíveis com a realidade dos locais. “A fotografia de uma mesma pessoa numa cabine fotográfica automática, em uma foto de família, em uma foto de moda, em uma foto de reportagem ou em uma foto “de arte” não significará a mesma coisa”. (JOLY, 1996, p.128). Por está citação questionamos, será que representar o espaço geográfico sempre pelas mesmas fotografias é a melhor metodologia de explanação espacial?

Faz-se necessário buscarmos novos meios metodológicos para analisarmos as fotografias, olharmos por um novo código visual, pois a fotografia transforma e expande nossas noções sobre o que nos ampara, e o que efetivamente podemos observar. Precisamos ultrapassar a intencionalidade que a mensagem visual nos propõe, e saber reconhecer o que é representar em partes um espaço Geográfico, pois, no entanto, uma menção importante a se descrever é que as imagens não são os elementos que se representam. “De fato, nem sempre é inútil lembrar que as imagens não são as coisas que representam, elas se servem das coisas para falar de outra coisa” (JOLY, 1996, p.84).

Observamos que uma análise imagética nos fornece diferentes eixos de interpretações e análise do espaço geográfico, fornecendo-nos novas formas de visão e linguagens, conseqüentemente novas conclusões fora de um âmbito estereotipado. Esta abordagem sobre as imagens pode nos fornecer respostas frente nossa relação com o espaço geográfico, compreender as potencialidades da imagem é o mesmo que ser alfabetizado em outra linguagem. As representações em formas de imagens podem nos fornecer um embasamento prévio de diferentes realidades as quais não estamos em afinidade, ou até mesmo as quais ainda não temos conhecimento.

Assim, a verdadeira revolução das imagens, se houver alguma, está distante, atrás de nós, na época em que, ao reduzirem-se progressivamente a mero registro (por mais expressivo que fosse) das aparências, perderam a força transcendente que havia possuído. Pode perceber-se hoje uma retomada da imagem através da multiplicação das imagens: mesmo assim, nossa civilização ainda continua a ser, quer se queira ou não, uma civilização da linguagem. (AUMONT, 1993, p. 328).

Acreditamos que a academia necessita voltar mais seus olhares para as abordagens atuais da imagem, e a Geografia enquanto ciência ou campo do conhecimento não pode ficar desatenta a esta questão, somos formadores de cidadãos e de opiniões, necessitamos gerar uma compreensão de mundo mais ampla e um mundo adepto a novas leituras. Está pretensão de alcançar uma análise das imagens junto à geografia, é um processo árduo, dinâmico e desafiador, mas, esta aplicação pensada em um caráter pedagógico, pode fornecer grande auxílio ao ensinar geografia. Trazemos a descrição abaixo para

embasarmos como a imagem trabalhada com objetivos e propostas podem nos fornecer um grande subsídio ao analisá-las;

Dissemos que uma boa análise se define, em primeiro lugar, por seus objetivos. Definir o objetivo de uma análise é indispensável para instalar suas próprias ferramentas, lembrando-se que elas determinam grande parte do objeto da análise e suas conclusões. De fato, a análise por si só não se justifica e tão pouco tem interesse. Deve servir a um projeto, e é este que vai dar sua orientação, assim como permitirá elaborar sua metodologia. Não existe um método absoluto para análise, mas opções a serem feitas ou inventadas em função dos objetivos. (JOLY, 1996, p.50).

Nesta proposta de estudo, tivemos como principal objetivo apresentar a geografia como campo intimamente vinculado à produção de imagens do mundo; discutir os principais elementos envolvidos na interpretação e produção de imagens a partir de uma abordagem geográfica, refletindo acerca dos estereótipos na produção imagética, como citado “A leitura geográfica de imagens exige uma metodologia visual, não necessariamente limitada a aportes geográficos”. (SEEMANN, 2009, p. 47).

Acreditamos que com esta pesquisa tivemos a oportunidade de dialogar junto às potencialidades da fotografia no ensino de geografia escolar, debater sobre alguns entraves coerentes à imagem quando trabalhada em clichês. Pretendemos mostrar como a fotografia pode ser um elemento de intervenção nos estudos geográficos. Como relatado por Joly (1996, p.48):

Demonstrar de fato que a imagem é uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea, que, nessa qualidade, distingue-se do mundo real e que, por meio de signos particulares dele, propõem uma representação escolhida e necessariamente orientada, distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que a sua ausência ou presença significam, relativizar sua própria interpretação, ao mesmo tempo em que se compreendem seus fundamentos: todas garantias de liberdade intelectual que a análise pedagógica da imagem pode proporcionar.

A imagem pode nos fornecer instrumentos de intercessão entre o homem e o próprio mundo, desvendar as diversas produções humanas que estabelecem uma relação com o mundo visual, servindo para ver o próprio mundo e interpretá-lo. “Palavras e imagens são como cadeira e mesa: se você quiser se sentar à mesa, precisa de ambas” (JOLY, 1996, p.115).

Concluimos que o ponto comum entre as diversas significações diferentes da palavra “imagem” nos remete, antes de mais nada, à analogia. Visual ou não, natural ou artificial, uma “imagem” é antes de tudo algo que se assemelha a outra coisa. A idealização de sua compreensão está içada na necessidade de levar em conta alguns contextos da comunicação, da história de sua interpretação e de suas especificidades culturais. Querer analisar a imagem em um viés geográfico e pedagógico não estereotipado pode ser bem mais eficaz do que nossos objetos iniciais, por tanto, tentar decifrar, analisar, entender o espaço pelas imagens pode nos fornecer grandes resultados no âmbito da ciência Geográfica.

A linguagem visual é diferente, e sua segmentação para análise é mais complexa. Porém, de um ponto de vista metodológico, lembraremos mais uma vez o princípio de permutação por meio de distinguir os diversos componentes da imagem. O que exige um pouco de imaginação, mas pode se revelar bem eficaz. (JOLY, 1996, p.52).

Esperamos que ao final deste processo, podemos contribuir com o vasto campo do ensino pertencente às diferentes metodologias, seja essa contribuição em forma de produção teórica ou prática, faz-se necessário darmos vez a essa temática junto às pesquisas acadêmicas nacionais. “Uma educação que tem como objetivo a autonomia do sujeito passa por municiar o aluno de instrumentos que lhe permitam pensar, ser criativo e ter informações a respeito do mundo em que vive”. (CALLAI, 2008, p.103).

Dando sequência à temática da foto-sequência no auxílio do ensino de geografia, propomos aqui um viés pela inclusão educacional, mas essa inclusão não se dá somente aos alunos com necessidades especiais, e sim aqueles que não possuem oportunidades de concluir sua formação no Ensino Fundamental dentro dos anos estabelecidos pelo MEC, ou por aqueles que não conseguem desenvolver suas habilidades de leitura sobre uma imagem, por falta de orientação e oportunidade.

3- CAPÍTULO –METODOLOGIA PARTICIPATIVA DA PESQUISA – AÇÃO EM GEOGRAFIA: UTILIZANDO A FOTO-SEQUÊNCIA.

Para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. Ou, em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento. (GIL, 2011, p. 8).

Para efetivarmos nossa pesquisa em uma possibilidade de verificação enquanto método de ensino de geografia, a consolidação do trabalho voltou-separa metodologia participativa da pesquisa - ação, como descrita por Thiollent (1995, p.14), “consiste na resolução e esclarecimento dos problemas de uma sociedade local e na produção de conhecimento pelos pesquisadores”.

Direcionamos sempre a atuação efetiva dos participantes no processo educativo, sem considerá-los meros receptores. Focamos nosso aprendizado coletivo nos conhecimentos e informações no enfoque colaborativo, valorizamos os conhecimentos e experiências dos participantes, envolvendo-os na discussão, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas cotidianas, através da construção de roteiros, estudos, captação de imagens fotográficas, apresentação, diálogos e relatório final. Essa experiência pedagógica foi baseada no prazer, na vivência e na participação em situações reais e imaginárias, onde através de técnicas de dinâmica os participantes conseguiram, por meio de muita imaginação, trabalhar situações concretas relacionadas aos conceitos geográficos escolares. Podemos representar aqui a metodologia participativa sendo parte integrante da pesquisa – ação, conceituado por Thiollent (1995, p.14), como:

... É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no quais os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo.

A definição desta metodologia deu-se em função da mesma apresentar características lúdicas através das imagens e a participação

efetiva dos alunos na construção do conhecimento, pois entendemos como foto-sequência à utilização sequencial de fotografias em um roteiro linear ou não, onde as imagens irão dar suporte ao conhecimento de conceitos e demandas trabalhadas pela geografia escolar. Em nossa proposta trabalhamos com as fotografias como parte de um processo didático, focado no aprendizado da Geografia escolar, sendo que a chave deste processo é de que cada aluno produza sua própria foto sequência, ou seja, o foco é do aluno. Acreditamos que ao produzir uma imagem fotográfica sequencial, seja quem for, estará fazendo uma leitura de um espaço geográfico, dialogando sobre as veridades dos fatos, através de seus conhecimentos prévios, a propósito do espaço estudado, como mencionado:

A ciência tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. Neste sentido não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua veracidade (GIL, 2011, p. 8).

Confiamos que a Foto-sequência aqui referida como um método pode levar o aluno conceber novas linguagens ao se estudar Geografia, o aluno ao ter autonomia em confeccionar sua sequência, certamente já estará exercitando novos meios de interpretar o espaço geográfico. Uma potencialidade da imagem sequencial que podemos descrever é a de levar o aluno a relacionar o visual com seus conhecimentos escolares geográficos, representar-se diante de um espaço cotidiano, abordando temáticas de distintas ordens, do local ao global, como menciona a autora; “A fotografia implica de nossa parte, um conhecimento e uma aceitação do mundo tal como a câmara registra. O que, porém, é o contrário do entendimento que já começa por não aceitar o mundo tal como ele é”. (SONTAG, 1981, p 22).

Assim a fotografia aqui sugerida possui um caráter de contribuição à educação, à compreensão e tolerância ao espaço geográfico, levando uma possibilidade de investigar determinado instante, trabalhando impulsos às pretensões cognitivas da visão, como explicitado:

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu

ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos (TRIPP, 2005 p. 443).

Nesta descrição propomos um diálogo sobre os processos educativos de ensino aprendizagem junto às novas didáticas utilizadas para com o saber geográfico, relatar experiências e demonstrar como a prática do ensino de Geografia pode permear por novas formas ou recursos tecnológicos, a fim de minimizar a exclusão do conhecimento. Tomando como referência a abordagem que Wenceoslaio Oliveira Júnior faz sobre as *Geografias Menores*, buscamos expor um olhar pela perspectiva de uma *Geografia Inclusiva*, frente todas as dificuldades encontradas ao nos especializarmos em nosso dia a dia irão retomar a citação abaixo.

No campo da Educação, desde Comênio, as imagens aparecem como tendo potência educativa. Nos tempos atuais, elas não mais aparecem apenas como partícipes da criatividade e da eficiência das ações didáticas, mas também, sobretudo tendo em si mesmas uma dimensão pedagógica, uma potência subjetivadora e de pensamento, como o afirmam autores tão díspares e tão próximos quanto Deleuze e Pasolini. (OLIVEIRA Jr., 2009, pág.18).

Buscamos discorrer sobre novas metodologias no ensino de geografia, acreditando na fundamental necessidade de construirmos uma inclusão imagética escolar, essas novas linguagens, maneiras, jeito de trabalhar podem contemplar grande parte das dificuldades que os professores tendem a encontrar no momento de realizar seus planejamentos de aula, sobretudo no que diz respeito à tentativa de suprir as distintas dificuldades pessoais de cada educando.

Pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento. (GIL, 2011, p. 8).

Quando nós professor buscamos novos caminhos em nossas práticas, e selecionamos uma imagem junto a nosso planejamento de aula, faz-se necessário pensarmos um pouco sobre como iremos aplicar

este recurso, analisar e contemplar. Para visualizarmos melhor esta relação de análise de uma imagem buscamos a citação de Martine Joly, que trata o assunto de uma forma bem esclarecedora.

No entanto, a análise da imagem, inclusive da imagem artística, pode desempenhar funções tão diferentes quanto dar prazer ao analista, aumentar seus conhecimentos, ensinar, permitir ler ou conceber com maior eficácia mensagens visuais. (1996, p.47).

Acreditamos que o aluno tendo a oportunidade de debater conceitos geográficos através de sua produção imagética por meio da fotografia, poderá representar e representar-se diante do espaço geográfico ao qual está focando, e assim, ampliar melhor suas capacidades através de outras linguagens, conseqüentemente, desenvolver novos conhecimentos.

Queremos ressaltar que a pesquisa aqui apresentada também usufruiu da metodologia exploratória, que se caracteriza por um desenvolvimento com objetivo de proporcionar uma visão geral, aproximativo, sobre determinados fatos, como descrito;

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais preciosos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menos rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas (GIL, 2011, p.27).

Aproximamos nossa pesquisa à metodologia participativa e exploratória, mas não iremos minúcia lá tal como, pois acreditamos que durante o processo de planejamento e aplicação da pesquisa o desenvolvimento metodológico foi moldado de acordo com a realidade escolar e as demandas que encontramos em nosso dia a dia. Não focalizamos cartesianamente em uma metodologia, mas focamos sim,

em um método de pesquisa ao qual tivemos contato – logo mais descrito- pelo grupo de estudo Espaços Públicos da Geografia da UFRJ.

3.1 - A FOTO-SEQUÊNCIA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR.

Como já mencionado utilizaremos o uso didático pedagógico das Fotografias para com o ensinar em um devir participativo, este método foi trabalhado em um planejamento contínuo, com características específicas, lembrando que esse processo de pesquisa está vinculado ao campo pertencente às Metodologias Visuais no Ensino de Geografia.

A aplicação desta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do ensino de Geografia fundamental II, no município de Florianópolis no ano de 2012, desenvolvemos os estudos e aplicamos nossa pesquisa prática em duas turmas pertencentes a 9º anoº do ensino fundamental II (atual 9º ano), uma turma na escola Prefeito Acácio Garibaldi São Thiago localizada no bairro da Barra da Lagoa, durante o período matutino. A outra escola a qual executamos nossa pesquisa corresponde a Henrique Veras localizada no bairro da Lagoa da Conceição, no período vespertino.

O período correspondente a toda a pesquisa ultrapassou nosso planejamento, acabamos por utilizar dois meses seguidos intercalados entre intervenções e tempo para execução do trabalho dado aos alunos. Esse período foi de setembro até novembro de 2012. A duração do desenvolvimento das atividades práticas tinha como previsão inicial de duração de três semanas em cada escola. Esse processo acabou por demandar mais tempo para que fizéssemos uma abordagem metodológica sobre o uso da Foto-sequência e pudessem os analisar o desenvolvimento do processo de conhecimento de leitura de imagem, perante aos alunos em questão.

O processo prático metodológico ao qual utilizamos como norteador de nossa aplicação prática é correspondente à oficina a qual tivemos oportunidade de cursar durante a fase de disciplinas do curso de Pós-Graduação em Geografia pela UFSC, relativo à oficina: *Metodologias Visuais Aplicadas à Pesquisa dos Espaços Públicos*, ministrada por: Grupo Território e Cidadania, UFRJ, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFSC no ano de 2011, orientado pelo professor Paulo César da Costa Gomes, coerente à temática: *metodologias visuais em Geografia*, no ano de 2011, mais especificamente sobre o uso das imagens em um viés Geográfico.

O curso teve duração de três dias, durante a manhã e tarde, sendo 24 horas em média, onde tivemos contato com a parte teórica e prática, perante a análise das imagens pela geografia, e também formas de trabalharmos a geografia por métodos visuais.

Fica evidenciado que durante nosso processo prático de planejamento e aplicação da pesquisa, outros caminhos surgiram, ao longo de todo desenvolvimento do trabalho, ainda assim, seguimos as perspectivas metodológicas iniciais do grupo de estudo da UFRJ, fazendo parte deste processo de pesquisa, do início até sua consolidação.

Abaixo na figura 4 está explicitado o processo metodológico ao qual embasamos como referencial de aplicação prática pertinente a Foto-sequência, notoriamente, durante o processo prático modificamos, adaptamos e aperfeiçoamos de acordo com nossa realidade metodológica e perante nossas demandas, mas o norte para esse desenvolvimento científico está descrito abaixo.

Interpretação e produção de imagens: o olhar geográfico (I)
Apresentação: elementos gerais da linguagem audiovisual
Exercício 1: interpretação de imagens fixas
Exercício 2: Interpretação de foto-sequências
Exercício 3: Produção de foto-sequências
Discussão do exercício 3

Figura 4: Fonte: Grupo de pesquisa da UFRJ, metodologias visuais em geografia, 2011.

Dentro do campo conceitual não há uma definição teórica relativa a este processo de utilização das fotografias sequenciais, porém a utilização dada à foto-sequência neste trabalho corresponde a uma adaptação do método idealizado no curso ao qual tivemos acesso a este processo.

3.2 - O MÉTODO DA FOTO-SEQUÊNCIA: O PLANEJAMENTO:

Em síntese o planejamento foi feito em três etapas, a parte de estudo e análise das imagens, em segundo momento focamos na explicitação e confecção das foto-sequências, e finalizando as apresentações, diálogos e relatório final de todo o processo participativo de elaboração e estudo das foto-sequências.

O planejamento iniciou-se com uma atividade de análise de imagens, onde debatemos e tentamos direcionar nossos olhares sobre o treinamento de interpretação e compreensão das imagens trabalhadas.

Na segunda etapa da proposta de trabalho em sala de aula, sugerimos a divisão das turmas em grupos. Era necessário cada grupo ter uma máquina fotográfica, e cada integrante do grupo assumir uma função, seja descrever o roteiro, ajudar na construção da imagem, atuar na paisagem, a fim de criar uma sequência de 3 a 8 fotos que permitam exemplificar uma situação. Foi explicitada a necessidade da foto-sequência conter um início, meio e fim, - linear ou não - tal qual uma tirinha de história em quadrinhos, e ao final, ser equivalente à moral de uma história perante a comunicação do aprendizado dos conteúdos trabalhados em sala em forma de foto-sequências.

A etapa de apresentação e debate consistiu na finalização da pesquisa prática juntamente com a entrega de um relatório sucinto sobre todo o percurso do trabalho.

É importante ressaltar que tivemos a oportunidade de experimentar a aplicação do método da foto-sequência durante a prática do estágio docência efetivado na disciplina de cartografia escolar no primeiro semestre do ano de 2012, no curso de Geografia da UFSC, juntamente com a Professora Dr. Rosemy Nascimento. Também tivemos a ensejo de ministrar dois minicursos com a mesma temática do trabalho, na semana de geografia da UFSC e na SEPEX no ano de 2012, também foi possibilitada a realização de duas palestras sobre a temática realizadas no Curso um Mundo a Beira Mar oportunizado pelo departamento de Geografia e outro junto ao curso de graduação em Geografia da UDESC a convite da professora Ana Maria Hoppers Prevê durante o ano de 2012.

Tivemos a ocasião de publicar um resumo do trabalho junto ao I Congresso de Educação Ambiental de Santa Catarina ano de 2011, e por fim a publicação de um artigo completo na revista eletrônica Geograficidade: Primavera 2012: Número Especial - Educação pelas imagens e suas geografias.

Essas experiências relatadas nós forneceram grande subsídio para a concretização de nossa pesquisa prática, assim, podemos pensar, reavaliar e moldar nossos esforços para a consolidação deste trabalho. Foram de suma importância os dizeres, experiências e conselhos que permeamos durante todos esses processos de estudo relativos à confecção das foto-sequências e suas possibilidades de ensino na geografia escolar do Ensino Fundamental II.

3.3 - APRESENTANDO A FOTO-SEQUÊNCIA E SUAS GEOGRAFIAS.

Como parte de nossa estratégia didática, começamos a abordagem das imagens fotográficas em sala de aula levantando alguns questionamentos, através de perguntas aleatórias sobre fotografias, tanto do livro didático utilizado pela turma ou das quais introduzimos em sala de aula. A reação dos alunos em suma foi muito satisfatória frente nossas especulações e teorias já abordadas até aqui, demonstraram investigadores, tentando interpretar os espaços e tempos de tais imagens, questionando o olhar do fotógrafo, o interesse do assunto complementar a imagem, ou seja, investigativos, do contra quem sabe, mais expectadores e pensadores. Isso foi repetido nas duas 8^o séries, onde efetivamos nossa pesquisa.

Um ponto importante há ressaltar deste início de trabalho, é de que todas as turmas tiveram reações bem parecidas, talvez até pela empolgação frente à expectativa deste trabalho, demonstraram ativos em aula, interessados pelo assunto, querendo expor seus pensamentos e discorrer sobre suas situações e exemplos de vida ao quais as fotografias era o foco do assunto. Sequencialmente a estas indagações relatamos a todas as turmas que iríamos começar um trabalho processual de estudo pertinente à fotografia, onde ao final seria gerado o produto da foto-sequencia, essa exposição inicial foi somente oratória, nada estruturado em prazos ou objetivos, somente uma conversa, isso ao nosso entendimento já fez que na próxima aula os alunos estivessem mais atentos à questão das imagens e geografia, ou melhor, da fotografia sequencial como proposta de estudo de geografia.

3.4 - 1º AULA; ANALISANDO AS IMAGENS.

Iniciamos a aula sem questionamento algum apenas expondo a imagem abaixo:

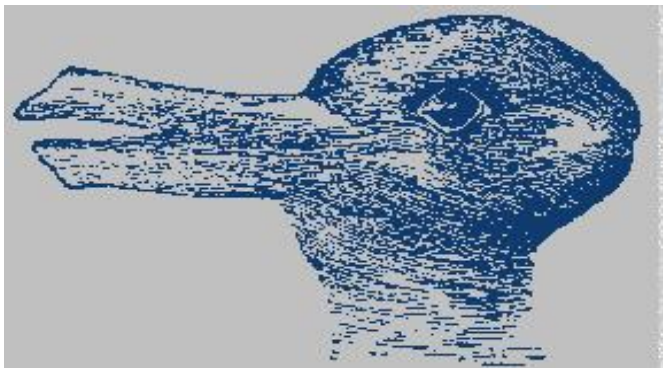


Figura 5 - Pato ou coelho. <http://sinalizando.blogspot.com/2009/05>>>. Acesso em: 29/08/2012.

A reação dos alunos nas diferentes turmas deu-se semelhante (turmas mais alvoroçadas outras mais expectadoras), no entanto, todos tinham algo a falar, demonstraram-se participativos, tendo como principal reação à fala: “é um pato” ou “é uma gaivota pô”, até que alguém indagasse, “não é um coelho”, outros diziam “coelho? Onde? Que coelho?”, e assim não interferimos por alguns minutos até que todos tivessem debatido questionados e brincados um pouco também com a imagem, só assim foi perguntado, “Mas a afinal isso é um pato ou coelho? Ou o que?” Não surpreendemos com as respostas como mencionado pela experiência já ocasionada com alunos da graduação em geografia de diferentes Universidades, após algum tempo de exclamações, afirmações e indagações a maioria concordava que era os dois animais, ou até mesmo outros. Como nos dizeres “Uma imagem pode criar uma ilusão, pelo menos parcial, sem ser a réplica exata de um objeto, sem constituir-se num *duplo* desse objeto”. (Aumont, 1993 p.102).

Durante o alvoroço de indagações, foi questionado, “Mas afinal se nós não conhecêssemos um pato ou nunca tivéssemos contato com um pato será que o identificaríamos?” Formou-se um debate muito produtivo, diante de nossas especulações, grande parte dos alunos queria manifestar seus pensamentos, muitos falavam ao mesmo tempo, outros

pensavam sobre o assunto, mas em geral a conclusão se deu que você não reconhece o que não conhece.

Nesta etapa da aula tentamos expor algum dos ideais que estava contemplando teoricamente junto a este trabalho, relatamos alguns estudos de semiótica da imagem, de como identificamos uma imagem e iniciamos na questão de representação. Está exposição teórica se deu de forma bem simplificada, ouvindo os relatos dos diversos alunos e tentando exemplificar o quanto é difícil entender o que uma imagem pode nos significar. Um dos exemplos mencionados em sala é descrito abaixo, onde o autor excursiona um pouco sobre a relação de significações das imagens na naturalidade humana.

Acontece de certas pessoas adultas jamais terem visto imagens, porque vivem em áreas isoladas de regiões onde a tradição cultural não emprega a imagem figurativa. As imagens figurativas permanecem, então, para essas pessoas, arranjos de cores e de forma que não remetem em caso algum a elementos da realidade. (JOLY, 1998. 43p).

Uma ressalva importante a mencionar é de que a primeira consequência observada nessa prática pedagógica foi que a observação das imagens pelos alunos voltou-se primordialmente para a analogia, ou a da própria semelhança entre coisas, colocando a imagem de início em uma categoria de representação de algo já conhecido.

Nossos olhares, pois, foram e estão sendo educados e, se queremos transcender as restrições que os moldam e modelam, é preciso refletir sobre outras possibilidades de educação para além das que cotidianamente somos sujeitos e sujeitados, possibilidades essas que nos permitam reinventar nossos modos de ver, ouvir, de sentir, de pensar, de viver e conviver. (SANTAELLA, 2001, p. 143)

Discutimos brevemente sobre o ponto comum entre as diferentes significações do conceito de imagem e suas analogias, que antes de tudo a imagem é algo que se assemelha a outra coisa, todo esse processo de exposição da imagem acima e discussão deu-se em 5 a 10 minutos no máximo, priorizamos a escuta do que a fala dos alunos. E seguindo o

raciocínio sem concordar ou discordar de qualquer opinião, fala ou manifestação alguma, foi projetada a imagem abaixo, agora sim, uma imagem famosa.



Figura 6 –Renne Magritte; <http://anyblogiwant.blogspot.com/2010/08>. Acesso em: 29/08/2012.

Nas diferentes turmas a manifestação inicial foi unânime “é um cachimbo”, em alguns casos isolados foram ditas coisas tais como: “é um berrante” ou “uma bengala”.

Após a exposição desta imagem, alguns minutos em silêncio, observando a reação de todos, sem opinar ou falar, apenas contemplando o decorrente momento de intervenções, euforia e piadas, foi feita a intervenção: “Pois então, se a imagem parece, é porque ela não é a própria coisa então? Ela está ali como um signo do real, como uma legenda do real, representando o real?”.

O engraçado é que essa analogia para os alunos era lógica, mas a explicação por que ela se dá, parecia coisa de outro mundo, foi explicitado que a semelhança é o princípio de funcionamento entre real e representado.

O objetivo da exposição da imagem acima era de trabalhar previamente a relação de real e representado, logo após o consenso dos alunos em que estavam diante de um cachimbo foi enfatizado se alguém poderia pegar o cachimbo que eu iria fumar nele, pois afinal, qual é a função de um cachimbo?

Entre duas fotocópias do mesmo documento, por exemplo, há sempre diferenças, às vezes ínfimas, que permitem distingui-las quando se desejar. A fortiori, a fotografia de um quadro não pode ser confundida com esse quadro, nem uma pintura com a realidade. O problema da ilusão é outro bem diferente: trata-se não de criar um objeto que seja a réplica de outro, mas de um objeto – a imagem – que duplique as aparências do primeiro. (AUMONT, 1993, p. 102).

Foi uma breve abordagem da relação em representação e real, mais de suma importância para no desenvolver da pesquisa e principalmente para a confecção da foto-sequencia pelos alunos, discutimos rapidamente sobre a figura 06, dialogando sobre o que Renne Magritte quis dizer com “isso não é um cachimbo”, apesar de ser uma representação simbólica de um.

Mesmo ainda em discussão em sala de aula sobre o que é representar foi projetado à imagem abaixo.

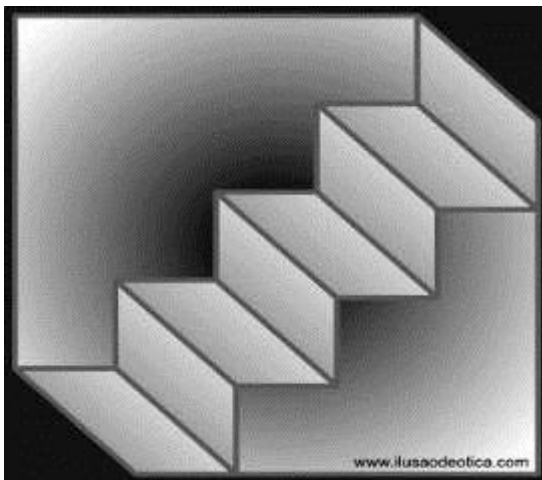


Figura 7 - Ilusão ótica da escada: acesso 06/07/2012

Nesta etapa da aula em todas as turmas que observaram esta imagem, os espectadores já estavam mais aguçados as análises das imagens, já não demonstravam estar eufóricos e sim observadores. Durante está projeção foi pedido que observasse com calma a imagem, e depois me relatassem o que ela representa. Não passou nem um minuto

e foi dito: “nossa ta mudando, *“caramba” ela mudou de lado, ta se mexendo*”.

Antes de relatar o objetivo da utilização desta imagem, precisamos indagá-la para que a compreensão fique mais clara. Esta imagem de uma escada é uma imagem ilusória onde a composição de linhas e arranjo de sombras nos remete a sensação da escada estar em dois sentidos um no habitual de baixo para cima e outra no oposto de cima para baixo, ou seja, temos a sensação da escada estar partindo do teto para o chão.

Esse momento da aula foi muito significativo, está imagem foi a que obteve o maior tempo de exposição, dentre 3 a 5 minutos e mesmo assim tiveram pessoas que não conseguiram ver a imagem em transição, ou melhor, a escada em movimento aparente.

O objetivo de uso desta imagem era para tentar explicitar para os alunos como cada um possui uma percepção diferente, o que parece para mim pode não parecer para você. Não entramos na questão cognitiva das imagens nem na neurociência de vez, mas passeamos por elas com ideias e opiniões sobre o ocorrido em sala de aula. Por que algumas pessoas não observaram essa mudança? O que ocorreu realmente na imagem? A imagem se moveu? Porque o cérebro é induzido a essa sensação?

As imagens são, portanto objetos visuais muito paradoxais: têm duas dimensões, mas permitem que nelas se vejam objetos em três dimensões. O fato de se reconhecerem quase infalivelmente os objetos representados, ou pelo menos sua forma, é notável: somos forçados a pensar que, entre as diferentes configurações geométricas possíveis, o cérebro “escolhe” a mais provável. A imagem só trará problemas se oferecer características contraditórias, ou se a representação não for suficientemente informativa; é o caso de figuras ambíguas, paradoxais incertas. (AUMONT, 1993, p. 64).

Como o autor descreve acima o cérebro escolhe o que quer ver, volta-se ao mais provável, o importante para a compreensão de todos que participavam deste momento de exposição da imagem da escada era para reconhecermos o que escolhemos ver, ou o que vemos não é igual ou semelhante ao nosso próprio semelhante. A função era debater como cada imagem possui suas características específicas e como nos mesmos

damos seu valor interpretativo. O interessante é que os próprios alunos começaram a descrever formas de como ver a mudança de direção na escada, como “*se concentra ali, olhe fixo em tal ponto*”, essas falas foram prova de que com apenas 35 minutos de aula sobre análise de imagens, já tínhamos tamanho ganho no desenvolvimento perceptivo em aula sobre a análise das imagens.

Seguindo nossa experiência de análise das imagens expomos uma sequência de cinco imagens, mais agora de fotografias de animais que utilizam de um artifício biológico evolutivo, conhecido como mimetismo, observamos três das imagens abaixo para melhor entendimento do processo;



Figura8 <http://www.imprensaregional.com.pt/obaluarte/pagina/edicao/2/20/notic>; acesso 6/04/2112

Ao projetar as fotografias acima repeti o ato de apenas observar as reações dos alunos, o empolgante era perceber que eles realmente estavam inseridos na aula em questão, após o tempo de observação, de um minuto talvez, ai sim, foi questionado o que as fotografias representavam? Na fotografia das borboletas tudo percorria normalmente como se todos tivessem o entendimento relativo à forma de proteção evolutiva, uma analogia natural com corujas, até que alguém observasse além da impressão representativa dos olhos de uma coruja também observou uma cabeça de cobra, falando “olha tem uma cabeça de cobra ali”.

Repetirei a fotografia das borboletas com um tamanho visualmente melhor e marquei o tema em questão para melhor entendimento;

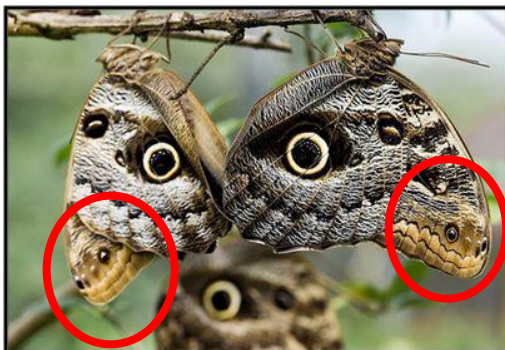


Figura 9— 9: Mimetismo das

Borboletas <http://www.imprensaregional.com.pt/obaluarde/pagina/edicao/2/20/noticia/6205>; acesso 06/04/2112

Este trabalho de análise das imagens, mais focado em fotografias começava a dar frutos, observamos que apenas com a exposição de imagens e interjeições e debates começamos a desenvolver nossos olhares com um viés mais analítico das imagens, o que antes poderia parecer simples ou até mesmo passar despercebido começou revelar um pouco além da simplicidade.

Há varias espécies de ilusões “naturais” que não foram produzidas pela mão do homem. Citemos o exemplo muito conhecido de insetos cujas capacidades miméticas são surpreendentes: aranhas que imitam formigas, borboletas que possuem uma segunda “cabeça” atrás, insetos que se confundem com galhos onde são pousados etc. Essas ilusões servem para corroborar o que acabamos de dizer: à eventual perfeição da imitação puramente visual, acrescenta-se quase sempre a perfeita contextualização dessa imitação, que completa o embuste (AUMONT, 1993, p. 99).

Em relação à segunda fotografia do lagarto ou folha também teve uma grande repercussão entre os alunos, euforia total, uns muito surpresos e outros muito convencidos de que sabiam do que se tratava. Dando sequência ao exercício de análise das imagens foi perguntado “o que era folha ou lagarto?”. Respostas surgiram rapidamente sem observação e análise daí em todos os casos, a ação foi à mesma, falando:

Se você sabe o que é, quero que prove? Venha até a frente sobre a tela e prove?

Dáí veio à grande dificuldade dos alunos, não basta achar temos que provar, esse era o sentido aguçado que pretendíamos trabalhar com os alunos do 9º ano, o senso de análise das imagens, como poderia provar se era um ou outro elemento, era possível. Eu sabia que a fotografia se tratava de um lagarto, por estuda - lá antes e buscar sua explicação na fonte que a obtive, e ainda mais, sabia que através das ranhuras das folhas poderíamos ver que eram diferentes do lagarto. Como demonstrado abaixo;

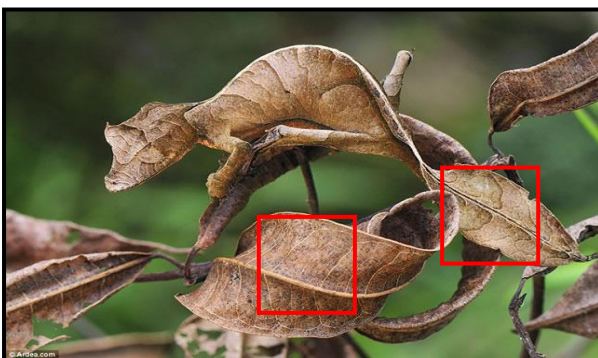


Figura 10- Mimetismo do Lagarto

<http://www.imprensaregional.com.pt/obaluarte/pagina/edicao/2/20/noticia/6205>:
acesso 06/04/2112

Toda essa sequência de fotografias de animais apresentando formas de evolução e mimetismo foi com o propósito de aguçar o sentido de análise da imagem, de tentar evidenciar o que o elemento da fotografia é, e o que ele quer representar. A fotografia nelas é considerada como a imitação mais perfeita da realidade. “E, de acordo com o discurso da época, nessa capacidade mimética procede de sua própria capacidade técnica” (Dubbouis, 1993, p. 27).

Esse debate sobre o mimetismo exposto na fotografia, ou incorporado no próprio ser, foi muito importante para que pudéssemos compor nossas foto-sequências, através deste discurso vimos que a representação da fotografia pode ser nada do que ela realmente quer mostrar. Seguimos com a questão de ilusão e representações expondo as fotografias abaixo.



Figura 11-Grafite e ilusão

http://vigisantissima.blogspot.com.br/2011_12_18_archive.html.

A projeção das fotografias acima relativas a grafites e ilusões de óticas, teve como objetivo demonstrar essa confusão que nos cerca em identificar o que é real ou concreto e o que é arte- grafia. Essa parte da aula foi bem produtiva, percebemos o quanto este eixo da arte os fascina. Durante o debate proposto pelas imagens alguns não concordavam com tal efeito ilusório, achando que na figura 09 realmente havia um corte na rua, por um bom tempo observamos e dialogamos pelos diversos elementos presentes na fotografia, do chão ao céu.

Falando estritamente, a ilusão é um erro de percepção, uma confusão total e errônea entre a imagem e outra coisa que não seja esta imagem. Nossa experiência cotidiana e histórica das imagens nos ensinam que este não é o modo habitual de nossa percepção das imagens, mas é, ao contrário, um caso excepcional, seja provocado deliberadamente ou aconteça casualmente. Entretanto, em nossa apreensão de qualquer imagem, sobretudo se ela for muito representativa, entra uma parte de ilusão, muitas vezes consentida e consciente, pelo menos na aceitação da dupla realidade perceptiva da imagem. (AUMONT, 1993, p. 97).

Nesse processo de análise da imagem seguimos com este mesmo método de questionamento e buscas de provas relativas a cada fotografia exposta. Percebemos o quanto é importante treinarmos nosso olhar quanto expectadores de imagem, esse “processo de brincadeira” descritos por alguns alunos, ao qual chamamos de “iniciação à análise

das imagens” foi de suma importância para o desenvolvimento e finalização da foto-sequencia feitas pelos próprios alunos.

Em todo o período de desenvolvimento por diversas vezes, foi relatado que os espectadores eram eles, alguém foi o produtor da imagem, ou reproduzidor, e enquanto espectador deveria analisar todos os detalhes que conseguíssemos que não concordássemos com o que nos representasse em primeira vista, e sim analisássemos as diversas possibilidades simbólicas das imagens em questão. Buscamos uma interpretação no sentido que o autor relata o espectador da imagem na citação abaixo;

As imagens são feitas para serem vistas, por isso convém dar destaque ao órgão da visão. O movimento lógico de nossa reflexão levou-nos a constatar que esse órgão não é um instrumento neutro, que se contenta em transmitir dados tão fielmente possíveis, mas ao contrário, um dos postos avançados do encontro do cérebro com o mundo: partir do olho induz, automaticamente, a considerar o sujeito que utiliza esse olho para olhar uma imagem, a quem chamaremos, ampliando um pouco a definição habitual dos termos, espectador. (AUMONT, 1993, p.77).

Não pretendíamos desenvolver um total domínio do espectador sobre o simbolismo das imagens (se isso for possível), mas pretendíamos demonstrar a vinculação de grande parte das imagens com o domínio do simbolismo, demonstrar que em algumas situações existe uma mediação entre espectador e realidade de uma imagem. Seguimos nossa aula agora tentando focar na questão da análise das imagens mais com um foco em quem dá o foco.

É, pois fundamental não confundir, mesmo que sejam conexas, as noções de ilusão, de representação e de realismo. A representação é o fenômeno mais geral, o que permite ao espectador ver “por delegação” uma realidade ausente, que lhe é oferecida sob a forma de um substituto. A ilusão é um fenômeno perceptivo e psicológico, o qual, às vezes, em determinadas condições psicológicas e culturais bem definidas, é provocado pela representação. O realismo, enfim, é um conjunto de regras sociais, com vistas a gerir

a relação entre a representação e o real de modo satisfatório para a sociedade que formula essas regras. Mais que tudo, é fundamental lembrar-se de que realismo e ilusão não podem ser implicados mutuamente de maneira automática (AUMONT, 1993, p.106).

3.5 - ANALISANDO O PRODUTO E PRODUTOR DA FOTOGRAFIA.

Após os diálogos relativos às imagens ilusórias, mas ainda durante o primeiro dia da pesquisa prática tentamos questionar qual era o papel do fotógrafo ao produzir uma fotografia, o que ele quer reproduzir, qual é o objetivo, dialogamos um pouco sobre o assunto observamos uma serie de imagens, onde selecionamos mais uma para continuarmos nossa explicação desse processo pedagógico de análise.



Figura 12— Lula e Dilma.

Ao projetarmos esta fotografia, de instantâneo, os alunos rirão, falavam, expressavam de forma intensa, não fizemos colocações ou comentários, apenas uma pergunta “o que é isto?” as respostas não demoraram a surgir, “é o amor, iam se cumprimentar foi no rosto”, como citado por Santaella: “Lembramos a foto não fala, podemos, sim, é confronta lá com discursos diferentes e ela vai responder de formas

diferentes. Mas, nenhum destes discursos, de início pode provar a sua prevalência em relação aos possíveis outros” (2001, p.260).

O dialogo voltado para essa fotografia foi sucedida com o intuito de compreender o que a reportagem estava falando, qual era a mensagem passada pelo fotografo, até que um aluno intervir com a fala. “É professor o fogo é mais antigo que o fogão”, daí o rumo do nosso foco de estudo se perdeu por outros assuntos alheio relativo à vida pessoal dos representantes presidenciais acima.

Após algum tempo de discussão acordamos interpretativamente que essa fotografia tentava passar a sensação de intimidade, afinidade, proximidade, descrevi a turmas a realidade em que a foto se encontrava, é uma foto que foi publicado no jornal agência Estado, mais o contexto principal é que essa imagem foi tirada em plena campanha da eleição da Dilma Rouseff para presidência do Brasil. Como descrito por Aumont: “O reconhecimento não é um processo de mão única. A arte representativa imita a natureza, e essa imitação nos da prazer: em contrapartida, e quase dialeticamente, ela influi na “natureza”, ou pelo menos em nossa maneira de vê-la” (1993, p.83).

Comentamos que se no atual momento o presidente tinha um percentual de apoio de 75% da população, uma foto desta pode e muito influenciar na chamada decisão final da eleição, que pelo menos essa imagem dizia mais que mil palavras.

O importante deste trabalho de análise da fotografia foi que os comentários nossa discussão passou muito além dos elementos que a fotografia ali apresentava, afinal era somente duas pessoas cumprimentando-se com beijos no rosto, isto acontece toda hora. Mas como o autor relata “A imagem traz informações (visuais) sobre o mundo, que pode assim ser conhecido, inclusive em alguns de seus aspectos não visuais”. Aumont (1993, p.80).

Neste momento sentimos a essência da geografia escolar, como analisamos o espaço geográfico e suas relações econômicas com apenas uma fotografia, como vinculamos a historia recente com as demandas e anseios do governo atual com apenas uma fotografia. Ainda no fervor do dialogo da imagem tentamos construir com as turmas a ideia de não aceitação do representado, ou de pelo menos questionarmos antes de aceitarmos o fato, ato, ou seja, o ocorrido relatado em imagem. Como citado por Sontag “A fotografia dá a entender que conhecemos o mundo se o aceitamos tal como a câmera o registra. Mas isso é o contrário de compreender, que parte de não aceitar o mundo tal como ele aparenta ser” (2004, p.33).

O objetivo de exposição desta fotografia era o de formar o entendimento que fotografar é atribuir importância a algo, que fotografar e enquadrar, fazer surgir e ao mesmo tempo excluir. E que essa importância atribuída à fotografia pode revelar espaços, tempos e acontecimentos fora deste enquadramento, ou seja, precisamos ser mais atentos às fotografias que nos são apresentadas em nosso dia a dia.

O significado do próprio valor da fotografia pode ser atribuído, forçado, manipulado, então como obter essa interpretação da imagem? Nessa busca de aceitar ou não a realidade ali nos exposta, de sucessão de poder entre presidente do Brasil, tentamos potencializar a aceitação ou não de tal ato através da observação da imagem, mas remetendo a um espaço que ali não está incluso.

Durante esse 1º dia, onde na verdade tivemos duas aulas de 45 minutos cada, foram expostas diversas fotografias, durante aproximadamente mais de uma hora ficamos analisando diferentes tipos de fotografias. Nas diferentes turmas das quais participaram deste processo tanto no colégio da Lagoa da Conceição “Henrique Veras” quanto no da Barra da Lagoa “Acácio Garibaldi”, o diálogo foi muito produtivo, percebemos o quanto os alunos demonstraram propícios a analisar cientificamente as fotografias projetadas.

Esse desenvolvimento de análise das imagens de forma participativa, mais especificamente das fotografias, não tem um processo metodológico cartesiano, uma estrutura cronológica e processual dividida em etapas, mas possui um potencial gigantesco de treinamento e indagação do que nos passa diariamente despercebido. Podemos concluir que sem essa etapa do trabalho as fotografias logo mais especificadas como foto-sequências não teriam um desenvolvimento com esse olhar de análise sobre as imagens. Nos diferentes colégios ao qual trabalhamos, o processo de desenvolvimento foi muito semelhante, podemos relatar que durante o primeiro dia ou as duas aulas não tivemos nenhuma discrepância entre os acontecimentos e indagações em aula.

3.6 - 2º DIA DE AULA: EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA E AS IMAGENS

Retomamos nosso trabalho recordando o que tínhamos feito na aula anterior, sem debater sobre tal importância, apenas lembrando como agimos para chegar às conclusões das quais descrevemos. Seguidamente foi mencionado nas diferentes turmas que iríamos agora

tentar focar nossa análise diretamente em conteúdo da geografia escolar, ou seja, iríamos tentar visualizar as próximas imagens e fotografias serem projetadas, com um olhar geográfico, ainda que algumas delas tivessem variadas interpretações e simbologias a serem discutidas.

Projetamos uma imagem logo no início da aula, (figura 13) abaixo, onde é representada por Van Humboldt com a montanha Chimborazo ao fundo, está imagem teve como objetivo iniciarmos um debate sobre qual a relação de uso das imagens e principalmente das fotografias ao longo da formação epistemológica da geografia. Iniciamos com uma imagem representada por Humboldt por que tivemos o ideal de remeter a geografia moderna como ciência, e já deixar um pensamento que as imagens trabalhadas deste período até atualmente carregam um conteúdo científico, como mencionado por Santaella e Noth (2001, p.13)

As investigações das imagens se distribuem por várias disciplinas de pesquisa, tais como a história da arte, as teorias antropológicas, sociológicas, psicológicas da arte, a crítica da arte, os estudos das mídias, a semiótica visual, teorias da cognição, constituindo-se em um empreendimento interdisciplinar. Ou seja, seria necessário recolher informações em diferentes áreas do conhecimento humano para alinhar uma definição satisfatória do conceito de imagem segundo os pensadores modernos.



Figura 13— Humboldt Bonpland Chimborazo - acesso 15/06/2013

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Humboldt-Bonpland_Chimborazo.jpg

Através desta pintura acima foi possível dialogar sobre o processo histórico de formação da geografia como ciência empírica na época, descrever como a geografia estava sendo vista antes do pensamento de Humboldt, sua crise como ciência, sendo atacada e ficando cada vez mais sem credibilidade pela elite cientista da época do séc. XVIII. Colocamos em debate o objeto de estudo da geografia abordando a relação entre homem e natureza aceita por grande parte das correntes geográficas, dialogando sobre a importância de Humboldt para época ao descrever que a geografia não só estuda o natural mais inclui sempre o Homem em suas análises, como observamos na menção feita: “A geografia é uma ciência da observação. Aquele que a pratica ama andar, olhar ao redor, cheirar os odores e sentir a atmosfera; é também um homem de contato, sempre pronto a interrogar as pessoas e a escutá-las” (CLAVAL, 2011, p. 62).

Discorremos também sobre a realidade dos geógrafos em tal época na Alemanha e na França, onde grande parte sofria pressões e eram atacados pelos geólogos, botânicos e outras ciências com relação a seu objeto de estudo. Foi descrito a concepção da época de geografia que não incluía o homem diretamente como objeto de estudo, sendo pelo pensamento de Ritter e Humboldt a busca por essa definição.

Analizando a pintura acima podemos observar a inclusão do homem na paisagem, caso você retome a imagem poderá observar que ao esquerdo da imagem aparece homens em seu modo de vida incluso no ambiente, mostrando fazer parte desta realidade de observação e estudo da geografia feita pela época.

A visão que desenvolve a geografia é aquela do observador diante da paisagem. Essa opera uma triagem entre os objetos presentes na superfície do Globo. Num primeiro tempo, sua atenção se volta para aqueles que são suficientemente grandes para serem claramente visíveis: o pesquisador se interessa pelos movimentos do campo, os regatos, riachos e rios; ele leva em consideração as plantas,... O geógrafo anota as culturas, as fazendas e seus edifícios de explorações, os vilarejos, as vilas ou as cidades. Ele indica as condições atmosféricas que lhe parecem prevalecer. (CLAVAL, 2011, p.63).

Também observamos que analisando as pinturas desta época, quase nenhuma incluía o homem na paisagem, “aprender a olhar

reparando no mundo, eis uma questão fundamental para o homem contemporâneo” Lenzi (2011, p. 209) este período da história denominado como romantismo o homem e sua vida sofrida não eram expostos nas imagens de arte que encontrávamos até então.

Abordamos através de outras imagens projetadas que representavam à época, tanto a geografia francesa como a alemã, descrevemos a realidade da geografia sempre buscando imagens da época como os jornais franceses, e diferentes obras de artes que relatam acontecimentos e descrições da história local, como explicitado por Lenzi:

Compreendo que o ser humano é capaz de entender e criticar seus processos sociais, situando-se para além de um simples receptor ou consumidor de mensagens prontas e ideologicamente comprometidas, uma pedagogia da imagem deveria se desenvolver não somente por meio de atividade de leitura e interpretação de imagens, mas também de outras que, como afirma Queiros (1997), extrapole os objetivos das primeiras. Trata-se de ampliar a formação de “analistas” de mensagens no sentido de criar “produtores” de mensagens, trabalhando pedagogicamente a imagem em suas possibilidades expressivas, colocando os educandos em posição de se comunicar por meio delas. (2006, p.198).

Nessa discussão adentramos a caminhos de consolidação do pensamento geográfico como a relação entre homem e natureza, que deveriam estar sempre juntas, a noção que o território atua sobre os habitantes e os habitantes sobre o território. Em cada fenômeno histórico tentamos estabelecer o porquê de sua localização no espaço, a preocupação com as relações, em termos da causalidade, a crítica a insistência nas formas geométricas e relações espaciais.

Seguindo nosso raciocínio foram feitas as perguntas; Por que se ensina Geografia na escola? *“Por que a geografia é uma disciplina obrigatória para o seu conhecimento fundamental?”*

Após este questionamento a reação foi semelhante nas diferentes turmas, não ouve nenhuma resposta incisiva, talvez porque nossos alunos estão aprendendo geografia sem saber como usá-la, ou melhor, porque usá-la.

Através de imagens antigas mostramos um pouco sobre o início da inclusão da geografia escolar na França e Alemanha, debatemos sobre a necessidade de conhecimento geográfico pela população da época, sobre a demanda geográfica, principalmente pelas configurações de guerras que ocorreram na época.

Vimos imagens de Johann Heinrich Pestalozzi considerado o precursor da pedagogia geográfica, suas ideias sobre educação expostas no livro intitulado "Como Gertrudes ensina suas crianças" (*Wie Gertrude Ihre Kinder Lehrt*). Voltado para educação popular, socialização plena, observação e cartografia, defendendo a ideia que o recurso pedagógico evitaria enumeração e descrição detalhada dos países tentando superar a fase descritiva, teoria das relações geográficas, figuras geométricas e aplicação comparativa aos espaços físicos. Vimos imagens atuais das antigas cátedras universitárias e a formação de docentes de geografia ensino da geografia no colégio da França 1865 duas cátedras, ocupada por Levasseur, o desmembramento, da ciência geográfica em uma multiplicidade de estudos especiais, levando a consolidação de sua autonomia enquanto ciência e disciplina curricular fundamental.

Nessa discussão entre epistemologia geográfica e imagem, focamos como objetivo demonstrar como a geografia ampara-se nas imagens desde seus primórdios, ou como as imagens estão presentes na geografia neste processo histórico, ou tentamos perpassar um pouco da importância histórica entre a geografia e sua consolidação quanto ciência, como observamos na menção;

Pensar geografia como uma ciência do homem e como uma reflexão sobre a maneira pela qual vive este baixo mundo, é ir adiante das aspirações de muitos geógrafos. Mas, para responder plenamente seus desejos, a disciplina deve esclarecer as realidades que se impõem então, as de um mundo urbano dominado por metrópoles dinâmicas e inserido em redes de relações cada dia mais complexas. (CLAVAL, 2011, p. 263).

Voltando a percepção para os alunos, percebemos neste período da aula que muitos estavam atentos a história da geografia e que não possuíam o mínimo deste conhecimento, a epistemologia da geografia lhes era uma história nova. As imagens expostas da época fascinaram grande parte dos alunos, ilustrações de guerras, paisagens exóticas, rompimento com a doutrina católica religiosa. Podemos dizer que

Apesar de na maioria das exposições das imagens não intervíamos diretamente com a fala, o norte da discussão de cada imagem já estava preestabelecido. Durante nosso planejamento de pesquisa - principalmente por já termos a oportunidade de aplicar esse método em turmas da graduação já descrito anteriormente - tínhamos um norte a seguir, sobre o que potencializar em cada imagem e como seguir esse processo sequencial de temas a serem abordados até chegarmos à proposta da foto-sequência.

Tivemos como intenção fazer uma provocação aos alunos, instigá-los, perguntando se as imagens acima são reais? São passivas a erros? Possuem o valor científico irrefutável? Era possível refutar tal imagem, ou melhor, suas significações? A intencionalidade não era de desqualificar as imagens acima - principalmente as cartográficas de grande contribuição para a ciência geográfica - mas sim de pensar porque as fotografias, as imagens artísticas também não possuem uma credibilidade ao menos equiparada a tais imagens expostas.

Durante essa parte do diálogo expomos uma sequência de mapas, fotografias aéreas, imagens de satélites, croquis, em suma, uma vasta quantidade de fotografias e imagens relativa a estudos espaciais pela geografia. Indagamos junto à turma se todas possuem credibilidade, se não estão sujeitas aos erros, se apenas uma seria verdadeira dentre as tantas possibilidades de configuração que poderíamos formar em um mesmo espaço.

O interessante nesta etapa foi de perceber que grande parte da turma realmente não tentava analisar os mapas dos quais eram expostos, não pensavam sobre as cartografias visuais das quais eram inseridos, apenas as aceitavam e manipulavam como sendo algo já formado, acabado e livre de defeitos ou erros. Ai estava à chave para esse exercício, de treinar nosso olhar pedagógico para as imagens, questioná-las de alguma maneira, um treinamento para aperfeiçoar nosso conhecimento, como citado:

Esperamos ter mostrado que a leitura da imagem, enriquecida pelo esforço da análise, pode se tornar um momento privilegiado para o exercício de um espírito crítico que, consciente da história da representação visual na qual ela se inscreve, assim como de sua relatividade, poderá dela tirar a energia de uma interpretação criativa. (JOLY, 1996, p. 136).

Em momento algum levamos ao pensamento de desqualificar as imagens cartográficas, mas tentamos mostrar que elas também fazem parte de um âmbito de imagens estereotipadas da geografia. Que sua função é primordial a geografia, mais que sua realidade também é mutável, passiva a erros, às vezes até sem contexto científico algum.

Pensar, analisar seja qual for a imagem, é uma habilidade que os alunos do ensino fundamental deveriam possuir. Questionar um mapa também é importante, pois dependemos deles para distribuir nosso espaço geográfico, como nos planos diretores, planejamentos urbanos e divisões sociais. Saber questionar o que lhe é apresentado, buscando novas noções de especialidade do espaço, estas habilidades de raciocínios meramente são trabalhadas junto aos conteúdos geográficos atuais.

Este processo de estudos sobre as imagens geográficas foi fundamental para o processo de confecção das foto-sequências - logo mais descrito - fez com que os alunos pudessem ter um conhecimento sobre as imagens ditas reais na geografia. Também para que tivessem o ideal que as fotos as quais eles iriam confeccionar também podem ser científicas e aceitas pela geografia como uma parte de um processo científico.

Durante todo esse processo de análise das imagens “reais” utilizadas pela geografia, projetamos inúmeros mapas, imagens de satélites e representações espaciais de diversas formas, todo esse processo foi essencial para que nossos alunos expandissem seus horizontes sobre a credibilidade científica de uma imagem, do que a torna uma fonte confiável e passiva a estudo, e também, e que podemos desconfiar e questionar mesmo que elas nos sejam expostas como a representação do real irrefutável.

3.8 - TRABALHANDO OS ESTEREÓTIPOS DAS IMAGENS GEOGRÁFICAS, NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DE GEOGRAFIA.

Inserido na abordagem teórica desta pesquisa, mais especificamente da página 20 até 31, podemos observar algumas justificativas e anseios para se trabalhar a análise das imagens pela geografia com a quebra deste paradigma visual geográfico relativo à analogia de elementos a certos espaços geográficos.

Seguindo essa lógica da abordagem teórica e também os referenciais utilizados construímos a sequência de nossa análise das

imagens, mas agora focado somente nas fotografias as quais encontramos nos livros didáticos de geografia. Utilizamos uma sequência de 18 imagens retiradas dos mais variados livros didáticos, publicadas nos últimos 25 anos.

Durante o processo de formação desta pesquisa um motivo que remetemos a diversos questionamentos perante as imagens geográficas clichês, foi remetente a utilização das mesmas serem muito semelhantes ao se abordar determinados temas e conteúdo da geografia escolar, ou seja, das fotografias geográficas carregadas com ideologias estereotipadas. “O realismo, enfim, é um conjunto de regras sociais, com vistas a gerir a relação entre a representação e o real de modo satisfatório para a sociedade que formula essas regras. Mais que tudo, é fundamental lembrar-se de que realismo e ilusão não podem ser implicados mutuamente de maneira automática”. Aumont (1993, p. 106).

Esse questionamento pode ser considerado como grande estímulo para o desenvolvimento desta pesquisa, sendo que trabalhamos com as imagens geradas pelos próprios alunos na confecção das fotosequências, tentando assim, ao menos minimizar um pouco esse simbolismo que certos temas geográficos carregam sobre determinadas imagens.

Nosso foco principal nesta etapa foi almejar o diálogo sobre o uso das imagens fotográficas nos livros didáticos de Geografia do ensino fundamental II, questionando a relação existente entre o uso de imagens fotográficas e a formação de um espaço Geográfico estereotipado. As tentativas de diálogo geradas propõem um ideal de minimizarmos o uso da imagem fotográfica como um clichê, e relatar como a análise das imagens fotográficas em um viés metodológico pode desmistificar características estereotipadas relativas ao espaço Geográfico, repetiremos as imagens abaixo, como se repete um refrão de uma música, a fim de enfatizarmos nossas percepções.



Figura 15:- Pecuária em Bagé, RS. Fonte: (CASTELAR; MAESTRO, 2006, p.193).



Figura 16-Criação de ovelhas, Bagé, RS. Fonte: (PIRES, BELLUCCI, 2009, p.120).



Figura 17-Pelotas, RS. Fonte: (ARARIBÁ, 2007, p.164).

Nas figuras 15, 16 e 17 são exemplos de fotografias as quais analisamos em sala de aula, foram tirados de livros didáticos onde o conceito estudado é o das regiões brasileiras, livros utilizados na antiga 7ª série e atual 8º ano. Não pretendemos desqualificar o conceito de regionalização tão intrínseco a geografia escolar, nem descon siderar que as fotografias acima também descrevem parte deste espaço geográfico, mas essa semelhança nos levantou o questionamento, é possível falar e visualizar a região sul apenas por essas fotografias?

Portanto, as imagens mudam os textos, mas os textos, por sua vez, mudam as imagens. O que lemos ou ouvimos a respeito das imagens, a maneira como a literatura, a imprensa, a sinalização apropriam-se delas, trituram-nas e apresentam-nas determina necessariamente a abordagem que fazemos delas. (JOLY, 1996, p. 131).

Na análise das figuras 15, 16 e 17, um fato inusitado é que em todas as turmas descritas como participantes da pesquisa, apenas uma minoria se considerava representado culturalmente por tais fotografias, e grande parte desta minoria era representada por alunos migrantes do oeste Catarinense e do interior do Rio Grande do sul.

Gostaria que ficasse claro para todos os leitores, que em nenhum momento discriminamos ou desqualificamos as fotografias e sua cultura simbolizada, apenas questionamos porque elas estavam ali? Repetitivamente, quase que idênticas, com dificuldade de separar uma

realidade da outra. Sabemos que a regionalização facilita o estudo específico de diversos fenômenos, mas é importante atentarmos que a exclusão de outros fenômenos certamente acarretara em erro ao analisarmos um espaço pelo todo.

Nesta discussão de estereotipo e fotografia, buscamos permear nossa discussão na questão da inclusão de elementos geográficos minoritários, relacionamos o contexto de estereotipo junto ao de inclusão, como na menção de Sontag; “A fotografia fornece provas. Determina coisa de que ouvíamos falar, mas que nos suscita dúvida parece-nos comprovada quando dela vemos uma fotografia” (1993, p.5). Buscamos levar o entendimento que o estereotipo local acaba por excluir outros símbolos a serem contemplados, mascarando ou pelo menos minimizando a realidade espacial e social local.

Relatando a concepção de imagem mental ao qual formamos de determinados grupos, analisamos diversas fotografia e imagens sobre a temática, questionamos e exercitamos o espírito investigativo de análise. Uma situação bem inusitada que aconteceu foi o questionamento das imagens de idosos nos adesivos do transporte público, a que representa um idoso arcado com uma bengala na mão. Um aluno falou indignado “meu avô tem oitenta anos e está melhor que muito jovem aí” relatando que a postura de seu familiar era melhor a do que os alunos de sua sala, e remeteu a questão do adesivo como mais estereotipo que parece não ser desmistificado nunca.

Durante os questionamentos do estereotipo presente em imagens utilizadas pela geografia, voltamos nosso discurso para a construção de um pensamento inclusivo, de respeito às diferenças e também de valorização das minorias.

Em relação à temática inclusão não foi projetada muitas imagens, pois em nosso planejamento essa era uma temática relativa à confecção das foto-sequências pelos alunos. Acreditamos que as exibições de tais imagens poderiam levar a uma indução na hora dos próprios alunos produzirem suas fotografias, assim apresentamos apenas algumas imagens, mais o debate e dialogo sobre tal temática foi extenso e bem direcionado para o entendimento do conceito de exclusão e inclusão tanto social como o pessoal.

3.9 - AS FOTOGRAFIAS E SEUS INTERESSES ECONÔMICOS.

Seguindo o as projeções em aula, foram projetadas imagens utilizadas com viés publicitário de Florianópolis, onde através de umas 10 fotografias podem discutir e debater a realidade atual ao qual vivemos e a que as empresas publicitárias tendem a repassar da espacialidade geográfica encontrada em Florianópolis. Grande parte das imagens tende a excluir fatos reais pertencentes à realidade espacial e social local, dando voz ou vista apenas ao tema de interesse, como nas fotografias abaixo.



Figura 18-Praia de Jurerê e Ponte em Florianópolis. Acesso em 15/03/2012

Nesta etapa de nossa análise os alunos demonstraram muito participativos, todos queriam relatar algum caso, fato ou análise espacial que ocorre em sua região. Foram bem participativos e com um discurso semelhante ao relatar sobre a Florianópolis que aparece nas publicidades, nos jornais turísticos e a Florianópolis a que eles estão inseridos no seu dia – a –dia.

Durante essas projeções tivemos a oportunidade de incluir a temática inclusão social, estereotipo e fotografias direcionadas a algum discurso, essa etapa foi bem polêmica, grande parte dos alunos tinha um fato a expor, indagar e perguntar a respeito das diferentes imagens que são vendidas e direcionadas pelas diversas mídias, perante a uma parte da realidade de Florianópolis.

Nesta etapa da aula projetamos inúmeras fotos de Florianópolis umas com imagens de lugares paradisíacos outras com os mais diversos problemas sociais. Foi muito proveitoso perceber o quanto os alunos estavam críticos a esse discurso que estamos na “ilha da magia” ainda se tratando de escola pública tanto a Lagoa da Conceição quanto a Barra da

Lagoa são espaços que estão diretamente vinculados a essa exploração paisagística.

4- CAPÍTULO: APLICAÇÃO DA FOTO-SEQUÊNCIA.

4.1. - O PERCURSO DA CONSTRUÇÃO: ENFIM A FOTO-SEQUÊNCIA.

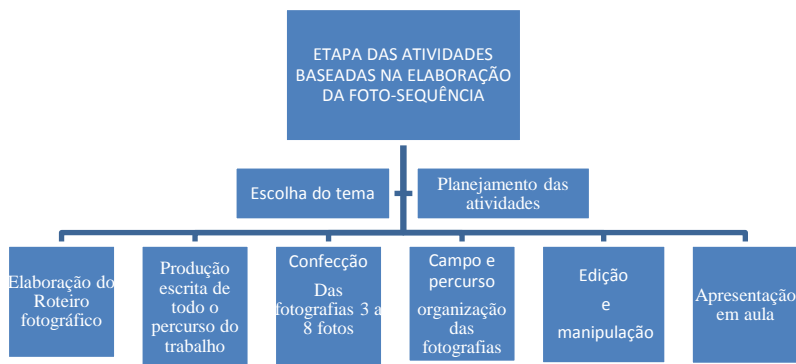
Após todo esse processo de inserção sobre as imagens e a fotografias com duração entre duas semanas - seis aulas de 45 minutos - adentramos na explicação das etapas do trabalho de confecção das foto-sequência.

Esse processo de confecção e apresentação das fotografias teve duração total de um mês e meio no geral nas diferentes escolas, a exposição da etapa de confecção da fotografia foi feita em duas aulas de 45 minutos cada. Após esse período os alunos tiveram um prazo de 14 dias, duas semanas para planejar todo o roteiro e desenvolver a captação da imagem, o relatório e sua apresentação em aula. As apresentações foram feitas em mais duas semanas, totalizando um período de um mês e uma ou duas semanas.

Todos os alunos das diferentes turmas já sabiam que todo o processo de estudos das imagens ao qual participamos era para adentrarmos nesta etapa de confecção das próprias fotografias, apesar de ainda não ter exposto diretamente as etapas e ideais a ser seguida, grande parte já estava a par do que seria desafiado a fazer.

Primeiramente projetamos as imagens descritas no decorrer deste trabalho, representando as etapas que utilizaríamos como norte da pesquisa em seguida foi estruturado o trabalho ao fluxograma abaixo;

4.2. - PRIMEIRA ETAPA DAS ATIVIDADES BASEADAS NA ELABORAÇÃO DA FOTO-SEQUÊNCIA.



4.3. - PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES E PROCEDIMENTOS BÁSICOS.

Antes de expormos como seria a estrutura das fotografias e iniciarmos o roteiro da foto-sequência perante as turmas, descrevemos as diretrizes que todos deveriam seguir, esta etapa do trabalho é de fundamental importância para o desenvolvimento de todo o trabalho. Todos os alunos já estavam sabendo o que iríamos fazer, mas ainda não tinham a noção de como, o que eles deveriam seguir, muitos já demonstravam impacientes por não chegar logo à hora de produção das imagens, mas como foram mencionadas as turmas, a etapa final é apenas uma parte de todo trabalho a ser desenvolvido.

Foi enfatizado oralmente a todos sobre a importância de seguir as diretrizes – descritas abaixo- para a execução do trabalho, também foi relatado caso alguma dupla discordasse ou quisesse acrescentar algo estávamos aberto às negociações, pois todos sabiam que a construção e consolidação de todo o processo pertence ao devir participativo. Foi lembrado que no planejamento do roteiro era necessário que os itens

descritos estivessem inclusos, para que não chegássemos a um trabalho final de maneira diferenciada dos demais grupos, ao menos na estrutura básica do trabalho.

Durante uma aula de 45 minutos todos os alunos copiaram as diretrizes a seguirem, foi pedido que os dois representantes da dupla tivessem essas anotações em seu caderno, pois sabíamos da importância para o trabalho. Nesta mesma aula foi explicitado item a item, discutimos e construímos cada item, tiramos dúvidas e também objetivamos o porquê de cada item ser um pré-requisito para o desenvolvimento do trabalho.

Na etapa de explicação acabamos por incluir um item, tirar outro, acrescentar tal elemento e excluir outros, podemos dizer que parte deste processo de consolidação das diretrizes foi em suma, participativa. A maioria das diretrizes foi apresentada por nós, mas em momento algum fomos imperativos quanto a questionamentos sobre cada item, vamos a elas;

A - A escolha dos temas

Nesta etapa da escolha do tema apresentamos às diferentes turmas do 9º ano quatro itens: *Transporte e Inclusão*, *Transporte e Exclusão*, *Tecnologia e Inclusão* e *Tecnologia e Exclusão*. Todas as turmas tinham trabalhado no bimestre passado os conceitos de tecnologia e transporte nos diferentes eixos da geografia, tanto econômica, social e político de acordo com os conteúdos do planejamento escolar. E grande parte dos alunos já tinha acordado por forma de votação que esses seriam os temas a nortear as foto-sequências que iriam produzir.

Durante toda a etapa de análise de imagens, com duração em cerca de duas semanas, também trabalhamos o conceito de inclusão e exclusão com os alunos, debatendo, expondo algumas formas legais e demandas sociais sobre estas questões. Todo esse trabalho foi feito principalmente sobre a análise das imagens e fotografias as quais projetamos em aula.

Também foi solicitado junto à turma à escolha de outra temática a qual vinculasse com o que tínhamos debatido, assim, através de votação as turmas tiveram a oportunidade de decidir qual tema eles também achariam propício para a confecção das fotografias. Os alunos de ambos 9º anos decidiram trabalhar com o tema preconceito, pois quando estávamos debatendo a questão de estereotipo, inclusão e exclusão essa temática foi exposta várias vezes pelos alunos.

Foram propostos diversos outros temas, mas poderiam acabar por fugir ou minimizar o trabalho fotográfico com um viés inclusivo de um espaço geográfico. Acreditamos que a temática do preconceito é intrínseca a nossa proposta de trabalho, já havíamos notado o quanto esse tema ganha força no debate entre os alunos, tanto na questão de gênero sexual como de classes sociais.

Assim ficou acordado onde cada dupla estava livre para escolher um dos itens para executar seu trabalho, a definição dos temas foram: *Transporte e Inclusão, Transporte e Exclusão, Tecnologia e Inclusão, Tecnologia e Exclusão e agora o Preconceito.*

B- O trabalho deve ser feito em dupla, escolhida pelos próprios alunos.

Esse item foi direcionado deste modo, pela demanda dos alunos terem de se reunir fora ao período de aula para capturar as imagens, fotografar. Assim acreditamos que eles poderiam se organizar melhor com seus colegas por afinidade e proximidade de casas, a fim de minimizar a dificuldade de encontro entre alunos e também diminuindo os constrangimentos fora do período de aula.

Apenas em caso extremo e através de justificativas foi permitido o trabalho em trio, por exemplo, por sobrar um aluno (a) na turma, ou por motivo de inclusão de alunos com necessidades especiais e também por justificativa de distância entre residências. Nenhum aluno fez o trabalho individualmente, foi relato que também não seria aceito o trabalho individual.

C - As fotografias deverão ser de autoria da dupla.

Foi exposto que não seria aceito imagens ou fotografias das quais os próprios alunos não fossem o fotógrafo ou participassem diretamente da confecção. Todos estavam cientes da necessidade de possuir ao menos algum equipamento que captasse imagens fotográficas. Não seria aceito fotografias já tiradas pelos alunos em outras ocasiões, fotos de família, da internet, ou seja, as fotos deveriam ser produzidas a partir da elaboração do roteiro em aula.

Todos tiveram essa orientação a respeito de possuir ou não máquinas fotográficas, celulares ou semelhantes, também tiveram como orientação que aquele que não tivesse acesso escolhesse ou formasse dupla com alguém que possuísse o equipamento. Para nossa surpresa não tivemos nenhum problema relativo a não ter o equipamento para execução do trabalho.

D – A foto-sequência deveria possuir no mínimo três fotografias e no máximo de oito.

Essa etapa também foi negociada com os alunos, partes dos alunos queriam um limite mínimo de fotografias, mas não queriam limitar o número máximo de fotografias. Deste modo a estrutura do trabalho poderia ficar sem organização, caso a turma tirasse 20 a 30 fotos, também na descrição final em forma de relatório seria cobrado à descrição por escrita de todas as fotografias presentes na foto-sequência.

Foi orientado deste modo para que não tivéssemos uma discrepância na estrutura dos trabalhos, uma forma de padronização para que todos possuísem o mesmo tempo de apresentação e descrição do trabalho escrito.

E - A foto-sequência não necessita possuir uma cronologia, uma sequência lógica estrutural, temporal e espacial.

As ordens das fotos não precisam possuir uma estrutura lógica de apresentação, poderiam ser de qualquer tipo estrutural possível de confecção, desde que, após a apresentação e o dialogo com a turma o grupo deveria explicitar o ideal seu objetivo.

F - O título da foto-sequência deve estar articulado com o conteúdo geográfico estudado e proposto, a temática totalmente vinculada aos temas propostos em sala, àquelas que não estivessem relacionadas não iriam possuir avaliação e não seriam apresentadas.

Esta parte do trabalho foi orientada a todos para não fugirem do tema proposto, pois durante a confecção do roteiro - logo mais descrita-grande parte das duplas tinham propostas fora da temática. Não que isso não daria resultado, mas não era nossa proposta neste momento da pesquisa.

G - As histórias e fotografias poderiam possuir diferentes gêneros e linguagens: Drama, comédia, aventura, suspense, ficção, romance, entre outras.

Nesta etapa informamos, as classificações em gênero poderiam ser de variadas formas, com a função de organizar estruturalmente a sequência fotográfica. O leque de ações, personagens e desenvolvimento do roteiro teve um ganho ao relatar essa etapa.

H - As fotografias poderão possuir escritas e falas desde que, em formato de balões como nas histórias em quadrinhos.

Foi acordado com as turmas que as fotografias poderiam possuir escritas em formato de história em quadrinhos, mas isso não era necessário, era opcional, mas aqueles que acharem necessário poderia incluir.

I - A foto-sequências pode possuir o caráter de fotografia “real” ou “ficcional”.

Durante esse pedido foi explicitado a liberdade de manipular os acontecimentos, fazendo parte da fotografia, como em uma peça teatral filme ou comercial. Poderiam manipular os espaços no entorno, montar um cenário sobre o qual pretendiam retratar, atuar ou simplesmente fotografar acontecimentos do momento.

J - Não é necessário estarmos diretamente nas fotografias.

A dupla não necessariamente precisaria estar nas fotografias, poderiam convidar pessoas, familiares, colegas de classe para participar do trabalho.

K - É possível fazer mais de uma foto-sequência, mas apenas uma seria apresentada.

Poderiam elaborar mais de uma foto-sequência, caso a dupla não estivesse de acordo, o objetivo não fosse contemplado ou até mesmo por cada um tivesse uma ideia, a dupla poderia escolher a de maior pertinência.

L - As fotografias não poderiam possuir ações e atos obscenos, de violência física, agressão e preconceitos, ou seja, nenhuma forma de discriminação e preconceito que não fosse abordado de forma educativa.

Durante todo o processo de análise das imagens tivemos o cuidado de orientar os alunos com cuidado relativo ao discurso ideológico de suas fotografias, pois aquilo se tratava de um trabalho sério e a ser avaliado, contanto para sua formação e nota final de

aprovação. Caso fosse muito necessário a dupla minimizasse os impactos das cenas para não haver futuras desavenças.

M - Não era permitido investir dinheiro no trabalho, em nenhuma das etapas.

Ficou acordado a não aceitação no trabalho de investimento em dinheiro com aluguel de equipamento, viagens ou qualquer outra forma de gasto. Isso foi orientado para minimizarmos constrangimentos com aqueles que não possuísem dinheiro, não haver reclamações de familiares e outros meios de imprevistos no trabalho.

N - Buscar as relações culturais e espaço e tempo presente nas fotografias

Foi trabalhado junto com os alunos a orientação relativa à locomoção, cuidando com as longas distâncias na captura das fotografias, assim sendo, demos ênfase nas relações do seu entorno, objetivando a visão fotográfica em seu próprio bairro.

O - As fotografias não deveriam passar por tratamento de imagens.

As fotografias poderiam ser manipuladas com no máximo uma correção de luz e opcionais de cores (como monocromático, séptica, entre outras). Não deveria trabalhar com imagens falsas, incluir elementos, montagem, danificar cenários, ou seja, reestruturar a fotografia, pois tínhamos como ideal fazer uma análise e confecção apenas do capturado pelas lentes da câmara.

P - As fotografias não deveriam ser animadas em forma de vídeos, stop motion, pois não encaixariam na proposta de análise de imagens fixas a qual iríamos fazer nas apresentações.

Para que as fotografias não perdessem seu valor de imagens fixas, foi acordado que as imagens fotográficas não seriam apresentadas em formato de animação, stop-motion, pois iriam fugir de nossa proposta de análise e confecção das foto-sequências, apesar disso, acreditamos que as imagens em movimento são partes deste processo de estudo e seriam de grande contribuição ao ensino de geografia fundamental.

Q - Sugere-se tirar mais de uma fotografia de cada ato, ação, fato ou cena.

Foi sugerido para todos que tirassem mais de uma fotografia de cada ação, pois já havíamos debatido que nem sempre as imagens captam o que estávamos em mente ou tínhamos como propostas. Para que não ocorresse algum contratempo ou imprevisto na sequência fotografia, foi orientado para cada grupo tirar no mínimo três fotografias de cada ação prevista, assim poderiam escolher as adaptações de suas propostas, ou representasse melhor o objetivo proposto.

R - Checagem de todos os equipamentos antes do campo.

Essa etapa foi bem trabalhada em aula, descrevemos a importância de checagem de todos os equipamentos de trabalho, principalmente em relação à bateria dos equipamentos – Máquinas fotográficas e celulares – também demos ênfase na questão do armazenamento digital das imagens, onde se faz necessário checar a capacidade dos cartões de memórias, espaços livre e demais formas de captação de arquivos.

S- Planejando e elaborando do Roteiro fotográfico.

Após o esclarecimento das diretrizes adentramos na etapa pertinente ao planejamento e desenvolvimento do roteiro, o roteiro do trabalho consiste no planejamento de todas as fases de execução, onde montamos e aplicamos nossas ideias. Como desencadeará a sequência de atos e acontecimentos.

O roteiro foi elaborado em sala de aula, os alunos sentaram em dupla e foi orientado a fazer um croqui das fotografias em forma de desenho, símbolos ou algo semelhante, a dupla necessitaria de uma história escrita e também um esboço visual do que iriam capturar em campo.

Na etapa do roteiro nossa intervenção foi dada com ênfase em todas as duplas, foram analisados todos os roteiros questionados e elogiados. Grande parte das duplas teve dificuldade em acordar como seriam as fotografias, quais temas iriam abordar, em qual cenário seria captada as fotografias, o que eles queriam realmente representar.

Enquanto as duplas estavam elaborando, discutindo sobre seus trabalhos, colocamos algumas questões norteadoras no quadro, não que cada grupo tivesse que as responder, mas ao menos pensar sobre elas;

Qual o tema escolhido? Por quê?
 Quantas fotografias serão necessárias?
 Qual é o teu objetivo?
 Como vai ser a história?
 Sua foto-sequência possui introdução, desenvolvimento e desfecho?
 Isso é necessário?
 Onde vocês vão captar as imagens? Em que cenário?
 Que elementos físicos são indispensáveis para composição de suas fotografias?
 E se chover? O tempo pode interferir em seu planejamento?
 Descreva foto a foto em seu caderno?
 Qual é o objetivo de cada foto?
 Essa história está vinculada com o tema ao quais vocês escolheram?
 Quanto tempo irá gastar em campo para captar as imagens?
 O que pode dar errado na hora da captação das imagens?
 Imprevistos?

4.4 - A APRESENTAÇÃO DAS FOTO-SEQUÊNCIAS.

Após passarmos pelo processo de planejamento e confecção das foto-sequências iniciamos o período de apresentação. Nesta etapa final do trabalho iremos perpassar por dois momentos, o primeiro relativo à apresentação e os diálogos ocorridos, sendo o segundo relativo à entrega do relato escrito. Na etapa de apresentação do trabalho, os grupos foram orientados a trazerem as fotografias em algum meio digital, como cartão de memória, pen drive, hd externo, salvo em e-mail pessoal ou enviado ao e-mail ao qual disponibilizamos a todos. A questão relativa ao armazenamento digital das fotografias foi bem trabalhada e acompanhada com os alunos, onde não ocorresse algum imprevisto maior no dia da apresentação.

Orientamos cada grupo a adequar às fotografias em algum meio de apresentação digital, como, por exemplo, o Power Point ou algum tipo de softwares similares. Nesta etapa pedimos para que as fotografias já estivessem em uma sequência a qual eles gostariam de apresentar, também não fosse necessário ter que manusear as fotografias na hora da apresentação. Um fator importante foi que acordamos com as turmas, cada grupo teria de 5 a 8 minutos de apresentação das foto-sequências e seguidamente iniciáramos os debates e comentários da turma.

A apresentação dos trabalhos expostos abaixo deveria ser projetada pelo grupo produtor sem nenhum comentário, ou seja, o grupo criador da foto-sequências inicialmente apenas projetaria as fotografias sem fazer nenhum comentário, assim, os alunos expectadores seriam os primeiros a descreverem os seus entendimentos, comentários enfim dar início ao diálogo e as análises.

4.5 - AS FOTOS-SEQÜÊNCIA DA ACÁCIO GARIBALDE SÃO THIAGO, BARRA DA LAGOA, 9º ano.

A turma da barra da lagoa possuía 29 alunos, foram formados 10 duplas e 3 trios, com previsão de apresentação de 13 Foto-sequências. Na data marcada para a apresentação tivemos 11 apresentações concluídas, sendo que uma dupla não fez o trabalho e um trio não apresentou, mas entregaram a foto-sequência após o prazo combinado.

Das 12 apresentações, selecionamos três para comentar sobre o andamento, tentarmos analisar e descrever aspectos relacionados ao seu percurso de construção e apresentação do trabalho. A escolha dos trabalhos não foi por critérios específicos, e sim pela percepção observada relacionada às diferenças encontradas entre eles, assim tentamos mostrar como todo o processo resultou nas foto-sequências expostas abaixo.

Título da Foto-sequências: Indo ao Trabalho



Figura 19-Indo ao Trabalho. Autoria Vinícius Restinguer.



Figura 20— Indo ao Trabalho II. Autoria Vinícius Restinguer.

Como acordado, os alunos iniciaram as apresentações apenas com a exposição das fotografias, sem comentários relativos sua construção e seus ideais, fotografia por fotografia, e no final todas juntas formando uma sequência de fotografias. Isso foi combinado com a turma para que pudessemos analisar se a compreensão de nós expectadores seria semelhante à exposição dos produtores das fotografias.

Abrindo o diálogo para com a turma, percebemos que grande parte apresentava-se eufórico e animado com as fotografias. Inicialmente os alunos expectadores já explicitaram que a temática abordada pela dupla foi a de transporte e inclusão, alguns concordando com a realidade apresentada em um espaço geográfico vivido por todos ao utilizarem a BR 101. Aproveitando o afloramento da temática, mediamos um breve debate sobre o que as fotografias tinham em comum com a realidade espacial a qual alguns se sentiam ali inclusos.

Os alunos expectadores demonstravam bem participativos, expondo seus questionamentos, voltados tanto pela temática do trabalho com também para a parte técnica de confecção das fotografias. Surgiram questionamentos sobre a temática como: “Por que vocês escolheram a Br 101? Isso realmente aconteceu com algum de vocês?” Outros questionamentos sobre a confecção técnica como: “Poxa, de quem foi a ideia de colocar os carrinhos? Quantas fotos vocês tiraram?”.

Os alunos expectadores questionaram e muito a dupla a qual apresentava, sendo a maior parte dos questionamentos foi pelo interesse ao trabalho, do que meramente críticas. Durante as indagações pudemos perceber os alunos realmente interessados na vivência que presenciávamos, tivemos que mediar os questionamentos e as respostas da dupla, pois o ideal era que a dupla só comentasse após as falas dos alunos expectadores.

Nos comentários gerados, observamos muitos deles retomavam a situações as quais poderíamos nos remeter através das fotografias expostas, críticas e sugestões sobre a realidade do transporte surgiram, como que a BR 101 é um espaço que inclui somente os veículos motorizados não dando chance alguma de inclusão de outro meio de transporte no local.

Após o diálogo aberto, a turma, o grupo responsável pela apresentação, explicitou suas ideias relativa à construção da foto-sequências vinculando aos conceitos estudados geográficos estudados em aula. Durante a explicação de foto a foto os alunos trouxeram para turma a explanação geral de seus ideais expostos pelas fotografias. Conseguiram explicar o motivo pela qual estavam retratando tal

situação, queriam que todos os expectadores entendessem nas fotografias, qual sua relação direta com a realidade a qual estavam inseridos, fizeram uma abordagem direta perante a relação entre fotografia e o conteúdo estudado.

Infelizmente tivemos que intervir no fim da apresentação, pois o dialogo estava estendendo muito além do tempo ao qual estávamos planejando, além disso, os outros grupos estavam ansiosos para sua vez.

Título da Foto-sequências: A Turista.



Figura 21- A turista. Autoria Juliana.



Figura 22- A turista II. Autoria Juliana.



Figura 23-A turista III. Autoria Juliana.

A escolha por essa foto-sequência foi objetivada tanto pelo conteúdo, forma e execução das fotografias, quanto pelo caráter dos números de fotografias utilizadas. Mesmo com o acordo perante a turma de utilização de no máximo oito fotografias o grupo em questão utilizou 12 fotografias. Esse item aqui exposto está em debate pelo motivo de ser o primeiro detalhe abordado pelos alunos expectadores, já no início da apresentação. A maioria dos alunos comentava que não era para passar de oito fotografias, assim, já questionando o acordo efetuado entre todos, em sala, de maneira conjunta e participativa.

Passado a discussão sobre os acordos feitos relativos às diretrizes das fotografias os alunos expectadores começaram manifestar-se de maneira intensa, grande parte não parava de falar, rir, indagar e fazer muitas brincadeiras. Foi bem difícil retomar a aula de maneira controlada, onde pudéssemos ouvir um por vez, e continuarmos nossa análise.

Na análise sobre a temática abordada pelo grupo os expectadores relatam tratava da questão tanto do preconceito quanto da xenofobia, alegavam que isso é uma realidade que eles constantemente presenciam na comunidade da Barra da Lagoa. Onde durante todo o ano, recebem uma grande parte de turistas estrangeiros que tentam comunicar-se, sem saber falar, uma palavra se quer em português. Durante essa abordagem quase todos os alunos queriam relatar algum tipo de vivência e fato observado por eles sobre a temática em questão, uns eram contra o ato explicitado na foto-sequência e outros relatavam o descaso dos turistas com a cultura local.

Durantes as explanações surgiram os mais variados fatos, alguns totalmente em dissonância com a realidade dos alunos, outros nem tanto.

Aproveitando o gancho da temática que surgiu começamos a dialogar até onde devemos nos esforçar para compreender os turistas, qual era nosso papel enquanto comunidade, e de alguns que dependem diretamente do poder econômico e turístico gerados pelo turismo. Durante o dialogo acordamos que não estamos preparados para receber de maneira comunicativa os turistas das diferentes partes do mundo e eles também não estão preparados para incluírem se maneira comunicativa na realidade cultural a qual estamos inseridos.

Debatemos se não seria necessário que nos tivéssemos um conhecimento da língua universal – o inglês – até onde vai o papel do turista, e o da comunidade que depende em partes deste recurso econômico.

É importante ressaltar que nessa etapa do dialogo a turma estava realmente dividida em suas opiniões relativas ao ato apresentado nas fotografias, uns apresentavam-se totalmente a favor da moradora representada na foto e outros repudiavam o ato a qual ela manifestou. Nesse momento surgiu a indagação de até onde temos preconceito e de até onde temos nossos deveres, somos responsáveis por quais atos neste cenário apresentado pela foto-sequência.

Após um grande período de dialogo a turma acordou que a violência da moradora Brasileira não deveria ocorrer, repudiaram o ato, mas defenderam em parte o seu descontentamento com o modo ao qual grande número dos turistas age com relação à comunicação no espaço geográfico em questão.

Foi acordada que o cenário apresentado na foto-sequência está intrínseco a realidade de todos ali presentes, sendo o ato descrito em imagens constantemente presenciado no espaço geográfico ao qual estamos inseridos, de maneira diferenciada. Mas com certeza em uma frequência muito alta, pois todos ali poderiam citar mais de um exemplo do cenário em destaque, com suas experiências de vida em sua comunidade.

É importante fazer a ressalva que durante as aulas relativas ao conceito de inclusão e preconceito projetamos algumas partes de vídeos encontrados no youtube de uma série de documentários produzidos pela emissora de televisão Band, de nome “Londres vista pelos Brasileiros” onde muitos brasileiros que vivem na capital inglesa relatam o descaso, o preconceito e o sentimento xenofóbico que os ingleses têm com o povo Brasileiro e Latino Americano.

Podemos mencionar que muitos ali apresentavam um pensamento e comportamento de defesa do nacionalismo, não tendo o entendimento da necessidade de direitos e deveres que nós representamos, ou seja, é preciso conhecer para entender.

No alvorecer dos apontamentos muitos alunos questionavam o papel do Estado enquanto gestor territorial, relatando que não encontramos nenhum tipo de planejamento e execução de projetos para dar suporte a estruturação turística da comunidade da Barra da Lagoa.

Foi discutida entre todos os alunos a falta de sinalização dos pontos turísticos, tanto para os Brasileiros quanto para os estrangeiros, na questão da comunicação e orientação espacial, houve muitos questionamentos e indagações perante o descaso do setor público e privado relativo às informações de ordem turísticas e serviços no espaço estudado.

Passado esse longo período de reflexão sobre a temática em questão o grupo produtor da foto-sequência iniciou sua explicação perante fotografia a fotografia. A fala do grupo foi de trazer em debate as questões que todos já tinham abordado, sobre a falta de estrutura de comunicação e turismo local, mas se posicionando totalmente contrário a reação representada no cenário incumbido na foto-sequência em questão.

O grupo relatou que a intenção era levar ao diálogo sobre o que seria o turismo ideal para a comunidade da Barra da Lagoa? Até onde temos que nós deixarmos nossa cultura de lado para entender a cultura de nossos semelhantes?

Após a explanação do grupo decidimos dar continuidade as apresentação, pois não sabíamos se as próximas também poderiam nos direcionar ao debate incluso nessa apresentação.

Título da Foto-sequência: Morro do Torquato



Figura 24-Morro do Torquato, autor Gabriel.

Antes de iniciarmos nossa descrição sobre a foto-sequência acima mostramos que a dupla em questão primeiramente apresentou um slide contendo todas as fotografias que compõem a foto-sequência produzida.

Faz-se necessário um esclarecimento prévio sobre a localização das fotografias acima, elas representam uma localidade pertencente à Barra da Lagoa denominada de Morro do Torquato, este espaço físico encontra-se entre a região da Barra da Lagoa central e o Morro do Torquato separado pelo recurso Hídrico denominado de Canal da Barra. O acesso a essa determinada região se dá principalmente pela utilização de pequenos barcos, chamados de bate iras, onde o único acesso via terrestre é muito limitado e demandando de um percurso muito maior para os moradores da localidade, sendo pela Ponte Pênsil que liga a barra da lagoa a Praia conhecida como Praia.

Os alunos expectadores iniciaram seus apontamentos relatando novamente situações as quais eles vivenciam e conhecem sobre a realidade dos moradores que demandam diariamente deste percurso. Ficou claro para os alunos que o cenário apresentado era uma forma de reclamação e manifestação sobre o descaso dos órgãos públicos perante a toda a comunidade que tenta usufruir seu direito de ir e vir.

Grande parte dos alunos indagou a dupla sobre o que seria aquele anúncio exposto no início da apresentação, onde a Associação dos moradores estava convocando a comunidade para dialogar sobre a demanda de um barqueiro que ficasse a disposição da comunidade por 24 para que aqueles que necessitassem pudessem atravessar o canal da Barra.

Durante está explanação tivemos que deixar o grupo produtor das fotografias a dar uma explicação relativa a tal fato. Os alunos relataram que não existe nenhum tipo de transporte público, presente ali na região, que cada morador utiliza seus barcos coletivos ou individuais para travessia, e citaram o fato de a prefeitura ter prometido à disponibilização de um funcionário por 24 horas por dia para auxiliar na travessia.

Foi mencionado que muitos que ali vivem alugam suas casas no verão porem, grande parte dos turistas não quer se hospedar na região, pois não se sentem confortáveis ou seguros para executar a travessia sozinha.

Durante o dialogo percebemos que todos estavam de acordo com a manifestação da turma sobre o descaso que os moradores ali se encontram, que o cenário apresentado na foto-sequência está totalmente vinculado com o espaço geográfico que eles atuam.

Foi relatado por vários alunos que as condições dos trapiches que todos utilizam estão bem precárias que a sua manutenção, e implementação são de responsabilidade dos moradores, não tendo nenhum auxílio da prefeitura ou outro órgão municipal. Que muitas pessoas se machucam com pregos enferrujados, podendo prender o pé na falta de madeira, e até mesmo os idosos sofrerem quedas por falta de estrutura física do local.

Surgiram muitos questionamentos sobre a realidade estrutural do local, muitos relataram que o local não há segurança, principalmente à noite, não havendo iluminação pública e qualquer tipo de meio de segurança para o população local. Relataram que os próprios barcos “bateiras” não possuem um local apropriado para deixarem durante suas travessias, que a noite os moradores precisam prendê-las em qualquer local disponível, e muitas vezes pessoas pegam os barcos e deixam em locais bem distantes dos quais eles embarcaram.

Outra abordagem feita foi relativa à segurança de quem atravessa, sendo que os barcos não são motorizados e necessitam de um bambu para ajudar na travessia, e quando o bambu cai, eles ficam sem saber o que fazer, esperando que a correnteza o leve para a margem ou alguém que ali se encontra possa lhe fornecer um auxílio.

Também foi mencionado o fato dos dias de chuva ou de mar muito agitado em que acarreta no alagamento das bateiras, onde cada bateira já possui algum tipo de vasilhame para a retirada da água acumulada tanto pela chuva, quanto pela maré. Foi explicitado também que muitos que ali utilizam as bateiras também não sabem nadar, desde crianças até idosos, e isso também é um fator ao qual eles estão sujeitos a tragédias sem nenhum olhar do município para essas demandas.

Podemos ver no diálogo o maior descaso perante os cenários apresentados nas foto-sequencias, conseguimos debater e explanar em pouco tempo inúmeros conceitos da geografia por uma visão levada em sala pelos próprios alunos, trabalhando conceitualmente a relação de espaços minoritários, deveres do Estado como gestor territorial.

Sobre como nossa estrutura de mobilidade urbana está voltada a utilização de veículos motorizados, que mesmo a Barra da Lagoa sendo reduto turístico e cartão postal de Florianópolis, suas demandas mínimas de acessibilidade não está sendo priorizadas.

4.6 - AS FOTO-SEQUENCIAS DO COLÉGIO HENRIQUE VERAS, LAGOA DA CONCEIÇÃO, 8º SÉRIE, PERÍODO MATUTINO.

A oitava série do colégio Henrique Veras matutino, contava com 27 alunos durante a fase inicial de nossa pesquisa, nesta turma acordamos que os trabalhos poderiam ser em trio ou em dupla, sendo que na formação final apresentaram-se com cinco trios e seis duplas, com a previsão de 11 apresentações das foto-sequencias.

Na data prevista para as apresentações tivemos 8 apresentações concluídas, sendo que uma dupla solicitou a apresentação fora do dia combinado e um trio entregou o trabalho, mas não apresentou, houve também uma dupla que não entregou o trabalho pedido, mesmo os alunos relatando que tinham produzido as fotografias, não chegaram a entregá-las ou apresentá-las.

O andamento das apresentações das foto-sequencia no colégio da Lagoa da Conceição foi semelhante ao já descrito no colégio da Barra da Lagoa. Primeiramente os alunos expectadores iriam dialogar sobre seus entendimentos dos cenários apresentados na consolidação das imagens, e seguidamente o grupo produtor explicaria fotografia por fotografia, e descreveriam seus objetivos, características e anseios aos quais pretenderam retratar nas fotografias apresentadas.

Na questão técnica de equipamentos, mesmo planejando antecipadamente no colégio da lagoa encontramos alguns imprevistos no caminho, o projetor ao qual utilizávamos não projetava a maioria dos formatos das fotografias trazidas pelos alunos. Tivemos que pedir para a grande parte dos grupos irem até a sala informatizada e tentassem salvar suas imagens em diferentes formatos digitais, para que conseguíssemos visualizar o trabalho em sala.

No dia previsto para as apresentações acabamos por apresentar somente 4 trabalhos, pois grandes partes dos alunos também não tinham organizados as fotografias em uma sequência as quais eles achavam à ideal.

Tivemos grupos que se recusaram a apresentar, pois havia integrantes que não compareceram no dia, outros estavam com as imagens salvas em e-mail e o local ao qual estávamos projetando as imagens não possui acesso à internet.

Queremos ressaltar imprevistos ocorrem e sempre irão ocorrer se tratando de ensino, mas grande parte poderia ser evitada caso os alunos tivessem seguido as diretrizes que eles mesmos foram de acordo e grande parte delas eles mesmos sugeriram.

Como já ocorrido das 10 apresentações, selecionamos três para comentar sobre o andamento, tentarmos analisar e descrever aspectos relacionados ao seu percurso de construção e apresentação do trabalho.

A escolha das apresentações as quais iremos abordar, também foi dada pela diferença encontrada entre elas, algumas fotografias trabalhavam com temáticas muito semelhantes, outras apresentam cenários parecidos. Tentamos selecionar as foto-sequências pela percepção observada relacionada às diferenças encontradas entre elas, assim tentamos mostrar como todo o processo resultou nas foto-sequências exposta abaixo.

Título da Foto-sequencia: Sem dinheiro para embarcar.

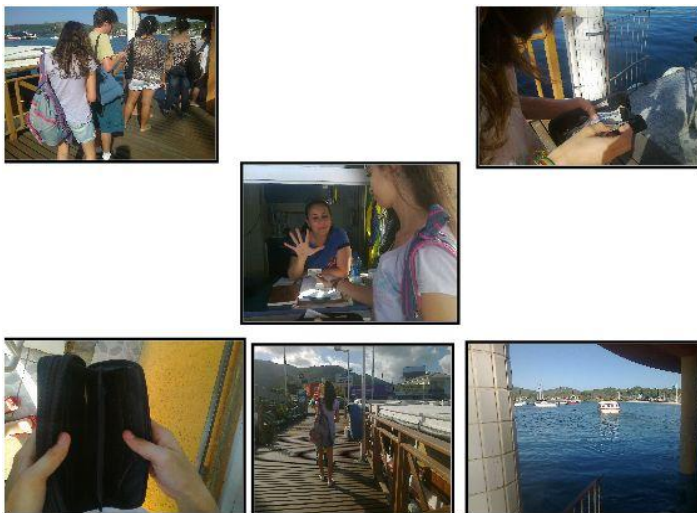


Figura 25-Trapiche da Lagoa da Conceição. Autora: Poliana

Vamos iniciar a descrição das fotografias acima relatando um pouco, brevemente sobre a realidade local dos alunos frequentadores do colégio Henrique Veras, Lagoa da Conceição.

Fizemos um levantamento simples sobre quantos integrantes da turma moram nas imediações da Lagoa da Conceição, ou em proximidades do colégio, observamos que não chega a 50%, a maioria dos alunos que ali estão matriculados são moradores da região conhecida como Costa da Lagoa, onde o acesso se dá principalmente por barcos que navegam na Lagoa da Conceição.

Também há apenas um acesso terrestre para a região e não possui iluminação pública e também é representado por uma trilha, sem calçamento ao qualquer tipo de infra-estrutura urbana. O transporte aquático é o principal meio de locomoção dos sujeitos aos quais

estávamos trabalhando, e um fato importante a ressaltar é relativas às freqüentes reclamações perante a Prefeitura de Florianópolis, ao não repassara a escola o passe necessário para poderem usufruir do transporte aquático da empresa Traçou. Muitos reclamavam a necessidade de gastar dez reais por dia para ir e vir ao colégio, onde na época encontrava-se em cinco reis.

Iniciando o diálogo sobre o cenário apresentado, a menção feita pelos alunos expectadores foi voltada principalmente para essa temática, começaram a relatar que o valor cobrado é muito alto para aqueles que necessitam diariamente utilizar os barcos como meio de locomoção, relataram o alto valor do serviço cobrado perante os serviços prestados.

Novamente todos ali presentes queriam expor alguma experiência de vida relacionada à temática afluída, narraram que os barcos não possuem cobertura apropriada para os dias de chuva e principalmente de vento sul, não sendo possível sentar-se nos acentos laterais do barco, pois o vento forte impulsiona constantemente a água em suas direções. Descravam que os barcos não estão preparados para suportar o número de passageiros demanda do, principalmente no período de entrada e saída dos colégios, relataram o elevado número de moradores para a pouca quantidade de barcos.

A questão do horário do transporte também foi um fato manifestado por todos ali presente, foi mencionado o fato dos barcos chegarem a sair de uma em uma hora, sendo todos ali dependentes destes horários, necessitando planejar suas funções no centro da lagoa em relação aos horários dos barcos. Nos dias de final de semana a situação só tende a piorar.

Durante essa gama de insatisfações dos alunos relativas ao transporte em questão tentamos mediar um diálogo ouvindo as propostas dos alunos para gerar uma minimização do ocorrido. Um fato interessante a relatar, e presenciado foi o da grande maioria não querer a construção de acessos terrestres, de carros ou ônibus fosse, descreveram há não enquadrar com a condição cultural ao qual estão inseridos e também não acha necessário tão quanto à melhor opção, pelo contrário só acarretaria em novos problemas sociais para a localidade.

Na descrição do grupo produtor da foto-sequência, objetivaram a ideia de mostrar a todos seus descontentamentos com o valor cobrado pelo transporte em questão, comentando a exclusão que os moradores da região da Costa da lagoa sofrem do poder público gestor, as más condições dos serviços cobrados e a ineficiência de horários perante a demanda da localidade em questão.

Tivemos que intervir para finalizarmos as discussões, pois o tempo ao qual tínhamos não era suficientemente perante os anseios dos alunos, poderia também outro grupo vir a apresentar um cenário semelhante e assim poderiam prosseguir com nossas indagações sobre a temática abordada.

Acreditamos que trabalhamos diferentes conceitos da geografia em apenas alguns minutos de diálogo, chegamos a questionar a mobilidade urbana, os serviços prestados, a dinâmica cultural de uma determinada comunidade que não se inclui no processo automobilístico diretamente, na questão de acessibilidade, deveres e responsabilidades governamentais e pessoais.

Vimos também que muitos ali estão muito descontentes com o tratamento ao qual estão submetidos, e necessita se locomover durante horas de barco para ter acesso à escola, pois a comunidade da Costa da Lagoa só possui uma unidade educacional só contempla até o Ensino Fundamental I.

Lembramos também que os próprios alunos nos trouxeram realidades as quais nos eram desconhecidas, conseguiram analisar seu espaço geográfico relativo a algumas demandas da geografia para a inclusão de uma localidade no contexto geral.

Muitos outros temas surgiram nesta explanação, muitos exemplos foram citados, soluções foram contempladas e outras indagadas, mas deveríamos dar sequência às apresentações dos trabalhos, pois já tínhamos perdido grande parte do tempo no contratempo que tivemos com a configuração das fotografias na projeção ao qual utilizamos.

Título da Foto-sequência: Preconceito com o Pobre.



Figura 26-Preconceito com o pobre. Autoria Nicole.



Figura 27-Preconceito com o pobre. Autoria Nicole.

Os alunos expectadores iniciaram seus apontamentos relatando algumas características das quais já tínhamos explorado em sala sobre o contexto do preconceito, após um grande período de risadas surgiu o debate em sala em relação aos sujeitos minoritários que encontramos diferentes cruzamentos e semáforo de Florianópolis pedindo um auxílio financeiro para os mais variados motivos. No afloramento da questão percebemos que a turma encontrava dividida em opiniões, uns a favor deste modo de sobrevivência e outros contra.

Mediamos um breve debate tentar ouvir as justificativas de cada lado, discutimos o contexto presenciado no cenário exposto nas fotografias perante a realidade a qual vivenciamos em Florianópolis. Um fato importante a ser ressaltado, é que ambos chegaram à conclusão que no bairro a qual estávamos inseridos Lagoa da Conceição raramente os alunos presenciavam tal fato.

Durante os apontamentos surgiram diferentes temas aos quais são intrínsecos e permeados pelo conteúdo da geografia escolar, abordamos as desigualdades sociais, preconceito, deveres governamentais, saúde, segurança, trabalho, educação, política e tantos outros.

No momento desta apresentação já tínhamos debatido sobre o conceito de preconceito exposto em outro trabalho de foto-sequencia, a parte interessante a destacar desta apresentação foi na fala dos próprios alunos executores das fotografias. Relataram que acabaram por fazer três diferentes sequências fotográficas, com temas distintos, mas ao tentarem formular uma lógica para seus objetivos, descreveram que não foi possível, comentaram que as ideias iniciais propostas nos trabalhos não foi contemplada nas fotografias.

Por esse gancho dialogamos com toda a turma se isso tinha acontecido com mais algum grupo, e percebemos que grande parte do grupo teve dificuldade em representar em fotografias o que pretendiam em seus planejamentos e roteiros do trabalho. Muitos alunos queriam fazer outro trabalho com a mesma metodologia relatando que agora estavam mais preparados para conseguir abordar os conteúdos geográficos auxiliados pelo uso das foto-sequencia.

Durante essa apresentação acabamos por discutir mais sobre como as fotografias sequências podem nos ser úteis para o estudo de diferentes conceitos da geografia, quais eram as vantagens e as desvantagens de estudarmos por esse método. Não iremos descrever aqui os apontamentos positivos e negativos, pois isso será abordado nas considerações finais do trabalho. Continuamos o dialogo com a turma e os autores das fotografias sobre como poderíamos minimizar o cenário em questão, de quem é a responsabilidade, ou de quem são as responsabilidades. Essa discussão foi muito produtiva, nos forneceu grandes subsídios e argumentos para analisarmos tal situação encontrada no cotidiano de todos ali presentes.

Título da Foto-sequencia: Transporte e Exclusão.



Figura 28-: Transporte e Exclusão: Autor Sara.



Figura 29-Transporte e Exclusão: Autor Sara.



Figura 30-Transporte e Exclusão: Autor Sara.



Figura 31-Transporte e Exclusão: Autor Sara.

Após a exibição das fotografias acima grande parte dos alunos expectadores queria expor suas ideias sobre o cenário apresentado, tivemos que acalmar a turma novamente para que cada um pedisse a palavra, onde todos pudessem ouvir um de uma vez. A explanação dos alunos expectadores era unânime, todos relatavam seus descontentamentos com as infraestruturas as quais eles estão submetidos no contexto do transporte por bicicletas.

Tentamos mediar de maneira organizada onde cada aluno pudesse relatar suas experiências de vida, como ator incluso no cenário em questão, pôde observar que todos ali presentes, ou a grande maioria, utiliza do meio de transporte e lazer da bicicleta.

Na fala da maioria dos alunos estava descrito a indagação de porque a bicicleta não é valorizada no planejamento urbano da Lagoa da Conceição, o fato de não possuir nenhum tipo de ciclovias foi o fator mais abordado entre todos que se manifestaram.

Durante o alvorecer da questão, tentamos buscar as diferentes opiniões, as falas, justificativas, novas ideias, análises espaciais, sugestões e soluções para a demanda em questão.

Mas uma vez percebemos a indignação da grande maioria com o predomínio do meio de transporte automobilístico motorizado, e o descontentamento com o suporte estrutural urbano ao qual estamos inseridos nesse contexto.

Dialogamos sobre diversos conceitos escolares da geografia, adentramos no debate sobre o poder das grandes indústrias multinacionais e sua respectiva influência na organização espacial de Florianópolis, a turma estava bem unida nos discursos, contra essa insuficiência do transporte público e o descaso com os transportes alternativos.

A surgir à indagação, porque a Lagoa da Conceição sendo um ponto turístico, rotulada de local de prática de esporte, boa qualidade de vida não possuía se quer uma ciclovía? A maioria dos alunos entendia o que se passava, mas tinha dificuldades em explicar o porquê deste fenômeno, apenas falando que os políticos são ladrões.

Na abordagem sobre a ciclovía tentamos fazer o exercício da imaginação de como seria a lagoa da conceição com ciclovias interligando-a com os diferentes bairros de seu entorno. Nessa tentativa de formação de um novo espaço percebemos que todos relatavam opiniões que formariam um melhor espaço social para a região, não foi dita uma palavra se quer contra as ciclovias, pelo contrário, todos ali presentes descreviam um ambiente melhor, mais humanizado, menos degradante, mais saudável e auto-sustentável.

Na descrição dos casos pessoais de cada aluno, relatando sua vivência inclusa no uso das bicicletas, foi relatado a preocupação com a segurança do ciclista e como é difícil você conseguir se locomover através de duas rodas nas mediações da Lagoa. Muitos relataram já ter sofrido acidente, uns descreveram ter presenciado acidentes, todos demonstraram preocupados com a temática em questão, descrevendo o descaso dos outros meios de transporte sobre a bicicleta.

Tivemos descrições de fatos ocorridos em que motoristas de carro mesmo estando errado desprezavam e muitas vezes questionavam os alunos por estarem andando em lugar ao qual não era priorizado o meio de locomoção da bicicleta.

Muitos alunos que ali estavam relataram o uso da bicicleta como seu meio de transporte de casa para o colégio, muitos ali moradores da costa da lagoa, descreveram que vão de barco até o trapiche e continua seu percurso até o colégio de bicicleta, ou seja, não é só um meio de lazer e sim um meio de locomoção muito utilizado por todos ali presente.

Durante este momento de dialogo surgiu também à indagação sobre as ruas da lagoa da conceição não possuírem calçadas adequadas, umas quebradas, outras com braços, outras com espaço que não são suficientes para uma pessoa se quer transitar. Ouve também o questionamento da localidade não possuir um local apropriado para a prática do skate, muitos questionavam que o skate também é um meio de transporte.

Através deste cenário apresentado pelos alunos conseguimos permear por muitos vieses da geografia e debater o que realmente acontece no entorno da localidade em questão, como está sendo o

dinamismo do espaço geográfico em questão, de como algumas questões são tão importante para a vida de nossos alunos.

5- CAPÍTULO- ANÁLISES DOS RESULTADOS

5.1 – IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Na questão do ensino de Geografia, dialogando perante aos usos das imagens fotográficas nos livros didáticos, relatamos que grande parte destas imagens possui características semelhantes demonstram aspectos intrínsecos ao espaço estudado. Isto nos levou a refletir em uma abordagem metodológica, ou melhor, se a análise da imagem fotográfica pelos professores e alunos não for aprofundada, não houver um estudo sobre os dispositivos de interpretação, estas imagens Geográficas podem cair em um uso clichê. Obtivemos este anseio por não concordarmos com grande parte das imagens fotográficas geográficas apresentadas nos livros didáticos, essas imagens em suma possuem credibilidades um tanto quanto questionáveis, os cenários focalizados nestas representações estão generalizando e excluindo grande parte das culturas locais brasileiras. A fotografia normalmente apresentada por um espaço geográfico é “real”, mas não contempla a realidade espacial como um todo, e isto é a peça chave deste estudo.

Concluimos que algumas representações visuais apresentam características semelhantes, às vezes idênticas em se tratando de em uma abordagem cultural e espacial. Esse recorte espacial semelhante apresentado nas fotografias estudadas, por tanto, acaba excluindo muitos outros elementos, gerando assim, uma concepção de espaço equivocada e indutiva sobre a concepção Geográfica do meio em questão.

Como já mencionado no decorrer do trabalho, retomamos nossa abordagem sobre o adentra mento em sala de aula e perguntarmos para nossos alunos, como é o sertão nordestino? Recebemos quase sempre as mesmas respostas, *é seco, tem pobreza, não há água, não tem nada*. Como eles adquiriram esses conhecimentos?

Refletindo sobre as questões problematizadas concluimos que grande parte deste conhecimento adquirido por tais alunos se dá processualmente pela utilização de imagens fotográficas utilizadas na geografia, sendo que a interpretação se dá pela representação das paisagens e espaços constituintes dos cenários estereotipados. Acreditamos que a utilização da foto-sequência pode nos fornecer grande subsídio metodológico para desmistificar um pouco o caráter estereotipado de espaços e realidades geográficas, visto que o próprio aluno representa e apresenta o espaço geográfico por sua visão. Ao aluno saber que a fotografia é dar foco a algo, e excluir muitos outros

elementos, já terá a noção de que nem tudo representado em uma imagem representa o todo daquilo fotografado.

Também não pretendemos desqualificar a importância das fotografias dos livros didático, nem tão pouco desconsiderá-la como parte de um processo de construção do conhecimento, principalmente por perpassar cenários dos qual grande parte dos estudantes só teriam conhecimento pelo meio imagético. Mas objetivando a fotografia como fator processual, metodológico e pedagógico da geografia escolar, considera a necessidade de desenvolvimento crítico do porque tais fotografias estejam ali, naquela página, abordando tal conceito, e acreditamos que ainda não está sendo pensada de maneira satisfatória em sala de aula.

Nas fotografias que utilizamos neste estudo percebemos que algumas poderiam estar ali sem ao menos pensarmos em seu contexto de mensagem, ou seja, o que ela realmente quer nos dizer. Lembramos que o uso da fotografia pode constituir em uma grande experiência devolutiva, e não, mais um aspecto decorativo no ensinar.

Este questionamento sobre as representações fotográficas utilizadas no ensino de Geografia faz-se necessário ao pensarmos que raramente os professores utilizam métodos de análise fotográficos junto aos alunos para contemplação de suas aulas, mesmo quando o foco de estudo é direcionado ao lugar ou cotidiano que o aluno está inserido.

As fotografias analisadas tendem a ser um registro automático de um espaço, no entanto, sem uma análise sem aprofundamento. Neste caso a própria fotografia pode funcionar como uma condição de armadilha ideológica, sugerindo ao espectador a aceitar a perspectiva legítima de representação e crer que a fotografia é mesmo um registro do real. Tentar desmistificar esse contexto por um processo mais analítico da imagem pode ampliar o potencial científico imposto em uma fotografia sobre a Geografia escolar. Nosso estudo gerou um posicionamento de questionarmos a verdade imposta pela imagem, de sua intencionalidade, por um lado de não aceitação imediata das representações estudadas, não está somente viés ao quais fazem parte, mas também no contexto, no focar e excluir dos cenários.

Elencamos alguns tipos de fotografias as quais tivemos contato e poderíamos assemelhá-las a um contexto estereotipado representações, tais quais relativas a gêneros, divisões regionais, classificações econômicas, etnias, cultura, formações espaciais, espaços urbanos, em diversos âmbitos Geográficos. Essa insuficiência informativa e de linguagem direcionada a certos elementos de uma paisagem, e não sobre

sua complexidade tende a ter uma característica contraditória em sua representação, podemos pensar que isso também ocorre pela sua.

Em nossa análise das regiões Brasileiras pelas fotografias expostas, percebemos elementos dos quais realmente pertencem às regiões abordadas, no entanto, não contemplam os diversos outros que não estão inseridos na mensagem visual fotográfica.

Como mencionado na abordagem fotográfica da região Sul, ressaltamos onde grandes partes das imagens fotográficas representam a pecuária relacionada às tradições gaúchas, em uma representação espacial de único, sim, são elementos marcantes da região, mas esta descrição paisagística e a abordagem textual das mesmas estão excluindo os demais cenários que poderíamos problematizar no estudo de geografia. Observamos que neste contexto de estudo parte dos alunos serão induzidos a acreditar que o Sul não há outras formas sociais, que não existem outras relações culturais, naturais e econômicas no local representado. Se não pensarmos as imagens com nossos alunos e somente as expor, levaremos a uma concepção espacial de espaço clichê.

Acreditamos que enquanto educador deve rever posicionamentos de certas fotografias as quais utilizamos nos livros didáticos, refletirmos sobre o que estamos representando no ensinar Geografia, questionarmos enquanto professores o que nossos alunos necessitam para obter uma maior compreensão dos espaços Geográficos. Conduzir a uma formação não equivocada, que fortaleça os valores democráticos e éticos junto aos conceitos centrais da Geografia.

É importante que fique claro que em nossa análise é no viés da reflexão entre a relação de estereótipo e imagem, não foi nossa pretensão elaborar uma análise detalhada qualitativa ou quantitativa das imagens pertencentes ao diversos livros didáticos. Indagamos os usos das fotografias, talvez à questão de mensagem estereotipada tenha uma maior relação com os métodos de ensino do que com sua própria representação, mas se pensarmos e excursionarmos em nossas aulas sobre o uso das imagens clichês podemos até desenvolver novas formas de concepções espaciais pelas mesmas imagens espaciais repetitivas.

A fotografia clichê tem se expandido cada vez mais no âmbito do ensino, e nos diversos meios de comunicação e ensino das concepções espaciais, e de escalas não compatíveis com a realidade dos locais. Confiamos no uso das fotografias no ensino de Geografia em sua essência para o conhecimento social de qualquer indivíduo, porém, a analogia das fotografias com espaços Geográficos não deve ser entendida como um empecilho para a compreensão das relações

espaciais seja em qualquer região. É importante desenvolvermos outros meios metodológicos de análise das fotografias, olharmos por um novo código visual. Temos que ultrapassar a intencionalidade que a mensagem visual nos propõe, e saber reconhecer o que é representar em partes um espaço Geográfico.

Concluimos que o ponto comum entre as diversas significações diferentes da palavra “imagem” nos remete, antes de mais nada, o da analogia, a idealização de sua compreensão está içada na necessidade de levar em conta alguns contextos da comunicação, da história de sua interpretação e de suas especificidades culturais. Querer analisar a imagem em um viés geográfico e pedagógico não estereotipado pode ser bem mais eficaz do que nossos objetos iniciais. Portanto, tentar decifrar, analisar, entender o espaço pelas imagens pode nos fornecer grandes resultados no âmbito da ciência Geográfica.

Esperamos que ao final deste processo, podemos contribuir com o vasto campo do ensino pertencente às diferentes metodologias, seja essa contribuição em forma de produção teórica ou prática, faz-se necessário darmos vez a essa temática junto às pesquisas acadêmicas nacionais.

5.2 - A METODOLOGIA PARTICIPATIVA DO USO DA FOTO-SEQUÊNCIA

Durante o planejamento pertinente a intervenção em sala de aula, acordamos o quão necessário seria partirmos de um pensamento conjunto entre educador e educando. Após toda caminhada pelos estudos teóricos de interpretação das imagens, não poderíamos desenvolver uma intervenção já pronta, fechada em uma realidade escolar. Pois então, a fim de contemplarmos nossos anseios buscamos embasamento na possibilidade de verificação enquanto método de ensino de geografia, em uma metodologia participativa da pesquisa.

Nosso norte de trabalho foi tendencioso a considerar nossos alunos além de meros receptores de imagens. No aprendizado coletivo consideramos que os conhecimentos e informações nos remeteram a experiências ímpares, envolvendo-os na discussão, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas cotidianas, através do uso das fotografias.

Destacamos que a metodologia participativa foi parte integrante onde professor e alunos envolveram-se de modo cooperativo e não mais hierarquizado, onde embasamos nesse método pela sua consolidação

apresentar características de participação efetiva dos alunos na construção do conhecimento.

Entendemos como foto-sequência à utilização sequencial de fotografias em um roteiro linear ou não, onde as seqüência imagéticas irão dar suporte ao conhecimento de conceitos e demandas trabalhadas pela geografia escolar, e todo esse processo foi dinâmico em sua consolidação. Os alunos das diferentes escolas poderiam de forma coletiva escolher a maneira mais propícia a desenvolver todo o percurso de construção do conhecimento pela foto-sequência.

O trabalho participativo nos propiciou uma possibilidade de investigar e suprir as distintas dificuldades pessoais de cada educando. Quando nós professor buscamos novos caminhos em nossas práticas, e selecionamos uma imagem junto a nosso planejamento de aula, faz-se necessário pensarmos um pouco sobre como iremos aplicar este recurso, analisar e contemplar pelo contexto do local ao qual estamos inseridos.

É importante ressaltar, em algumas etapas do trabalho, tivemos que tomar a frente das decisões, mas isso se faz necessário dependendo da realidade e das decisões de todo um coletivo, não houve imposições rígidas, fixas e fechadas, pelo contrário todo o processo de conhecimento foi aberto ao diálogo, alguns destes, pelas turmas não chegarem a um consenso teve que nos posicionar com a orientação final.

Nas duas turmas as decisões foram semelhantes, mas não foi idêntica, trabalhar com educação sempre nos remete a compreender as diferenças e somos desafiados constantemente a tomar distintos caminhos para conseguirmos os mesmos objetivos.

Uma questão importante a ressaltar foi de termos feito todo planejamento participativo, sendo que os alunos ainda não tinham um pensamento formado do que seria a foto-sequência, apesar de já termos explicado e exemplificado ainda não haviam praticado esse método em sua formação escolar. Isso nos causou um pouco de receio, pois muitos argumentos dos quais surgiam não condiziam com a proposta a qual tínhamos objetivado.

O surgimento de ideias que não condiziam com nosso trabalho foi um desafio ao propormos a construção participativa do trabalho, por exemplo, o de construir foto-animação, isto não era objetivado em nossa pesquisa, assim tivemos inúmeras vezes relatar aos alunos até onde poderíamos pensar em nossa proposta de estudo, para que não se perdesse em diferentes formas de construção de conhecimento da geografia através das imagens.

Os diferentes alunos puderam contribuir e debater sobre os seguintes itens: descrição das diretrizes, escolha do tema, planejamento

das atividades, elaboração do Roteiro fotográfico, campo e percurso, confecção das fotografias 3 a 8 fotos, edição e manipulação e organização das fotografias, apresentação em aula, produção escrita de todo o percurso do trabalho. Outros itens também foram decididos coletivamente, mas os principais, o que deram o corpo do trabalho foram esses.

O trabalho participativo foi um desafio e tanto, não é fácil chegarmos a um consenso trabalhando em um número de quase quarenta pessoas, são muitas as opiniões as discórdias, anseios e desejos. Mas não conseguimos nem quantificar o quão foi produtivo esse processo, os alunos incorporaram de fato na produção do trabalho, acreditamos que todos sentiram mais valorizados por poderem contribuir, ou até mesmo desenvolver um trabalho que parte de seus próprios interesses.

Acreditamos que por essa liberdade de escolha os alunos construíram um sentimento maior de responsabilidade na execução do trabalho, pois os desafios aos quais eles foram submetidos partiram de suas próprias decisões.

Consideramos todo o processo participativo o eixo central do trabalho, sem ele não poderíamos chegar às conclusões e as foto-sequência expostas nesta pesquisa, relatamos que esse processo demanda de muita paciência e mediação, mas também é importante descrever que assim o professor acaba por dividir a responsabilidade do trabalho com toda a turma, pois todo o processo de decisões foi coletivo.

5.3 - AS POTENCIALIDADES DAS IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO EM GEOGRAFIA.

Construindo uma lógica sequencial de nossa pesquisa, podemos dizer que partimos da busca do entendimento do conceito de imagem, o que é uma imagem? Tentamos entender alguns dispositivos de análise das imagens, voltando sempre para um contexto de compreensão dos diferentes conceitos geográficos. Observamos a ligação intrínseca existente entre imagem e geografia, e tentamos dialoga um pouco como elas estão sendo trabalhadas e produzidas no âmbito da geografia escolar.

Identificamos o contexto de representar ao qual está incumbido nas imagens, perpassamos de maneira simplificada pela epistemologia da geografia até os usos tecnológicos as quais as imagens são trabalhadas pela geografia.

Ficou evidente que contextualizar conceitos geográficos por analogia é um artifício primordial de nós geógrafos. Somos dependentes do entendimento de estudos de representações para pensarmos o mundo, por diferentes dispositivos, o uso e análise de imagens como forma de subsídio para explicações espaciais de um mundo geográfico não se dá diferente.

Partimos do pressuposto que novas interpretações por métodos de análise representam um ponto forte ao se trabalhar uma imagem no ensino de Geografia escolar. Durante nossa vivência de estudo e prática foi identificada que a função da imagem se dá além do explícito, sendo exercício indispensável para sua análise.

Acreditamos que nosso exercício de análise das imagens representa um fator determinante ao tentarmos suprir uma demanda que a Geografia possui há tempos, a de utilizar-se de imagens estereotipadas para explicar relações espaciais bem mais complexas. Esse contexto nos levou as reflexões de como podemos entender conteúdo se direcionamentos, fator concomitante para o aluno possuir uma compreensão do que a imagem quer lhe representar.

Como descrito à imersão pelo conhecimento e formação da Geográfica por meio de representações imagéticas está presente em todos os níveis de ensino, em diferentes temas, conteúdos e problemáticas, no entanto, consideramos que existe a necessidade de estamos contemplando ideologicamente a realidade espacial geográfica explicitada de uma maneira mais investigativa, participativa e não apenas na forma de exposição.

É evidente que não estamos dando vez para as potencialidades das imagens, nem aos alunos produzirem suas imagens geográficas, sendo que no âmbito escolar poderíamos conquistar uma potencialidade para o desenvolvimento do conhecimento da geografia escolar.

A análise imagética nos remete a diferentes eixos de interpretações e análise do espaço geográfico, fornecendo-nos novas formas de visão e linguagens, consequentemente novas conclusões fora de um âmbito estereotipado. Esta abordagem sobre as imagens pode nos propiciar respostas frente nossa relação com o espaço geográfico, compreender as potencialidades da imagem é o mesmo que ser alfabetizado em outra linguagem. Recorrer às imagens pode ser um auxílio, as representações em formas de imagens podem nos fornecer um embasamento prévio de diferentes realidades as quais não estamos em afinidade, ou até mesmo as quais ainda não temos conhecimento.

Concluimos que as imagens são uma fonte problematizadora para o estudo da geografia, mas elas por si só não podem nos auxiliar,

necessitamos ser mais investigativos, buscar novas formas de interpretação e análise, voltamos nossa docência para a investigação aprofundada, incluímos as imagens em nossos métodos de estudos, contemplarmos novos exercícios de interpretação e produção de imagens, abordarmos os diferentes contextos das imagens, investigarmos suas representações.

Trabalhar com as imagens, em especial a fotografia pelo foco do próprio aluno gera uma potencialidade que ainda nem temos como relatar as contribuições que podemos formar na construção do conhecimento e formação de cidadão. O aluno ao conceber sua imagem está trazendo para a sala de aula a representação de conceitos, acontecimentos e fatos ao quais ele está em contato fora do contexto escola. Essa representação do seu entorno nos fornece grandes subsídios para adentrarmos a conceitos da geografia de maneira mais concreta, onde os próprios alunos expõem seus anseios, contribuindo para sua formação básica em geografia.

Não há dúvidas que necessitamos educar nossos olhares como educadores em relação às imagens que estão constantemente sendo bombardeados, e assim, desenvolvermos um senso crítico e investigativo em nossos educando. A construção do conhecimento pelo viés colaborativo e participativo pode nos fornecer uma inclusão no letramento da leitura das imagens.

6- CAPÍTULO – CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notória a insuficiência de trabalhos acadêmicos em especial da geografia que dialoguem com a temática da análise e utilização das imagens nos diversos graus de ensino brasileiro. Enfatizamos a dificuldade encontrada em buscarmos embasamentos teóricos sobre métodos de análise e definição de conceitos sobre a temática. No âmbito da atuação e prática em sala de aula, percebemos que cada professor trabalha as imagens de acordo com seus ideais, se necessitar de estudos acadêmicos para auxiliar suas práticas durante seu percurso certamente terá grandes dificuldades em encontrá-los.

Na questão da autonomia do aluno em produzir suas imagens as quais irão trabalhar em sala de aula também ressaltamos a falta de estudos sobre essa demanda, sendo assim acreditamos que esse processo de construção do conhecimento servirá de subsídio e quem sabe uma diretriz para aqueles que pretendem imergir nessa temática.

Durante todo esse processo de exposição de imagens e diálogos, direcionamos a aula de acordo com a estrutura das referências bibliográficas desta pesquisa, mesmo sendo limitada. Iniciamos nosso trabalho com uma busca sobre o conceito de imagem junto aos alunos, problematizamos a respeito do conceito de imagem, do real e representado, sempre pensando em um âmbito pedagógico das imagens, como parte processual na formação de qualquer indivíduo.

Em se tratando da proposta prática de análise das imagens percebemos o quanto nossos alunos possuem dificuldades em interpretação das imagens, foi necessário muito treinamento e exercícios de reflexão para que pudéssemos construir um coletivo mais investigativo do que meros receptores de imagens.

O trabalho de questionamento das imagens foi fundamental para conseguirmos que nossos alunos representassem em suas foto-sequência as diferentes ações e cenários que iríamos debater com o auxílio dos conteúdos geográficos, formando assim novas concepções de aprendizado das quais eles estão acostumados na estrutura de ensino escolar.

Ainda no processo iniciação da análise das imagens conclui-se que além da dificuldade de interpretação grande parte dos alunos não consegue refletir o porquê das imagens, ou melhor, ainda não perceberam ou foi orientado que esse viés é parte fundamental para a construção do conhecimento científico. Ficou notório que quanto mais aprofundamos na análise das imagens mais os alunos questionavam o

porquê das imagens, tentando desmistificar o contexto de real e assimilando o foco e recorte dado a uma imagem enquanto parte de um todo.

Após essa etapa adentramos no campo “real” da geografia, buscamos reconhecer como a epistemologia da geografia amparava-se nas imagens, tentamos entender o processo histórico e sua vinculação, produção e utilização de imagens ditas geográficas. Focamos nossos esforços a tentar compreender como as imagens seguiram essa evolução científica junto à geografia por séculos como técnica e resultado de pesquisas, pelos diversos conceitos de diferentes épocas.

Durante a exposição de realidades históricas que fazem parte da consolidação epistemológica da geografia, percebemos como essa temática é fundamental para o entendimento do porque a geografia é uma ciência da educação básica. Durante essa incursão de estudo tivemos grandes potencialidades expostas na formação do conhecimento coletivo, vimos que essa temática gera um grande interesse por parte dos alunos, ainda mais sendo trabalhada por imagens histórias, relacionando com os diferentes processos históricos do mundo.

Trabalhamos a questão do estereotipo incluso nas fotografias geográficas; questionamos os espaços clichês, mais dialogamos do que concluímos teorias, todo esse processo foi fundamental para adentramos ao tema inclusão das imagens como método de ensino. Essa imersão no contexto e reflexão das fotografias estereotipadas inclusas nos livros didáticos forneceu um grande propósito para os alunos captarem as suas fotografias por um olhar do seu local, ressaltando as problemáticas as quais eles queriam debater em sala de aula, partindo de um debate da escala geográfica do local para o global.

Este exercício feito sobre o significado de representação das fotografias dos livros didáticos selecionados foi útil na medida em que começamos a pensar como seria nossa abordagem das fotografias em nossa prática de proposta de aplicação. Por qual viés da fotografia queríamos seguir, buscamos sempre tentar representar por fotografias o olhar do próprio aluno, onde cada um tentasse se representar por fotografias, os diferentes anseios do espaço ao qual ele estava inserido, e não mais uma mera ilustração de um ambiente ao qual às vezes ele nem conhece ou se identifica com pessoa atuante.

O debate sobre as imagens atualmente trabalhadas na geografia e sua representação como o real, pode fornecer um potencial para os alunos quando se disponibilizaram a tirar suas próprias fotografias, muitos relatam que sua fotografia também era o real e não apenas uma imagem sem sentido. Esse processo deu confiança para que cada grupo

acreditasse que as suas fotografias apresentadas era parte de um processo de estudo, onde seriam avaliados e construiriam mais uma etapa de sua formação científica básica relativa ao contexto da geografia escolar.

O processo metodológico participativo foi à peça chave para o desenvolvimento das fotografias, conseguimos através de muito dialogo chegar a um consenso do que deveríamos fazer para que nossa proposta fosse única mais cada qual com suas especificidades. Por evidenciarmos essa proposta de maneira aberta e participativa, acreditamos que os alunos sentiram-se parte integrante da pesquisa, demonstrando dividir a responsabilidade de todo o trabalho, onde agora não é o professor que delimita os fazeres, ao contrário eles próprios designaram as demandas a serem supridas, objetivando os passos a serem contemplados para a concretização do trabalho.

Através do processo metodológico participativo os alunos puderam desenvolver a característica de autonomia da pesquisa, os mesmos construíram seus roteiros, vincularam as fotografias aos conceitos da geografia, representaram suas demandas locais de vivencia fora da escola em forma de problematizarão na disciplina de geografia fundamental.

Descrevendo sobre as foto-sequência já produzidas e suas apresentações, como já mencionado, permeamos por diversos conceitos da geografia, por realidades das quais não estão descritas nos livros didáticos nem tão pouco nos Fins da geografia.

Durante as apresentações dos trabalhos percebemos que essa experiência foi muito significativa para os alunos, o tempo de apresentação foi curto perante os anseios e a vontade de debate e diálogos por parte dos alunos. Acreditamos que todo o processo desde o planejamento até as apresentações só tivemos ganhado perante a compreensão dos conceitos geográficos.

Após o término do trabalho grande parte dos alunos queria refazer novamente essa prática argumentando que agora estavam mais preparados para desenvolver melhor suas ideias através de representação fotográficas. É difícil relatar em palavras todo esse processo de estudo, representado por afetividade, desavenças, anseios, e muito mais dedicação e perseverança no produto final.

Não sabemos se seria possível relatar o quanto essa experiência contribuiu em partes para a formação do conhecimento dos alunos, pois esse processo é dinâmico e não quantitativo, mas acreditamos que como qualquer pessoa se recorda de uma atividade escolar, essa será marcada

na vida de alguns destes alunos, pois quando encontro com tais pela rua a fala é sempre voltada para a recordação desta atividade proposta.

Demonstrar como podemos representar aquilo que focamos, e até mais, em análise de uma imagem como podemos “visualizar” elementos não presentes na mesma imagem, buscamos reflexões sobre a construção destas memórias pelas imagens, nos servem de auxílio para com o estudo das imagens em um âmbito geográfico.

Acreditamos que a academia necessita voltar mais seus olhares para as abordagens atuais da imagem, e a Geografia enquanto ciência ou campo do conhecimento não pode ficar desatento a esta questão, somos formadores de cidadãos e de opiniões, necessitamos gerar uma compreensão de mundo mais ampla e um mundo adepto a novas leituras. Está pretensão de alcançar uma análise das imagens junto à geografia, é um processo árduo, dinâmico e desafiador, mas, esta aplicação pensada em um caráter pedagógico, pode fornecer grande auxílio ao ensinar geografia. Acreditamos que com esta pesquisa tivemos a oportunidade de dialogar junto às potencialidades da fotografia no ensino de geografia escolar, debater sobre alguns entraves coerentes à imagem quando trabalhada em clichês.

Talvez para o leitor deste trabalho as conclusões não sejam suficientes perante seus anseios de utilização das fotografias em sala de aula, podemos até justificar que estávamos mais interessados no processo de construção do conhecimento das foto-sequência do que nos próprios resultados esperados.

REFERÊNCIAS

- ARARIBÁ, Projeto. **Geografia**: ensino fundamental 7º ano. 2º Ed, São Paulo: Moderna, 2007, p. 164-186.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**: (Trad. Estela dos Santos Abreu). Campinas: SP: Papirus, 1993, p. 331.
- BRASÍLIA. Secretaria de educação fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais**: *Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: Castrogiovanni; A.C.; Callai, H.C.; Kaercher, N.A. (Org.). Ensino de Geografia - práticas e textualizações no cotidiano. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2000
- CALLAI, H. C. **A formação do Profissional da Geografia**: Ijuí: Unijuí, 1999.
- CASTELAR, Sonia; MAESTRO, Walter. **Geografia 7º ano**: São Paulo: Quinteto Editorial, 2006. p.126-220.
- CASTRO, Josué. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro, pão ou aço? Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola: Campinas, SP: Papirus, 2012.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção do conhecimento. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- CAZZETA, Valéria. O status de realidade das fotografias aéreas verticais no contexto dos estudos geográficos. **Pró-Posições** - Revista Quadrimestral da faculdade de Educação, UNICAMP: V 20, n.3, p. 62-71, set/dez, 2009.
- CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**: tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta – Florianópolis: Ed da UFSC, 2011.

COSTA, Maria Helena B. V. da. Espaços de subjetividade e transgressão nas paisagens fílmicas. **Pró-Posições** - Revista Quadrimestral da faculdade de Educação, UNICAMP: V 20, n.3, p. 88-109, set/dez, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DAVID TRIPP. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

DELEUZE, Gilles: **A imagem-tempo**: (Trad. Eloísa de Araújo Ribeiro). São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 338.

DUBBOIS, Philippe. **O ato fotográfico** e outros ensaios. Tradução Marina Appenzeller. – Campinas, SP: Papirus, 1993.

EDLER, Carvalho Rosita. **Educação inclusiva**: com os pingos nos is. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação**: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 27.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1996. p.152.

LENZI, Lúcia Helena Corrêa. **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis, SC: NUP/CED/UFSC, 2006. 297p. (Coleção cadernos CED ; 9) ISBN 8587103288

KAERCHER, N. A. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia**: Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

MANTOAN, Maria Tereza Égler. Espaço. **Informativo técnico-científico do INES**, nº 13, Rio de Janeiro: INES, 2000.

_____. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MASSEY, Doreen Barbara. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 4 Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA Jr, Wescleslão Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pró-Posições** - Revista Quadrimestral da faculdade de Educação, UNICAMP: V 20, n.3, p. 17-28, set/dez, 2009.

PIRES, Valquíria; BELLUCCI, Beluce. **Projeto radix: geografia, 7º ano**. São Paulo: Scipione, 2009, p. 130-143.

PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA. **Para ensinar e aprender geografia**: São Paulo: Cortez, 2009.

PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de (org.). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

RIBEIRO, Leticia P; ARDILA, Ana Marcela; GÓIS, Marcos: **Oficina**: Metodologias visuais aplicadas à pesquisa dos espaços públicos. Ministrada por: Grupo Território e Cidadania, UFRJ. 04 a 06/05/2011, UFSC, Florianópolis. (material utilizado na oficina, em slides).

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção – 4 Ed. São Paulo: USP, 2009.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTAELLA, L; NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SEEMANN, Jorn. Arte, conhecimento geógrafo e leitura de imagens. **Pró-Posições** - Revista Quadrimestral da faculdade de Educação, UNICAMP: V 20, n.3, p. 30-43, set/dez, 2009.

SKLIAR, Carlos. **Educação & exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação. 1997.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**: (Trad. Joaquim Paiva) Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.